

Rampa

O SABIO
DO
TIBETE





Rampa

O SÁBIO
DO
TIBETE



Lobsang Rampa

O Sábio do Tibete

**Tradução de
Francisco Manoel da Rocha Filho
2a EDIÇÃO**

Editora Record

Título original inglês

TIBETAN SAGE

1980

Copyright (C) by T. Lobsang Rampa

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa em todo o mundo adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S/A

Rua Argentina 171 20921 Rio de Janeiro, RJ que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

Sumário

[Sumário](#)

[Prefácio](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Epílogo](#)

[Notas](#)

Prefácio

Quando, há poucos anos atrás, escrevi em A Terceira Visão que eu tinha voado em papagaios, as pessoas não me levaram a sério e zombaram. A impressão era a de que eu cometera um grande crime ao dizer isso. Mas agora — bem, agora é só olhar para cima e podemos ver pessoas voando em papagaios. Alguns destes erguem-se a boa altura sobre as águas rebocados por um barco veloz. Outros ainda são pilotados por um só homem, que se coloca sobre a borda de um penhasco ou outra elevação de terreno, e a seguir salta e se põe realmente a voar num papagaio. Ninguém diz agora que Lobsang Rampa tinha razão, mas certamente não ligaram quando eu escrevi acerca de voar num papagaio. Há um bom número de coisas que eram tidas como "ficção científica" há poucos anos atrás, mas agora... bem, agora são quase ocorrências diárias. Nós podemos contar com um satélite espacial, e em Londres podemos captar os programas de televisão produzidos nos Estados Unidos ou no Japão. Eu predisse isso.

Também podemos ver, agora, um homem, ou melhor, homens, caminhando na superfície lunar. Todos os meus livros são verdadeiros, e aos poucos a verdade que encerram tem sido provada.

Este livro não é uma novela. E não é ficção científica.

Representa a verdade absolutamente pura e simples do que me aconteceu, e de novo reitero não haver nenhum exagero por parte do autor nesta obra.

Digo que este livro é verídico, mas vocês podem, se assim desejarem, toma-lo como ficção científica ou algo nesse género. Bem, tudo ótimo, vocês têm toda a liberdade de se divertirem e classificá-lo de ficção científica, e talvez antes que tenham realmente terminado de ler este livro algum fato venha a ocorrer que irá provar a veracidade de meus escritos. Mas eu lhes direi agora que não responderei a quaisquer perguntas acerca deste livro. Tenho recebido uma correspondência muito volumosa acerca dos

outros livros, e meus correspondentes nem sequer anexam os selos para a resposta e, com as tarifas postais altas como estão atualmente, algumas vezes é mais oneroso responder à carta de um leitor do que o que lhe custa para adquirir o livro.

Bem, aqui está o livro. Espero que gostem dele. Espero que o achem verossímil. Se não o considerarem como tal, é possível que não tenham ainda alcançado o estágio necessário de evolução.

Capítulo I

LOBSANG! LOBSANG! Eu parecia emergir das profundezas de um sono provocado pela exaustão. Aquele dia tinha sido terrível, mas agora bem, eu estava sendo chamado. De novo a voz irrompeu: Lobsang! Mas de recente senti uma agitação a meu redor, abri meus olhos e pensei que a montanha ia desabar sobre mim. Alguém estendeu a mão e com um arrancão me removeu de meu recanto de repouso e me trouxe rapidamente para o outro lado, bem a tempo, realmente, porque uma rocha maciça, com as bordas afiladas, já deslizava atrás de mim e já rasgara minha túnica. Rapidamente me pus de pé e meio zozzo acompanhei quem me salvara até um pequeno ressalto ao fim do qual havia um eremitério bem pequeno.

À nossa volta pedras e neve vinham descendo da montanha. Subitamente, vimos a figura inclinada do velho ermitão movendo-se em nossa direção tão depressa quanto podia. Mas não pôde alcançar-nos, pois uma gigantesca massa de rochas rolou do alto da montanha e levou de roldão o eremitério e o ermitão, e a rocha saliente em que o refúgio estava instalado. A rocha tinha cerca de sessenta metros de extensão, e foi varrida como uma folha o é durante uma ventania.

Meu guia, o Lama Mingyar Dondup, estava me segurando firmemente pelos ombros. Em nossa volta havia a escuridão, nem um cintilar de estrela, nem o brilho leve de uma vela tremeluzindo nas casas de Lhasa. Tudo estava escuro.

Repentinamente formou-se uma verdadeira barragem de pedras imensas, areia, neve e gelo. O ressalto sobre o qual estávamos tão precariamente postados inclinava-se na direção da montanha, e nos sentimos deslizar, deslizar, com a impressão de um escorregar sem fim, e finalmente viemos a nos chocar com terreno sólido. Penso que por instantes tudo se apagou à minha volta, porque então subitamente recuperei os sentidos de novo, passando a refletir

sobre as circunstâncias que tinham motivado nossa ida àquele eremitério tão distante.

Nós tínhamos estado no Potala entretendo-nos com um telescópio que fora presenteado ao Dalai Lama como uma amostra das boas intenções de um cavalheiro inglês. De repente, vi flâmulas de alerta tremulando no flanco da montanha, bem no alto. Pareciam estar ondulando para significar uma espécie de código. Rapidamente passei o telescópio a meu guia e apontei para as flâmulas ondulantes. Ele ficou parado, o telescópio enfocando a parede rochosa da parte mais alta do Potala. Permaneceu por algum tempo olhando fixamente, e então me disse: O ermitão está necessitando de ajuda, ele está doente. Vamos informar ao prior e dizer-lhe que estamos prontos para ir lá. — Bruscamente ele fechou o telescópio e o passou para mim, dizendo que eu o colocasse de volta do depósito das dádivas especiais recebidas pelo Dalai Lama. Eu me apressei a obedecer, carregando o instrumento, tomando cuidado para não tropeçar e deixar cair aquele telescópio, o primeiro que eu já tinha visto até então. E a seguir, saí e enchi minha sacola com cevada, verificando se minha isca de fazer lume estava em forma, e então fiquei a andar de um lado para outro à espera do Lama Mingyar Dondup.

Logo ele aparecia trazendo duas trouxas, uma delas grande e pesada sobre seus ombros e outra menor, que colocou sobre meus próprios ombros.

- Nós iremos a cavalo até o sopé da montanha, e então teremos de fazer os cavalos voltarem para casa e subir... subir. Será realmente uma penosa escalada, mas já a tenho feito antes.

Montamos a cavalo e seguimos a passo até onde o Anel Exterior de estradas contorna Lhasa. Logo alcançamos o cruzamento e, como sempre fazia, deitei um olhar de relance na direção da casa onde tinha nascido. Mas não havia tempo para pensar nisso agora, nós estávamos numa missão de socorro.

Os cavalos começaram a dar sinais de cansaço, a ofegar e bufar. A subida era algo além das suas forças, suas patas resvalavam nas

pedras. Por fim, após soltar um suspiro, o Lama Mingyar Dondup disse:

- Bem, Lobsang, os cavalos ficam por aqui. De agora em diante dependeremos de nossos pés fatigados.

Desmontamos e o lama deu umas palmadinhas nas ancas dos dois animais e os concitou a voltarem dali. Eles giraram e se puseram a trotar ao longo do caminho de volta, com ânimo renovado diante da perspectiva de irem para casa ao invés de terem que empreender a escalada. Ajeitamos nossas trouxas e checamos nossos pesados bastões, pois qualquer rachadura ou outra falha que se apresentasse poderia ser-nos fatal; e também verificamos as outras coisas que estávamos carregando. Tínhamos nossa pederneira e nossa isca de fazer lume, nossos suprimentos de boca, e assim, depois de examiná-los, sem um único olhar para trás, iniciamos a escalada, a difícil escalada daquela íngreme montanha rochosa. Esta parecia ser feita de vidro, de tão dura e tão escorregadia. Aferrávamos mãos e pés em qualquer pequena fenda e, aos poucos, esfolando nossas canelas e arranhando nossas mãos, abrimos caminho até um ressalto. Ali paramos por uns momentos a fim de recuperar o fôlego e nossas forças. Um veio d'água escorria de uma fenda na rocha e assim pudemos matar a sede, e a seguir fizemos uma frugal tsampa. Não foi muito saborosa, pois teve que ser preparada com água muito fria, e ali não havia espaço para fazer fogo. Mas após essa tsampa e uns goles d'água nos sentimos revigorados e conversamos sobre qual o caminho melhor para continuar a escalada. A superfície do terreno era lisa, e parecia impossível que alguém jamais pudesse subir até aquela fachada rochosa, mas procedemos como outros já tinham feito antes de nós. Aos poucos fomos avançando, centímetro por centímetro acima, e gradualmente a pequenina mancha que nos era visível tornou-se cada vez maior até que pudemos ver rochas separadas que formavam o eremitério.

O eremitério estava empoleirado sobre a extremidade de um contraforte rochoso que se projetava de um dos lados da montanha. Subimos esse contraforte encimando-nos, e depois, com imenso

esforço, alcançamos o lado do esporão rochoso onde sentamos por alguns momentos, respirando com dificuldade porque estávamos agora bem alto, acima da planície de Lhasa, e o ar ali era rarefeito e intensamente frio. Por fim, nos sentimos capazes de nos erguer de novo, e empreendemos nossa caminhada, muito mais facilmente dessa vez, até alcançarmos a entrada do eremitério.

O velho ermitão apareceu à porta. Olhei para o interior e me senti muito espantado com seu reduzido tamanho. Ali, realmente, não havia espaço para três pessoas e assim me conformei em permanecer do lado de fora. O Lama Mingyar Dondup me deu sua aprovação, e me afastei assim que a porta se fechou atrás dele.

A natureza tem que ser atendida todas as vezes em que se toma necessário, e algumas ela pode ser muito premente, assim andei em volta à procura de "instalações sanitárias". E exatamente na borda daquele ressalto rochoso havia uma rocha achatada projetando-se mesmo mais adiante. Havia uma cova bem conveniente ali que, como pude ver, fora feita por mãos humanas ou alargada pelo homem. Assim que me agachei sobre aquele buraco pude encontrar uma solução para algo que até ali estivera me intrigando em nosso caminho de ascensão tínhamos passado por montículos realmente singulares e que pareciam fragmentos amarelados de gelo, alguns deles se assemelhando a bastonetes de gelo amarelados. Agora me conscientizava de que aqueles montículos muito curiosos eram a evidência de que homens tinham vivido no eremitério por algum tempo, e eu, exultante, acrescentei minha própria contribuição... Satisfeita minha necessidade, vagueei por ali e achei a rocha excessivamente resvaladiça. Mas segui ao longo do caminho e fui ter ao que era evidentemente uma rocha móvel. Tinha o formato de uma lousa, e me perguntei sem qualquer legítimo interesse por que estaria aquela rocha naquela posição especial. Curioso como sou, examinei a rocha com uma atenção maior do que a habitual, e descobri que meu interesse crescera porque era claro que aquilo era obra humana, e no entanto como poderia ter sido provocada por mãos humanas? A rocha estava numa posição bastante estranha. Dei apenas um irrefletido pontapé

na rocha, esquecendo-me de que estava descalço. Assim, esfreguei meus pés feridos por alguns instantes e depois me afastei da tal rocha para examinar o lado oposto, aquele que eu e o lama tínhamos escalado.

Era absolutamente espantoso e quase inacreditável pensar que tínhamos subido até aquela fachada perpendicular. Esta se parecia com uma lâmina de rocha polida quando olhei para baixo, e me senti francamente nauseado ante a perspectiva de empreender a descida.

Abaixei-me para procurar às apalpadelas minha pederneira e a isca de fazer lume e me movi às sacudidelas para me conscientizar plenamente da minha presente situação. Estava ali, em alguma parte do interior da montanha, sem roupas, sem a vital cevada e minha tigela, além da pederneira. Devo ter murmurado alguma exclamação como a de um não-budista porque ouvi um sussurro: — Lobsang, Lobsang, você está bem?

Ah! Meu guia, o Lama Mingyar Dondup, estava ali comigo. Imediatamente eu me tranquilizei, e retruquei:

- Sim, eu estou aqui, penso que tonteei e caí, e perdi minha túnica e todos os meus pertences, e não tenho a mínima ideia de onde estamos ou de como iremos sair daqui. Vi que o lama estava caído, praticamente sob uma grande pedra. Precisamos de alguma luz para ver o que pode ser feito acerca de suas pernas, mestre.
- Eu conheço esta passagem muito bem ele disse. O velho ermitão era o guardião de grandes segredos do passado e do futuro. Aqui está a história do mundo desde seus primórdios até seu término. Fez uma curta pausa e então disse: Se você tatear a parede à sua esquerda e seguir adiante encontrará uma saliência na rocha. Então, se empurrar com força essa aresta a rocha deslizará para trás e lhe dará acesso a um grande recanto onde encontrará roupas de sobra e um bom estoque de cevada. A primeira coisa que tem a fazer é abrir o armário de parede e procurar pederneira e isca de fazer lume, e velas. Você as encontrará na terceira

gaveta da parte inferior. Se tivermos lume poderemos saber como ajudar um ao outro.

Com muito cuidado, contornei o ponto onde se achava caído o lama e então toquei a parede à esquerda da passagem. Parecia ser uma tarefa vã, a parede era excessivamente lisa, tão polida como se tivesse sido trabalhada por mãos humanas.

Mas quando eu estava prestes a desistir, meus dedos tocaram uma aresta rochosa. Na realidade, eu bati com os nós dos dedos naquela saliência, ralando-os. Mas empurrei e empurrei, conforme me dissera o lama, até pensar que seria incapaz de alcançar o que estaria no armário. Com um esforço maior, a rocha finalmente deslizou para um lado com um ruído assustador. Sim, ali estava à vista o armário de parede, e eu pude perceber as gavetas. Concentrei-me primeiro na terceira na parte de baixo. Ali estavam lamparinas de óleo, e localizei também a pederneira e a isca de fazer lume. Este estava bem seco e imediatamente fez fogo. Acendi o pavio de uma vela antes que a isca se extinguísse, pois já estava quase me queimando os dedos. — Duas velas, Lobsang, uma para você e a outra para mim. Há um grande sortimento delas aí, e suprimentos que durarão, se necessário for, para uma semana. O lama mergulhou em silêncio, e eu olhei em volta para ver o que havia no armário que nós poderíamos usar, e então vi uma haste metálica, de ferro a meu ver, e verifiquei que mal podia erguê-la. Mas me pareceu que com uma haste daquelas seria possível remover a grande pedra errática que caíra sobre as pernas do lama. Assim, voltei com a vela e disse ao lama o que eu pretendia fazer. Então, retomei para apanhar a barra metálica. Parecia ser o único meio de livrar meu guia e amigo da pressão exercida sobre ele por aquela pedra.

Acercando-me da grande pedra enfiei por baixo da mesma a ponta da barra metálica e, com o esforço combinado de mãos e joelhos, tentei ver como poderia usá-la como alavanca. Havia um grande número de pedras em volta, mas eu duvidava de minhas próprias forças. Afinal, mal conseguira erguer aquela barra simples, mas eventualmente me ocorreu outro recurso: se eu desse ao lama

uma outra barra ele poderia talvez empurrar uma pedra sob a rocha maior se eu conseguisse alçá-la um pouquinho. Ele concordou comigo, dizendo que aquilo seria possível, e disse:

— É a única coisa que podemos fazer, Lobsang, porque se eu não puder me livrar desta grande pedra meus ossos aqui ficarão para sempre; assim, vamos concentrar-nos nessa tentativa.

Encontrei uma pedra quadrada, conveniente para o caso, de uma espessura de quatro mãos juntas. Eu a coloquei no chão contra a pedra maior e então dei uma vara de madeira para o lama fazer a sua parte na tarefa. Decidimos que caso eu pudesse erguer a grande pedra o lama seria capaz de empurrar a outra pedra quadrada por baixo e isso nos daria uma folga suficiente para livrar-lhe as pernas.

Eu pousei o olhar atentamente na grande pedra onde ela se achava no solo para ver se havia algum ponto onde poderia inserir com segurança a barra metálica. Por fim encontrei tal lugar, e empurrei a ponta da barra o máximo que pude sob a rocha. Era uma coisa simples agora procurar e achar uma outra pedra que eu pudesse colocar sob a barra, próximo de sua ponta.

— Pronto — gritei quase ensurdecido com o eco então produzido, e forcei a barra para baixo com todas as minhas forças e todo o meu peso.

Mas não, ela não se moveu, eu não era forte o bastante; assim, descansei por um instante e a seguir olhei em volta em busca da pedra mais pesada que pudesse levantar. Quando a encontrei, tratei de erguê-la e a levei até à barra de ferro. Ali eu a equilibrei sobre a ponta da barra e coloquei todo o meu peso sobre a outra extremidade da barra, segurando esta ao mesmo tempo para impedi-la de sair do lugar. Para minha satisfação houve um leve ruído e um pequeno estremecimento, e então, lentamente, a barra moveu-se, baixando ao nível do solo. O Lama Mingyar Dondup exclamou: — Está tudo bem, Lobsang, eu retirei o bloco de pedra debaixo e você pode largar a barra agora, já podemos livrar minhas pernas.

Senti-me muito contente, e me movi para trás para o outro lado da grande pedra errática. Sim, as pernas do lama estavam livres agora, mas se achavam em carne viva e sangravam. E tememos que estivessem fraturadas. Muito devagar, com extremo cuidado, tentamos mover suas pernas, e o lama pôde movê-las assim que eu me abaixei e, de gatinhas, sob a grande pedra ligeiramente erguida, consegui alcançar os pés do meu guia. Então ele sugeriu que poderia erguer-se sozinho com a ajuda dos cotovelos, e tentar mover-se para trás enquanto eu ativava a circulação das solas de seus pés. Devagar, bem devagar, toquei seus pés e ficou evidenciado que, conquanto as lacerações da pele fossem profundas, não havia ossos quebrados.

O lama desistiu de tentar arrastar-se sozinho para fora daquela pedra enorme. Era algo muito difícil, e eu tive que puxar com todas as minhas forças agarrando-lhe os pés e dobrando suas pernas um pouco para evitar um afloramento de pedra sob a rocha. Esse afloramento, supus, fora a única coisa que evitara que as pernas do lama tivessem sido literalmente esfaceladas, e agora estava nos causando um problema. Mas por fim, com um longo suspiro de alívio, as pernas do lama ficaram inteiramente livres e eu engatinhei sobre a rocha para ajudá-lo a sentar-se num ressalto rochoso.

Duas pequenas velas não ajudavam muito, portanto eu voltei até onde estava o tal armário de parede e recolhi mais meia dúzia, usando uma espécie de cesta para carregar mais coisas.

Acendemos então todas as velas e examinei as pernas do lama cuidadosamente; estavam praticamente retalhadas. Dos tornozelos aos joelhos estavam muito raladas, e dos joelhos até os pés a carne fora muito afetada, pois tinha sofrido cortes profundos.

O lama me disse para voltar e apanhar alguns pedaços de pano que estavam numa caixa, e me pediu também para trazer um pote com uma pasta especial. Ele a descreveu com exatidão, e eu logo estava de volta com o pote, os panos, e mais umas poucas coisas. O Lama Mingyar Dondup ficou muito satisfeito ao ver que eu trouxera também um líquido desinfetante. Lavei então suas pernas

dos quadris até os pés e depois, por sugestão dele, tratei de recolocar no lugar devido as tiras de carne retalhadas, cobrindo os ossos das pernas. Estes se entremostravam muito nitidamente, assim eu os recobri com as camadas de pele esfolada e então "colei" a carne na posição devida usando o unguento que tinha trazido. Após cerca de meia hora o unguento se achava quase seco e as pernas do lama pareciam estar moldadas.

Rasguei alguns dos panos em tiras e enrolei estas em torno das pernas de meu guia para ajudar a manter o "emplastro" no lugar. Então levei todas as coisas que usara volta ao armário de parede, com exceção apenas das velas, oito ao todo. Acendemos seis e guardamos as demais no interior de nossas túnicas.

Apanhei do chão nossos dois cajados de madeira e os dei ao lama, que os aceitou gratificado. Então, eu disse:

— Vou me mover até o outro lado da rocha e assim serei capaz de ver como faremos para poder retirar o senhor daqui.

O lama sorriu e disse:

— Eu conheço tudo sobre este lugar, Lobsang, isto tem estado como está aqui há um milhão de anos, e foi construído por pessoas que originariamente povoaram este nosso país. Contanto que nenhuma rocha haja deslizado e bloqueado o caminho, nós estaremos em bastante segurança por uma semana ou duas.

Ele fez um gesto na direção do exterior e disse

— Acho improvável que possamos conseguir sair por aquele caminho, e se não pudermos escapar através de um dos orifícios vulcânicos, aí então, dentro de mil anos mais ou menos, alguns exploradores irão encontrar dois interessantes esqueletos sobre os quais terão o que conjecturar. Eu me movi adiante passando pelo enorme lado do túnel e o trecho onde se achava a rocha errática, e a passagem deixada ali era tão estreita que me perguntei como o lama poderia mover-se por ali. Ainda assim, conjecturei, onde há a força da vontade há um caminho, e cheguei à conclusão de que se eu me agachasse na parte baixa do ressalto o lama poderia

encarapitar-se sobre meus ombros. Assim numa posição mais alta, suas pernas e quadris poderiam passar pela protuberância maior do penedo errático. Quando sugeri esse recurso, ele se mostrou relutante, muito relutante, dizendo que seria pesado demais para mim, mas após umas poucas e penosas tentativas, o lama chegou à conclusão de que não havia realmente nenhum outro recurso senão aquele. Assim, eu empilhei algumas pedras sobre a rocha para achar uma posição melhor para me agachar. E então, quando me pus de cócoras, disse ao lama que estava pronto. Com muita rapidez, ele pousou um dos pés no meu quadril direito e o outro em meu ombro esquerdo. E num movimento muito rápido passou por sobre a rocha e se achou no trecho desimpedido, do outro lado. Eu me aprumei e vi que o lama estava transpirando muito devido à dor e ao receio de que pudesse me ter ferido.

Sentamos por alguns instantes para recuperar nosso fôlego e nossas energias. Não podíamos fazer uma refeição, pois tínhamos perdido nossas gamelas e também nossa cevada, mas me lembrei de ter visto tais coisas naquele armário de pedra. E uma vez mais retornei ao paredão rochoso e rebusquei até encontrar, entre as tigelas de madeira, uma melhor que reservei para o lama e uma outra para mim. Então limpei as duas, esfregando-as com areia fina que havia em abundância naquele túnel.

Deixei numa prateleira, lado a lado, as duas tigelas, e a seguir deposei nas mesmas uma quantidade adequada de cevada que retirei do que estava guardado no armário. Depois disso restava simplesmente a tarefa de acender uma pequena fogueira no armário embutido encontrara a pederneira e a isca necessárias, e lenha também e aí então, com uma porção de manteiga, que eu retirara do armário de pedra, fizemos a mistura glutinosa que chamamos de tsampa. Sem dizer uma palavra nos sentamos e fizemos aquela frugal refeição. Logo depois nos sentíamos muito melhor e aptos a caminhar.

Verifiquei nossos suprimentos, agora renovados graças ao armário do depósito, e, além disso, dispúnhamos agora de uma

tigela cada um, pederneira e isca, de fazer lume, e duas sacolas cheias de cevada. E isso era realmente tudo que possuíamos no mundo, exceto os dois sólidos cajados de madeira.

Uma vez mais nos pusemos a caminhar, com o corpo moído e machucado, e após o que pareceu uma eternidade chegamos até uma grande pedra exatamente colocada de lado a lado da passagem, no final do túnel, como eu supus.

Mas o lama disse:

— Não, não, este não é o fim, empurre a parte inferior daquela grande laje e ela se inclinará; então, se nos abaixarmos, poderemos passar.

Eu pressionei a laje como me fora dito, e com um terrível estalido a lousa moveu-se, ficando numa posição horizontal, na qual permaneceu. Eu a mantive segura por via das dúvidas enquanto o lama passava por baixo, agachado, com esforço. Eu o segui e então empurrei de novo a lousa para baixo recolocando-a na posição correia.

A densa escuridão não era em nada atenuada pelas duas pequenas velas que segurávamos. Aí o Lama Mingyar Dondup disse:

— Apague sua vela, Lobsang, e eu farei o mesmo com a minha, então nós veremos a luz do dia.

Ver a luz do dia! Pensei que a experiência por ele vivida e a dor que devia estar sentindo deviam ter-lhe produzido alucinações dos sentidos, contudo soprei minha vela e por instantes pude sentir o cheiro ativo do pavio saturado de manteiga rançosa.

— Agora aguardaremos alguns instantes apenas e então teremos toda a luz que desejamos — disse o lama.

Fiquei ali parado me sentindo como um completo idiota, em meio ao que era agora a mais perfeita escuridão, sem o menor sinal de claridade vinda de qualquer parte. Eu poderia tê-la chamado de "escuridão sonante", porque tudo ali parecia soar de modo profundo,

pesado, mas isso foi apagado de minha mente assim que vi o que parecia ser um nascer de sol. Acima de um lado do que era aparentemente um aposento uma bola brilhante apareceu. Era vermelha e parecia metal em brasa. Rapidamente a cor vermelha tornou-se amarela, a seguir esbranquiçou-se e por fim mesclou-se ao azul de um dia claro. Logo tudo ficou à vista na mais completa realidade. Fiquei ali parado, de boca aberta, maravilhado com o que eu via. Aquele quarto, ou fosse o que fosse ocupava um espaço maior do que o ocupado pelo Potala, este poderia caber dentro daquele recinto. A luz era brilhante, e eu me achava quase hipnotizado pelas decorações das paredes e pelas estranhas coisas que enchiam o solo sem dar espaço a quem por ali caminhasse.

Um lugar surpreendente, hem, Lobsang? Isto foi feito há um número de anos maior do que a mente do Homem pode abarcar. Era usado como a sede principal de uma raça especial que podia viajar pelo espaço e empreender quase tudo mais. Milhões de anos se foram mas isto ainda funciona, tudo permanece intacto. Alguns de nós ficamos conhecidos como os Guardiões do Templo Interior; e este é o Templo Interior.

Eu me adiantei para examinar a parede mais próxima, e ela me pareceu estar recoberta com inscrições de alguma espécie, inscrições que, instintivamente, percebi que não haviam sido feitas por nenhuma raça terrestre. O lama captou por telepatia meus pensamentos e disse:

— Sim, isto foi construído pela Raça de Jardineiros que trouxeram seres humanos e animais para este mundo. — Parou de falar e apontou para uma caixa disposta na parede a pouca distância de nós. Aí disse: — Pode ir até aquele móvel e me trazer duas varas com outra menor ligando-as na extremidade superior?

Obedientemente, me acerquei do armário que ele me indicara. A porta abriu facilmente e fiquei inteiramente fascinado pelo que estava contido ali. Parecia estar cheio de coisas para uso médico. A um canto havia várias das forquetas mencionadas pelo lama. Apanhei duas, e vi que poderiam suportar bem o peso de um

homem, como muletas, conquanto eu não as conhecesse por esse nome então. Levei as duas varas resistentes para o lama e este imediatamente colocou as duas forquetas sob suas axilas, nelas se apoiando. E a meio caminho entre a ponta superior e a inferior das varas havia uma espécie de suporte para se apoiar as mãos. O Lama Mingyar Dondup segurou as hastes de suporte e disse: Como vê, Lobsang, estas coisas ajudam os aleijados a caminhar. Agora eu posso ir até aquele armário e aplicar uma pomada apropriada em minhas pernas. E então serei capaz de me locomover como de costume enquanto as feridas cicatrizam e a pele volta a recobrir naturalmente os ossos. Ele se movimentou, e, curioso como sou por natureza caminhei a seu lado. Aí o ouvi dizer:

- Apanhe nossos bordões e os coloque neste canto para que possamos tê-los à mão quando precisarmos deles. Ele se voltou e continuou a remexer no interior do armário. Eu me afastei também, e fui recolher nossos cajados, deixando-os então apoiados a um canto perto do armário. Lobsang, Lobsang, acha que pode carregar nossas mochilas e aquela haste de aço? Sim, ela não é de ferro, como você pensou, mas de algo muito mais duro e forte, chamado aço.

Voltei-me de novo e me aproximei daquela laje móvel que nos facultara a entrada. Pressionei-a, empurrando a parte superior, e ela girou até ficar na posição horizontal e imóvel. Não me custou nenhum esforço passar agachado sob a lousa mantida na posição horizontal. Aquela luz era uma bênção, uma verdadeira bênção porque abria uma esteira luminosa até aquele túnel que eu já conhecia. E pude ver então o caminho que percorrera junto àquele lado do túnel e também a grande pedra errática que nos tinha causado tantos problemas. Nossas trouxas com todas as nossas reduzidas posses estavam no lado oposto, assim, com dificuldade, consegui contornar a grande pedra e alcancei as sacolas. Elas pareciam surpreendentemente pesadas, e creditei isso ao estado de enfraquecimento em que estava por falta de alimentação adequada. Primeiramente, coloquei às costas as duas sacolas, levando-as até o interior do corredor, onde as deixei, voltando então para recolher a

barra de aço. Mal podia erguê-la, o esforço me fez gemer e resmungar como um homem idoso, assim deixei uma das pontas da barra tocar o chão e segurei a outra extremidade com ambas as mãos encantei com seu sabor. Era realmente um sabor muito agradável, e senti que as forças me voltavam e que meu mau humor sombrio se dissipava. Depois de esvaziar minha tigela, o lama disse:

- Já comeu o suficiente, Lobsang? Pode comer tanto quanto desejar, há muitos suprimentos aqui, o bastante, de fato, para alimentar uma pequena lamaseria (convento de lamas). Eu lhe falarei sobre isso em outra ocasião, mas agora, não gostaria de comer mais um pouco? -Oh, sim, obrigado! Certamente gostaria de comer mais um pouco, isto tem um gosto bem agradável. Até hoje nunca tinha provado nada assim.

O lama conteve o riso assim que se voltou para encher de novo minha tigela, e aí então realmente deu curso livre ao riso.

-Veja, Lobsang, olhe bem para esta garrafa. É do melhor conhaque, reservado especialmente para fins medicinais. Penso que podemos encarar nosso encarceramento aqui como uma justificativa para usar um pouco deste conhaque a fim de dar sabor à tsampa.

Peguei a tigela que ele estendera para mim e apreciei devidamente o cheiro que dela se desprendia, mas ao mesmo tempo experimentei certa dúvida porque sempre me haviam ensinado que aqueles licores embriagadores eram obra dos demónios, e agora eu estava sendo estimulado a prová-lo. Não importa, pensei então, seu uso quando alguém não se sente bem-disposto.

Eu me pus a comer e logo depois me senti muito confuso. Bem, como sabem, nós só usávamos nossos dedos para comer, não dispendo de nada parecido com uma faca, garfo ou colher, nem mesmo pauzinhos usados pelos chineses, e após as refeições costumávamos lavar nossas mãos com areia fina que removia a gordura das tsampas com maravilhosa eficiência, mas que às vezes esfolava nossa pele se fizéssemos tal limpeza com muito vigor.

Esvaziei a tigela de tsampa, usando não os dedos, apenas, mas também a palma da minha mão direita, e então de repente sem qualquer aviso caí para trás. Prefiro dizer que pegara no sono de repente devido a um cansaço excessivo, mas o lama disse que eu estava muito embriagado quando mais tarde» contou rindo o que se passara ao abade Bêbado ou não, eu dormi bastante, e quando acordei aquela? maravilhosa luz dourada ainda banhava o aposento. Esgazeei o olhar para... bem, suponho que fosse o teto, mas este estava tão alto que eu não podia dizer ao certo onde se achava. Aquele era realmente um imenso quarto, como se a montanha inteira fosse oca.

- É a luz do sol, Lobsang, a luz do sol, e ela irá atuar vinte e quatro horas por dia. A luz que produz é absolutamente desprovida de calor, a temperatura é precisamente a mesma do ar que nos rodeia. Não acha que é melhor contarmos com uma luz como esta em vez de velas fumarentas? Olhei em volta de novo e simplesmente não consegui entender como ali podia haver luz solar se nós estávamos num recinto interno rochoso, e expressei minha incompreensão ao lama que disse:

Sim esta é a maravilha das maravilhas, sempre soube disso, mas ninguém sabe como ela opera. Luz fria é uma invenção miraculosa, e isso foi inventado ou descoberto há um milhão de anos mais ou menos. Eles desenvolveram um método de armazenar a luz solar, e de torná-la operante mesmo nas noites mais escuras. Não há nada assim na cidade nem no templo porque nós simplesmente não sabemos combatê-la. Este é o único lugar que eu conheço onde há esse tipo de iluminação.

- Um milhão de anos ou mais, diz o senhor. Isso quase ultrapassa os limites da minha compreensão. Penso que -isso é como um algarismo, um *um* ou um *dois* ou um *três*, ou alguma coisa assim, seguido por um certo número de zeros, seis a meu ver, mas isso é somente uma conjetura e, seja como for, trata-se de uma quantidade numérica tão vasta que eu não posso apreendê-la. Não tem significado algum para mim. Dez anos, vinte, isto sim, posso contar, mais além... não.

O lama permaneceu silencioso e eu então disse:

— Como foi feito este aposento?

E deslizei ao acaso meus dedos sobre alguma das inscrições feitas na parede. Saltei para trás assustado assim que um certo clique foi emitido e uma parte da parede deslizou para trás.

— Lobsang! Lobsang! Você acaba de fazer uma descoberta. Nenhum de nós que já esteve aqui antes sabia que havia um outro aposento anexo a este.

Cautelosamente espiamos pela abertura, e assim que nossas cabeças passaram sob o umbral a luz avançou, e eu notei que logo que deixávamos o primeiro grande quarto a luz dali se esvaía com a nossa ausência.

Olhamos em derredor quase temerosos de nos movermos, porque desconhecíamos que perigos haveria ali ou em que armadilhas poderíamos cair, mas eventualmente nos armamos de coragem e caminhamos até uma grande "coisa" situada no centro do aposento. Era uma espantosa estrutura. Certa vez tinha sido brilhante, mas agora apresentava brilho embaçado, duro, acinzentado. Tinha a altura aproximada de cinco homens altos, e se parecia de algum modo com dois pratos, um em cima do outro. Caminhamos em volta e a um lado mais distante vimos uma escada de metal cinza estendida desde a entrada daquele engenho até o solo. Eu me precipitei para ela, esquecido de que como um jovem iniciante nas Ordens Sagradas deveria demonstrar mais compostura. Mas avancei e apressadamente subi a escada sem me preocupar em verificar se a mesma estava fixada com segurança. Estava. Uma vez mais, assim que minha cabeça bloqueou o vão da porta, as luzes se produziram dentro daquele engenho. O Lama Mingyar Dondup, para não ficar para trás, subiu até o interior da máquina e disse: — Ah, Lobsang, isto é uma das carruagens aladas dos deuses. Você já as tem visto passar, não é assim? Oh» sim, senhor. Pensei que nelas iam os deuses atravessando nossa terra para ver

se tudo estava em ordem, mas, é claro, nunca tinha visto um desses veículos tão de perto como agora.

Capítulo 2

Olhamos à nossa volta e nos pareceu estarmos numa espécie de corredor a cujos lados se alinhavam armários ou escaninhos, ou algo similar. Fosse o que fosse, experimentei puxar uma alça e uma grande gaveta abriu-se tão suavemente como se tivesse sido feita recentemente. Dentro havia toda espécie de estranhos dispositivos. O Lama Mingyar Dondup espiou por cima de meu ombro, pegou uma das peças ali contidas e disse:

— Ah! Isto devem ser peças de reposição. Não tenho dúvida de que esses armários contêm peças extras em número suficiente para fazer esse engenho funcionar novamente. Nós fechamos a gaveta, e nos movemos de novo. A luz moveu-se à nossa frente e ofuscou-se assim que avançamos mais, e logo alcançávamos um grande aposento. Assim que nele entramos, tornou-se brilhantemente iluminado, e abrimos um olhar de surpresa. Aquela era obviamente a sala de controle do engenho misterioso, mas o que nos deixou boquiabertos foi o fato de haver homens ali. Um deles estava sentado no que supus ser o assento de controle e estava olhando para um medidor num painel à sua frente. Havia ali um bom número de medidores, e conjecturei que ele estava ultimando uma decolagem. E disse:

—Mas como podem esses homens ter um milhão de anos? Eles parecem vivos, mas profundamente adormecidos. Havia um outro homem sentado numa mesa e com algumas grandes cartas de navegação à sua frente. Ele mantinha a cabeça apoiada em suas mãos e os cotovelos descansando sobre a mesa. Eu e o lama trocamos palavras sussurradas. Era espantoso, e nossa ciência nada significava senão uma caricatura comparada com aquilo que víamos. O Lama Mingyar Dondup segurou pelo ombro uma daquelas figuras estáticas e disse:

— Penso que esses homens estão de alguma forma com suas funções vitais suspensas. Penso que eles podem ser trazidos de volta à vida, mas não sei como fazê-lo, desconheço o que

aconteceria se eu não procedesse de modo conveniente. Como sabe, Lobsang, há outras cavernas nesta cadeia montanhosa e nós visitamos uma onde há instrumentos como escadas que, aparentemente, operam mecanicamente. Mas isso supera tudo que já pude ver, e na qualidade de um dos lamas mais graduados e que é responsável pela manutenção disto tudo intato, posso dizer-lhe que o que aqui vimos é o mais maravilhoso de tudo, e me pergunto se haverá outras saliências nas paredes que possamos comprimir descortinando-nos novos aposentos. Mas vamos dar uma boa olhada nisto primeiro. Dispomos de cerca de uma semana, porque acho que precisarei no mínimo desse tempo para estar em condições de descer a montanha.

Ficamos andando em volta das outras figuras, sete ao todo, e todas dando a impressão de estarem prontas para uma decolagem quando algo assustador ocorresse. A impressão era a de que tivesse ocorrido ali um terremoto em outros tempos, que precipitara a queda de pesadas rochas sobre o que fora provavelmente uma rocha deslizante. O lama parou e se acercou de um outro homem que segurava um livro — na realidade uma agenda. Evidentemente ele tinha estado fazendo um registro de ocorrências, mas não podíamos ler o que ali estava escrito, afinal não tínhamos nenhuma base para julgar que aquelas coisas escritas eram letras, ideogramas, ou mesmo apenas símbolos técnicos. O lama disse

— Em todas as nossas pesquisas não descobrimos nada que nos habilitasse a traduzir. . . espere um instante — ele disse com um toque de excitação na voz que não lhe era habitual — imagino que esta coisa aqui seja um aparato para emitir um registro. Naturalmente, não suponho que irá funcionar após todos esses anos, mas vamos tentar. Juntos nos movemos em torno do aparelho que ele mencionara. Vimos tratar-se de algo em feitiço de caixa, e na metade inferior desta havia um fio que se estendia à sua volta. Fizemos a experiência de empurrar para cima a superfície por sobre o fio, e, para nossa satisfação, a caixa se abriu, e em seu interior havia um mecanismo de carretéis e uma coisa que parecia ser uma fita metálica que se enrolava em um carretel passando para outro. O

Lama Mingyar Dondup olhou com atenção para os botões de contato dispersos ao longo do painel da frente. Subitamente, demos um salto tomados de surpresa; quase nos pusemos a correr, porque uma voz acabara de se fazer ouvir vinda do alto da caixa, uma voz muito estranha, bastante diferente da nossa. Soava como uma leitura feita em língua estrangeira, e o que ele lia nós não sabíamos. E então — para nova surpresa nossa — sons brotaram da tal caixa, musicais eu supus, mas para nós soava de todo dissonante. Então meu guia apertou um outro botão e o ruído cessou.

Ambos nos sentíamos exaustos sobremaneira com o que tínhamos descoberto e por um excesso de excitação, assim nos sentamos no que eram obviamente cadeiras, e me senti em pânico porque me pareceu afundar naquela cadeira como se estivesse na realidade sentado no ar. Assim que nos recuperamos daquele impacto, o Lama Mingyar Dondup disse:

— Talvez fosse bom fazermos nossa tsampa agora para revigorar-nos, pois acho que ambos estamos exaustos. — Ele olhou em volta para ver onde poderíamos acender o fogo para aquecer nossa tsampa, e sua busca logo foi recompensada porque havia um cubículo fora da sala de controle.

E assim que ali entrou a luz se acendeu. E ele disse: — Creio que era aqui que eles deviam preparar suas refeições, porque todos esses botões não estão aí como decoração, eles têm alguma finalidade utilitária.

O lama apontou para um botão onde se via gravado o desenho de uma mão fazendo um gesto de "pare". Um outro botão ostentava o desenho de uma chama, e foi este que o lama empurrou. E acima daquele instrumento viam-se vasilhas diversas de metal. Apanhamos uma. Mas dessa vez estávamos sentindo calor, e o lama moveu uma das mãos em sentido abrangente e finalmente disse: — Aí está, Lobsang, sintá isto, é o calor necessário para cozinhar-nos.

Aproximei minha mão de onde ele disse, mas um pouco além do necessário, daí ter dado logo um salto para trás meio assustado.

Mas meu guia simplesmente riu e colocou a tsampa quase gelada no recipiente de metal e a seguir pousou-o sobre algumas barras apostas sobre aquela coisa que as aquecia. Ele adicionou água, e logo víamos gotinhas de vapor surgirem do recipiente. Aí o lama comprimiu o botão assinalado com o desenho da mão, e imediatamente a incandescência avermelhada e o vapor se extinguiram. Ele retirou a vasilha de metal da fonte de calor, e com uma coisa metálica, com uma extremidade abaulada, despejou a tsampa em nossas tigelas. E por algum tempo não se ouviu nenhum som a não ser o que produzíamos ao comer.

Terminada a tsampa, eu disse:

— Gostaria de ter algo para beber, estou com mais sede do que nunca.

Ao lado da caixa que produzia calor vimos o que parecia ser uma grande bacia, e acima desta havia duas alavancas de metal. Experimentei uma delas e a movi do único modo que funcionava, e então a água, uma água fria, jorrou na bacia. Apressadamente girei a torneira e tentei a outra que era de uma cor avermelhada. Ao fazê-lo, produziu-se um jorro de água realmente quente, tanto assim que cheguei a me esquentar, não com efeitos sérios, mas ainda assim o bastante para me fazer saltar, quando então girei a rodinha, devolvendo-a à sua posição original.

Mestre eu disse então se isto é água deve estar aqui há um desses milhões de anos de que o senhor falou Como é que somos capazes de bebê-la? Agora ela já deveria ter-se evaporado toda ou ficado intragável, no entanto eu a acho realmente deliciosa.

Ao que o lama replicou:

- Bem a água pode ser mantida boa durante anos. Que me diz dos lagos e dos rios? São de água há tempos imemoriais, e eu suponho que esta água provém de um depósito hermeticamente vedado, o que significa que ela pode permanecer potável e agradável ao paladar. Presumo que esta nave espacial tenha vindo aqui em busca de suprimentos, e talvez para alguns reparos,

porque com a pressão da água que vem dali deve haver uma grande quantidade dela em algum tanque de armazenamento. Seja como for, o que observamos aqui nos dará para ocupar a mente por um mês

- Bem, se a água foi mantida fresca, deve acontecer o mesmo com os alimentos que existam aqui disse eu

Tratei de me levantar da cadeira, com alguma dificuldade, porque ela parecia aderir a meu corpo, mas então firmei minhas mãos sobre os braços da cadeira e imediatamente me vi não somente libertado da mesma, como fui pousar no chão, em pé. Ao me recuperar dessa maravilha e do impacto que senti, caminhei ao longo das paredes da pequena cozinha. Vi uma série de reentrâncias dentadas que pareciam não servir a nenhum propósito. Coloquei um dedo numa das superfícies dentadas e a impeli, mas nada aconteceu. Tentei move-la de través, mas não adiantou, aquela coisa não funcionava. Então me acerquei de outra daquelas peças dentadas e fiz pressão com meu dedo sobre a mesma. Aí um painel deslizou para um lado. Dentro do pequeno armário ou nicho, que ficou à mostra, havia um bom número de jarras que pareciam não ter quaisquer pontos de junta. Os painéis eram transparentes, assim se podia ver o que estava no interior. Obviamente era alguma espécie de alimento o que aqueles recipientes continham, mas como alimentos poderiam ser preservados por um milhão de anos ou mais?

Quebrei a cabeça pensando nesse problema. Havia ali descrições desenhadas de alimentos que eu nunca vira antes ou ouvira falar, e algumas das coisas estavam embaladas num recipiente transparente. No entanto, parecia não haver nenhum meio de abrir tal recipiente. Fui de um para outro daqueles pequenos armários, guarda-louças, ou depósitos, e de cada vez colhendo uma nova surpresa. Sabia como eram as folhas de chá, mas ali num daqueles armários havia recipientes que, como pude ver através dos lados transparentes, continham folhas de chá frescas.

Houve outras surpresas porque alguns daqueles recipientes transparentes continham o que, evidentemente, eram postas de

carne. Eu nunca tinha provado carne e ansiava por ver um pedaço de perto, ou melhor, prová-la, saber como era.

Depressa me senti cansado de me entreter na cozinha e fui em busca do Lama Mingyar Dondup. Ele segurava um livro e estava com as sobrancelhas franzidas num estado de intensa concentração.

- Oh, mestre eu lhe disse descobri onde eles conservam seus alimentos, estocaram-nos em recipientes que são transparentes, mas não vejo nenhum meio de abri-los.

Meu guia me olhou como sê não me visse por um momento e então se pôs a rir. E disse:

- Oh, sim, oh, sim, o modo atual de embalar alimentos e conservá-los em nada se parece com o que se fazia há milhões de anos atrás. Eu já provei carne de dinossauro, e era tão fresca como se fosse a de um animal morto recentemente. Eu irei até lá rapidamente com você e faremos uma investigação.

Percorri aquela sala de controle e depois me sentei para analisar a situação. Se aqueles homens tinham um milhão de anos, por que não tinham se convertido em pó? Era evidentemente ridículo dizer-se que aqueles homens já tinham um milhão de anos quando se achavam absolutamente intactos e pareciam bem vivos e apenas à espera de um despertar. Eu vira que dos ombros de cada um deles pendia uma espécie de pequena sacola, assim removi uma de um daqueles "corpos adormecidos" e a abri. Dentro estavam curiosos pedaços de arame, trançados em espirais, e outras coisas mais feitas de vidro, e aquilo tudo não fazia nenhum sentido para mim. Havia também um painel cheio de botões compressíveis, e calquei o primeiro que vi. Então soltei uma exclamação de medo, o corpo do qual eu retirara a mochila subitamente se contorceu e logo se desfez em uma fina camada de pó, o pó de um milhão de anos ou mais.

O Lama Mingyar Dondup acercou-se de onde eu estava e parou, petrificado de temor. Olhou para a pequena mochila, e a

seguir para o montículo de pó, e então disse:

— Há um bom número de cavernas como esta, já visitei algumas, e nós aprendemos a nunca comprimir um botão até sabermos para que serve, até termos analisado teoricamente sua função. Estes homens sabiam que iriam ser sepultados vivos por algum terrível terremoto, assim o médico da nave espacial cuidaria de atender cada homem e colocar-lhe no ombro um pequeno aparato de sobrevivência. Esses homens então ingressariam num estado de suspensão das funções vitais para assim não perceberem nada do que poderia acontecer-lhes ou à sua volta, estariam tão perto da condição de mortos como alguém pode estar sem ter realmente morrido. Eles deviam estar recebendo uma alimentação adequada para manter o corpo funcionando numa escala calculada. Mas quando você apertou esse botão, que eu noto ser vermelho, deve ter interrompido o suprimento de força vital para esse homem que estava num estado de animação suspensa. Já não dispondo mais de um suprimento de força vital, o peso de sua idade se fez sentir sobre ele subitamente, e de imediato se converteu num monte de pó.

Rodeamos os outros homens e decidimos que nada havia que pudéssemos fazer por eles porque, afinal de contas, estávamos encerrados naquela montanha e a nave também, e quem nos diria se aqueles homens ao despertarem não representariam um perigo para o nosso mundo? Não seriam eles um risco para as lamaserias? Aqueles homens, naturalmente, eram possuidores de conhecimentos que os fanam parecer deuses para nós, e tínhamos receio de ser feitos escravos de novo, isto porque nós tínhamos uma lembrança impressa fortemente em nossa memória racial de que havíamos sido escravos em alguma época.

O Lama Mingyar Dondup e eu nos sentamos perto um do outro, no chão, sem trocar palavra, imerso cada um em seus próprios pensamentos. O que aconteceria se apertássemos tal ou qual botão, e que espécie de suprimento energético poderia ser aquele que mantinha homens vivos e bem nutridos por mais de um milhão

de anos? Sem querer, estremecemos ao mesmo tempo, e então olhamos um para o outro, aí o lama disse:

- Você é jovem, Lobsang, e eu sou um homem já idoso. Já vi muitas coisas e me pergunto o que você faria num caso como este. Esses homens estão vivos, não há nenhuma dúvida quanto a isso, mas se nós os trouxermos à vida normal, o que acontecerá se forem selvagens, e então tentarem nos matar por termos deixado que um deles morresse? Temos que pensar nisso muito seriamente, não podemos decifrar essas inscrições. Fez uma pausa porque eu me pusera de pé um tanto excitado.
- Mestre, mestre gritei eu encontrei um livro que parece ser uma espécie de dicionário de diferentes línguas e me pergunto se poderá ajudar-nos.

Sem aguardar uma resposta, precipitei-me na direção de um recinto próximo da cozinha da nave, e ali estava aquele livro que parecia ter sido editado recentemente e não há um milhão de anos. Segurei-o com as duas mãos pois era muito pesado, e então o levei para o lama meu guia.

O lama pegou o livro, e com uma ansiedade mal contida o folheou. Por instantes, permaneceu sentado, inteiramente absorto na leitura. Por fim, reparou que eu estava inquieto, em extrema agitação, me perguntando o que havia no livro e por que ele não me dizia nada.

— Lobsang, Lobsang, sinto muito, eu lhe peço desculpas — disse o lama — mas acontece que este livro é a chave para tudo, e como é fascinante este relato! Posso lê-lo, ele foi escrito no que parece ser uma linguagem honorífica. Uma pessoa comum não poderia, é claro, ler um texto tibetano honorífico, mas eu posso, e esta nave conta com cerca de dois milhões de anos. Ela funciona graças a uma energia obtida da luz. . . qualquer luz, a das estrelas, a luz solar, e colhe energia dessas fontes que têm empregado tal energia e sido legadas através dos tempos.

O lama fez uma curta pausa antes de prosseguir: — Esses homens — remontava novamente ao livro — eram bastante

perigosos, eram servos dos Jardineiros do Mundo. Mas isso é uma velha história, de homens e mulheres desejando-se uns aos outros, mas esta nave foi pilotada por homens que haviam abandonado a grande nave-mãe e é, realmente, o que eles denominam de nave salva-vidas. O alimento estaria inteiramente conservado para ser comido, e os homens poderiam ser despertados, mas não importa quanto tempo tenham permanecido aqui, o fato é que ainda são renegados por terem tentado encontrar mulheres que seriam pequenas demais para eles, e sua convivência com essas mulheres seria uma absoluta tortura para elas. Eles queriam saber se suas sacolas com substâncias vitais cumpririam sua finalidade ou teriam que ser desligadas automaticamente da nave a que se referem como sendo a nave-mãe. Penso que temos de experimentar mais um pouco e ler algo mais, porque parece claro para mim que se esses homens forem restituídos à vida normal, dispondo dos conhecimentos que têm, podem nos causar um dano que nunca poderíamos reparar, pois essa gente nos trataria como gado, como criaturas em que pudessem realizar experiências genéticas. Eles já fizeram muito mal antes, por causa de suas experiências sexuais com nossas mulheres, mas você é ainda muito jovem para saber tudo sobre isso.

Eu fiquei andando em volta do local. O lama estava agora deitado no chão para descansar suas pernas que ainda lhe doíam muito. Continuei a perambular, e casualmente fui ter a um aposento da nave que era todo verde. Havia ali uma mesa de aspecto muito singular, com um grande foco de luz incidindo sobre ela. E vi coisas que pareciam ser caixas de vidro dispostas naquele recinto, em toda a sua extensão. "Hum", pensei então, "isto deve ser o lugar onde eles curam seus companheiros enfermos, seria melhor eu voltar para contar a meu mestre sobre isto." Assim, apressei-me a voltar e contei ao Lama Mingyar Dondup que tinha encontrado um aposento muito particular, um recinto que era todo verde e que dispunha de estranhas coisas contidas no que parecia ser vidro mas não era. Lentamente, o lama se pôs de pé e com a ajuda das duas varas metálicas sob as axilas caminhou até o aposento que eu descobrira.

Tão logo eu ali entrei ia na dianteira as luzes se acenderam, luzes como a de um dia claro, e o Lama Mingyar Dondup parou no umbral, com uma expressão de imensa satisfação em seu rosto.

Muito boas, muito boas, Lobsang, estas duas descobertas que você fez. Estou certo de que essa notícia será bem acolhida por Sua Santidade, o Dalai Lama. Caminhou olhando para algumas daquelas coisas, tocando em outras, e espiando o conteúdo de algumas bem, eu não sei como chamá-las, pois várias daquelas coisas dentro de cubos de vidro fugiam inteiramente à minha compreensão. Mas por fim o lama sentou-se numa cadeira baixa, e ficou fascinado por um livro que retirara de uma prateleira. — Como é que o senhor pode entender uma linguagem que, como disse, já conta um milhão de anos?

Com algum esforço, o lama pôs de lado o livro por um momento enquanto analisava minha pergunta. Então, disse:

— Bem, esta é realmente uma longa história, Lobsang. Ela nos faz recuar através das veredas da História, nos conduz através de caminhos que até mesmo alguns lamas não podem seguir. Mas, em resumo, é como se segue: Este mundo estava pronto para ser colonizado, e assim nossos mestres, devo chamá-los de mestres porque eles eram os líderes dos Jardineiros da Terra e de outros mundos, determinaram que uma certa espécie devia desenvolver-se na Terra, e esta éramos nós.

"Num planeta longínquo, fora deste universo, preparativos foram feitos e foi construída uma nave especial que poderia viajar numa velocidade absolutamente incrível, e nós, como embriões humanos, fomos embarcados nessa nave. De algum modo, os Jardineiros, como eram chamados, trouxeram esses embriões para este mundo, e então não sabemos o que aconteceu entre o tempo da chegada dos embriões e as primeiras criaturas que podem ser chamadas humanas.

"Mas durante sua ausência de seu lar muita coisa ocorreu no mundo. O velho governante, ou 'Deus', já era idoso e ali havia certas pessoas de más intenções que ambicionavam seu poder, e

manobraram a fim de se livrarem daquele deus e colocar um outro — seu títere — para governar em seu lugar. Seus atos, naturalmente, seriam dirigidos por aqueles renegados.

"A nave voltou da Terra e seus tripulantes encontraram as coisas muito mudadas, perceberam que não eram bem-vindos e que o novo governante desejava eliminá-los, pois representavam um estorvo para eles. Mas, em vez disso, os Jardineiros que tinham acabado de regressar da Terra se apossaram de umas poucas mulheres de seu próprio tamanho e decotaram de novo rumo ao Universo Terráqueo. Como sabe, Lobsang, há muitos e muitos diferentes universos

"Chegados ao mundo onde tinham se desenvolvido como seres humanos, eles estabeleceram seu próprio domínio, construíram vários artefatos como pirâmides, graças aos quais podiam manter uma vigilância através do rádio sobre tudo que viesse na direção da Terra. Eles usavam os humanos que tinham feito crescer como escravos, estes faziam todas as tarefas, e os Jardineiros simplesmente refestelavam-se confortavelmente e se limitavam a dizer aos humanos escravos o que tinham que fazer.

"Os homens e as mulheres, talvez devêssemos chamá-los de super-homens e supermulheres, cansaram-se de seus próprios parceiros, e aí ocorreram muitas ligações que motivaram disputas e todo tipo de perturbações. Mas então do espaço exterior e não detectada pelos radares das pirâmides uma nave espacial apareceu. Era uma imensa nave, e ficou instalada ali de modo a que as pessoas pudessem sair dela e começar a construir habitações. As pessoas, que eram então as primeiras sobre a Terra, ressentiram-se da chegada daqueles homens e mulheres de outra galáxia, e assim, de duelos verbais passou-se a uma batalha entre pessoas. A agitação prosseguiu por algum tempo, e os inventos mais diabólicos foram criados. Por fim, as pessoas da enorme nave espacial não puderam suportar mais tempo aquela situação e enviaram um certo número de naves espaciais que aparentemente estavam mantidas de reserva, aparelhadas, prontas para tal

emergência, e lançaram bombas terríveis onde quer que aquelas outras criaturas da outra galáxia estivessem vivendo. As bombas eram um tipo muito avançado de bomba atômica, e no raio de alcance da explosão da bomba tudo perecia. Produzia-se um clarão purpúreo brotado da terra e os homens e mulheres do espaço que haviam provocado aquilo voltaram à sua gigantesca espaçonave e abandonaram a área bombardeada.

"Por uma centena de anos ou mais, praticamente não vingou nenhuma forma de vida na Terra, nas áreas bombardeadas, mas quando os efeitos radioativos abrandaram, aquelas pessoas se arriscaram a sair, quase rastejantes, trémulas de medo, imaginando o que iriam ver. Depois, instalaram-se numa espécie de colônia agrícola, passando a usar arados de madeira e coisas desse gênero.

— Mas, mestre — eu disse — o senhor declara que o mundo tem mais de cinquenta milhões de anos; bem, há um bocado de coisas que não entendo absolutamente. Por exemplo, esses homens. . . nós não sabemos que idade têm, desconhecemos há quantos dias, semanas, ou séculos eles se acham aqui, e como esses mantimentos podem ter sido mantidos em estado de boa conservação durante todos esses anos. Por que esses homens não se converteram em pó?

O lama riu ao responder:

— Nós somos um povo inculto, Lobsang. Costumava haver povos muito mais inteligentes nesta terra; como sabe, houve diversas civilizações. Por exemplo — e apontou para um livro na estante — esta obra nos esclarece sobre as práticas médicas e cirúrgicas de um tipo que nós, no Tibete, nunca ouvimos falar, e somos um dos primeiros povos a ser trazidos a esta terra.

— Então por que estamos tão despreparados, por que nossa vida é tão difícil? Alguns desses livros ilustrados que o senhor trouxe de Katmandu mostram todo tipo de coisas, mas nós não temos nenhum conhecimento de coisas como essas, nada temos que seja motorizado circulando sobre rodas no Tibete.

— Não, e há um velho ditado, muito antigo realmente, que diz que quando o Tibete permitir que esses veículos sejam introduzidos no país, aí este será conquistado por uma raça muito inamistosa. Suas predições foram exatas, como se eles pudessem visualizar o futuro, e lhe digo, meu rapaz, que eles podiam antever o futuro e dispunham de instrumentos aqui que mostrarão a você o que aconteceu no passado, o que está ocorrendo agora, e o que acontecerá no futuro — concluiu meu guia

— Mas como podem essas coisas durar tanto? Se as coisas são abandonadas, bem, elas apodrecem, se desfazem em pedaços, tomam-se inúteis devido ao desuso, tal como o Moinho de Orações (dos lamaístas), naquela velha lamaseria que o senhor me mostrou, um belo artefato corroído pelo tempo e imóvel. Como essas pessoas poderiam evitar que as coisas se deteriorassem, como podiam providenciar a força motriz para manter essas coisas funcionando? Atente para o modo como as luzes se acendem assim que entramos num aposento da nave; não temos nada de semelhante, usamos velas de cera feita de manteiga rançosa, ou lamparinas, e no entanto, aqui vemos uma luz que é tão boa como a luz do dia, e não está sendo gerada em nenhuma parte, porque naquele livro que o senhor me mostrou há ilustrações de máquina que operam num campo magnético e produzem o que o senhor denomina eletricidade. Nós não temos isso. Por que é que nós estamos tão isolados?

Eu estava realmente intrigado e o lama permaneceu em silêncio por um momento, então disse: — Sim, terá de conhecer todas essas coisas, irá ser o lama mais instruído que já existiu no Tibete, você irá ver o passado, o presente e o futuro. Nesta particular cadeia de montanhas há um bom número dessas cavernas e houve tempo em que todas elas eram unidas por túneis. Era possível mover-nos de uma para outra e contar com luz e ar fresco todo o tempo, não importando onde nós estávamos. Mas esta terra do Tibete foi outrora quase tomada pelo mar, e o povo daquela era primitiva dispunha de fontes de poder inteiramente desconhecidas para nós. Mas houve então uma terrível catástrofe, porque mais além de

nossa terra cientistas de um país chamado Atlântida acionaram um tremendo explosivo e isto arruinou este mundo.

—Arrumou este mundo? Mas nossa terra está inteira, como foi ela destruída, como este mundo foi feito em ruínas?

O lama ergueu-se e acercou-se da estante. Havia muitos livros ali, mas ele pegou um deles e encontrou certas ilustrações. Então disse:

— Veja, este mundo foi certa vez coberto com nuvens. Nunca havia um único sinal de sol, nós nada conhecíamos sobre as estrelas. Mas então, naqueles dias, as pessoas viviam centenas de anos, não como agora, quando morrem assim que tenham aprendido algo. As pessoas morrem agora por causa das perigosas radiações do sol, e devido a nossa nuvem protetora ter se extinguido; então perigosos raios surgiram e saturaram o mundo, trazendo com isso toda espécie de doenças, todo tipo de aberrações mentais. O mundo esteve conturbado, distorcido sob o impacto daquela tremenda explosão. A Atlântida, que ficava a longa distância daqui, no outro lado do mundo, foi submergida pelo oceano, mas nós do Tibete. . . bem, nossa terra elevou-se cerca de nove mil metros acima do nível do mar. As pessoas tomaram-se menos saudáveis e por longo tempo caíam doentes por não haver oxigênio suficiente àquela altitude para elas, e porque estávamos mais próximos dos céus e onde nós nos encontrávamos as radiações eram mais fortes. — O lama fez uma curta pausa e esfregou suas pernas que o estavam incomodando muito, dizendo a seguir: — Há uma parte mais afastada de nossa terra que permaneceu ao nível do mar, e as pessoas ali tomaram-se cada vez mais diferentes de nós, sua mentalidade alcançando quase a estupidez. Eles não tinham templos, eles não veneravam os deuses, e mesmo agora se põem a andar em botes de couro de animal, capturando focas e peixes e outras formas de vida. Há imensas criaturas, com enormes cornos em suas cabeças, e estas pessoas mataram muitas delas e comeram sua carne. Quando outras raças surgiram, eles chamaram aqueles seres do extremo norte de

esquimós. Nossa parte do Tibete contava com um povo melhor, sacerdotes e homens doutos, e médicos de grande renome, e a parte que foi cindida do Tibete e afundou ao nível do mar, ou melhor, permaneceu ao nível deste, dispunha de mentalidades mais tacanhas, trabalhadores e gente comum, os cortadores de árvores e os caçadores das águas. Eles tinham permanecido quase que no mesmo estágio por mais de um milhão de anos. Aos poucos foram rastejando e começaram a encontrar uma forma de sobreviver sobre a superfície terrestre. Construíram pequenas fazendas e dentro de cem anos mais ou menos as coisas pareceram tornar-se normais e assentadas. Antes de irmos adiante em nossas considerações, eu lhe peço que examine minhas pernas, estão me incomodando muito e eu tenho aqui um livro que esclarece coisas sobre ferimentos como os meus. Posso ler o suficiente do que está escrito para saber que estou com uma infecção.

Olhei fixamente para o lama, pois o que podia eu, um chela comum, fazer por um tão grande homem? Mas assim era necessário, e eu retirei os trapos que lhe envolviam as pernas e me horrorizei com o que vi. As pernas do lama estavam cobertas de pus, e a carne parecia muito inflamada realmente. Além disso, a parte das pernas logo abaixo dos joelhos estava inchada. Aí o lama disse:

— Agora, você terá que seguir minhas instruções com exatidão. Antes de tudo temos de conseguir algo que desinfete estas pernas. Felizmente tudo aqui se acha em boas condições de conservação, e ali naquela prateleira — ele apontou — você encontrará um pote com algo escrito no vidro. Acho que verá logo que se trata do terceiro recipiente da esquerda na segunda prateleira de baixo. Traga-o aqui e eu verei se é o indicado.

Obedientemente, eu me aproximei da estante e fiz deslizar uma portinhola que me pareceu ser feita de vidro.

Bem, eu não conhecia muita coisa sobre vidro por termos muito pouco dele, no Tibete. Nossas janelas eram cobertas com papel oleoso para torná-las transparentes e permitir desse modo a

incidência da luz nos quartos, mas a maioria das pessoas não tinha janelas em suas casas porque não podiam arcar com o custo de trazer vidros em todo aquele difícil caminho através das montanhas, um vidro, aliás, que tinha de ser adquirido na Índia.

Fiz a portinha deslizar para o lado, e então olhei para os frascos e, sim, aquele era o indicado, pensei, assim levei-o para o lama. Ele o observou e leu algumas indicações ali escritas, então disse:

— Será melhor que me apanhe aquele grande recipiente que está ali do lado, revirado. Lave-o bem primeiro. Há água em quantidade limitada aqui, você sabe, assim esfregue-o bem, então coloque um pouco d'água dentro, cerca de três tigelas cheias.

Assim fiz, esfregando o recipiente que já parecia bem limpo, e após calcular a quantidade certa de água, levei-o ao lama. Para meu mais profundo espanto, ele fez algo com a garrafa e a extremidade da mesma saltou fora! Eu exclamei: — Oh! O senhor quebrou essa coisa, devo tentar procurar outra?

— Lobsang, Lobsang — disse o lama — você realmente me faz rir. Se há alguma coisa nesse pote ou garrafa então tem que haver um meio de verificá-lo e depois retirar o conteúdo. Isto aqui é meramente o que se chama uma tampa.

Eu uso esta tampa revirada e aí ela se toma um medidor. Está vendo isto?

Olhei para a tampa que fora revirada, e pude constatar que era um tipo de medidor, porque havia marcas em toda a parte baixa. Então, o lama prosseguiu: — Nós precisamos de alguns panos. Naquele armário, se você o abrir, encontrará várias trouxas. Abra a porta do armário para que eu possa ver.

Aquela porta não era feita de vidro e nem de madeira, parecia ser de algo intermediário entre os mesmos, mas puxei a porta e vi que havia ali dentro um bom número de fardos de pano, dispostos ordenadamente. O lama disse: — Apanhe aquele de cor azul, e à direita um outro branco, traga-o também. — Ele olhou para mim, observou minhas mãos e disse: Vá até aquela bica e lave suas

mãos. Junto da bica você verá um bolo de material branco. Umedeça suas mãos e então passe essa substância nelas, tendo cuidado para que suas unhas fiquem bem limpas. Fiz tudo isso e fiquei curioso ao ver como a minha pele se mostrava então muito mais clara. Era como ver um negro pela primeira vez inteiramente preto, e então notar que as palmas de suas mãos são rosadas. Minhas mãos estavam agora justamente quase róseas, e eu ia enxugá-las na minha túnica quando o lama disse:

- Pare! — E apontou para algo que ele tinha retirado do fardo branco. — Enxugue suas mãos nisto e não toque de modo nenhuma sua velha túnica encardida após você ter secado suas mãos. Você tem que conservar suas mãos limpas para fazer esta tarefa.

Foi tudo realmente muito interessante porque ele tinha estendido no chão um lençol de pano limpo, e sobre o mesmo dispusera várias coisas: uma bacia, um objeto feito uma caçamba, e outro que não entendi absolutamente o que era. Torna-se difícil descrevê-lo porque eu nunca tinha visto tal coisa, mas me pareceu ser um tubo de vidro onde apareciam marcas; em uma das pontas via-se o que parecia ser uma agulha de aço e na outra extremidade havia um puxador. No tubo, que era obviamente oco, havia um certo líquido colorido que se mostrava espumoso e brilhante. Aí o lama disse:

- Agora, preste muita atenção: você terá que limpar totalmente a carne da minha perna até o osso. Aqui dispomos dos frutos de uma ciência médica maravilhosamente avançada, e estamos prontos para fazer pleno uso dela. Pegue essa seringa e puxe a parte de cima. . . espere, eu farei isso, e então você espetará essa agulha na minha perna, exatamente aqui — indicou um ponto determinado — e isso a tornará insensível, de outro modo provavelmente eu desmaiaria devido à dor insuportável que essa operação pressupõe.

Agora, faça o que lhe disse.

Ergui aquela coisa que ele chamara de seringa e olhei para meu mestre e guia e estremei.

— Não, não, eu não posso fazer isso, tenho muito receio de feri-lo.

— Lobsang, você irá ser um lama médico, algumas vezes terá que ferir pessoas para curá-las. Agora, faça como lhe digo e espete essa agulha até o cabo. Eu lhe direi se a dor for demasiada.

Segurei firme de novo aquela coisa, embora temesse que acabasse desmaiando, mas... bem, ordens eram ordens. Segurei a tal seringa não muito afastado do ponto onde a agulha se achava anexada, fechei meus olhos e dei uma rápida espetadela. Nenhuma exclamação saiu dos lábios do lama, então abri meus olhos e vi que ele estava simplesmente sorrindo!

— Lobsang, você fez um belo trabalho, eu não senti nem uma pontada. Você irá ser um sucesso como médico lama. Eu o olhei pensando que ele estava zombando de mim, mas vi que não era assim, ele se expressara com absoluta sinceridade. E continuou dizendo: — Agora, já deixamos passar um tempo suficiente e esta perna se acha inteiramente insensível, assim sendo não reagirá à dor. Desejo agora que você pegue estas coisas, elas são chamadas fórceps, e quero também que ponha um pouco deste líquido aqui numa tigela e a seguir enxugue a minha perna toda, sempre na mesma direção: para baixo, não para cima. Você pode comprimir então com força e verá que o pus se desprenderá todo feito uma massa. Bem, quando tiver extraído toda essa quantidade de pus, terá de me ajudar a me mover para um lugar mais arejado.

Peguei os objetos que ele chamava de fórceps e vi que com eles podia colher um bom chumaço de algodão. Cuidadosamente, embebi o algodão no líquido da tigela e com ele limpei as pernas do lama.

Foi incrível, absolutamente incrível como o pus e o sangue ressecado começaram a brotar do local ferido. Verifiquei que a perna do lama estava agora inteiramente limpa; tanto o osso como a pele apresentavam melhor aspecto. Então o lama disse:

Isto é um pó. Quero que você o espalhe dentro dos ferimentos para que assim alcance a parte óssea. Essa aplicação desinfetará minhas pernas e impedirá a formação de mais pus. Quando você tiver feito isso, terá que envolver minhas pernas com a bandagem que se encontra naquele fardo azul. Assim foi feito. Procedemos a uma nova limpeza, espalhando bem aquele pó branco, e depois envolvendo uma das pernas do lama com aquela coisa que ele chamara de bandagem e que parecia feita de plástico, mas sem apertar demais, somente ajustando fixamente. Quando terminei, estava todo coberto de suor, mas o lama tinha uma aparência melhor.

Depois de fazer a limpeza e colocar bandagem naquela perna, fiz o mesmo na outra, então o lama disse: — Seria melhor agora me dar um estimulante, Lobsang. Vai encontrá-lo naquela prateleira mais alta. Traga-me apenas uma ampola. Uma ampola é um pequeno recipiente com uma extremidade pontuda. Você deve retirar a extremidade pontuda com os dentes e apertar a ampola contra a minha carne, num ponto qualquer.

Assim fiz e depois removi todo o pus e outras coisas usadas nos curativos, para deixar o local limpo. E então mergulhei num profundo sono.

Capítulo 3

Oh, meu Deus! O sol estava quente de verdade. "Devo procurar um lugar sombreado" murmurei comigo mesmo. E então me sentei e abri meus olhos meio aturdido com marcado espanto. Onde eu estava? O que tinha acontecido? E então, assim que vi o Lama Mingyar Dondup, voltei a contatar com a realidade, e pensei que acabara simplesmente de ter um sonho. Não havia nenhum sol ali, o lugar estava iluminado por algo que se parecia com a luz solar vinda através das paredes de vidro.

- Você parece muito espantado, Lobsang disse o lama. Espero que tenha repousado bem. Sim, mestre eu retruquei. Mas começo a me sentir cada vez mais intrigado, e quanto mais coisas me são explicadas, mais confuso eu me sinto. Por exemplo, esta luz vinda de alguma parte, ela não pode ser armazenada por um milhão de anos e então brilhar tão intensamente como o próprio sol.
- Há inúmeras coisas que terá de aprender, Lobsang, você é um pouco jovem ainda, mas como viemos ter a este lugar. . . bem, eu explicarei algo para você. Os Jardineiros da Terra desejavam dispor de lugares secretos para que assim pudessem vir para a Terra despercebidos pelos seres mortais, e portanto quando isto era apenas uma pilha de pedra baixa sobressaindo do terreno, eles fizeram um corte no interior da rocha viva usando o que mais tarde será conhecido como maçaricos atômicos. Servem para dissolver a rocha, e uma boa parte da superfície acinzentada exterior é evaporada da rocha derretida; então, quando a caverna foi recortada no tamanho desejado, eles deixaram-na esfriar, e ao esfriar adquiriu uma superfície absolutamente lisa como o vidro. "Tendo construído a caverna que é, como você pode ver, grande o bastante para conter o próprio Potala, eles procederam a algumas investigações e depois perfuraram túneis exatamente ao longo desta cadeia montanhosa, que naqueles dias era quase que inteiramente recoberta de terra. Costumava ser possível assim caminhar cerca de quatrocentos quilômetros através desses túneis, de uma gruta para a outra. "Então ocorreu aquela

gigantesca explosão que fez a Terra tremer em seu eixo, e alguns lugares foram afundados e outros alçados. Nós tivemos sorte de que a colina baixa se convertesse numa cadeia montanhosa. Já vi fotografias disso e as mostrarei para você, mas, naturalmente, em virtude dos movimentos da Terra, alguns dos túneis foram desviados de sua formação natural e não se pode mais percorrê-los de ponta a ponta como outrora. Em vez disso, podemos visitar talvez duas ou três cavernas antes de emergir da cadeia montanhosa, e depois então caminhar um pouco até onde sabemos que o túnel prosseguia antes. Tempo é algo que não importa para todos nós, como você sabe, portanto eu sou um daqueles que já têm estado em cerca de uma centena desses lugares e tenho podido ver muitas e muitas coisas estranhas.

— Mas, mestre, como podem essas coisas permanecer utilizáveis após um milhão ou mais de anos? O que quer que tenhamos, mesmo o Moinho de Orações, se deteriora com o tempo e o uso, e no entanto aqui estamos sob uma luz provavelmente mais brilhante do que a do exterior. Eu não posso entender isto de modo algum.

O lama suspirou, e disse:

— Vamos comer alguma coisa primeiro, Lobsang, iremos permanecer aqui por vários dias e não podemos fazê-lo sem uma mudança de nossa dieta alimentar habitual. Vá àquele pequeno quarto — apontou-o — e traga algum daqueles recipientes com rótulos ilustrados, e então veremos como as pessoas de há muito tempo atrás costumavam se alimentar para viver.

Eu me levantei e murmurei para mim mesmo:

— Meu Deus, eu sei o que devo fazer primeiro. E então disse em voz alta: — Honorável lama, posso ajudá-lo a atender às vossas funções corporais?

O lama sorriu e replicou:

— Muito obrigado, Lobsang, mas isso já está providenciado. Há um pequeno lugar ali naquele canto mais afastado, e se você ali for, encontrará o que é realmente um buraco bem conveniente feito no

solo. Coloque-se sobre aquela cavidade e deixe que a natureza faça o resto!

Segui a direção por ele indicada e encontrei o tal buraco muito conveniente para atender às minhas necessidades fisiológicas. Aquele compartimento era feito de uma matéria que tinha a superfície lisa do vidro e no entanto o piso não era liso, era como um metal, fosco, e não se tinha medo de escorregar ao pisá-lo. Bem, atendidas as minhas necessidades mais imediatas, pensei de novo na alimentação, e avancei até entrar no aposento mais ao fundo e ali lavei cuidadosamente minhas mãos, porque era um prazer poder girar uma alça de metal e verificar que a água saía a jatos da torneira. Lavei minhas mãos muito bem e fechei a torneira. Nesse momento senti um sopro quente de ar vindo de uma cavidade na parede. Era um orifício de formato retangular, e me ocorreu que minhas mãos logo secariam se eu as encostasse naquela abertura. Foi o que fiz, e penso ter sido a melhor lavagem de mãos de que me recordo. A água era tão deliciosa, e eu estava conservando as mãos junto daquela cavidade na parede quando o ar quente cessou. Suponho que os planejadores daquele processo de secagem calculavam em uns poucos minutos o tempo que normalmente uma pessoa gasta para lavar suas mãos. Então eu me aproximei do armário e abri as portas. Olhei com surpresa para os recipientes ali dispostos. Eram de todos os tipos e formatos, com rótulos ilustrados, e essas ilustrações eram tão estranhas que nada significavam para mim. Havia, por exemplo, um com grandes orelhas, e que parecia um monstro feroz, e outra coisa que eu julguei se parecer com uma centopeia. E havia outras ilustrações do que pareciam ser aranhas vestidas de armaduras vermelhas. Bem, eu passei todas essas por alto, e apanhei em seu lugar alguns recipientes que continham o que eram, evidentemente, frutos de alguma espécie, uns eram vermelhos, outros mais amarelos, e todos tinham um aspecto atraente. Recolhi tantos quanto pude carregar, quando vi uma espécie de trole parado a um canto. Este dispunha de rodas, e coloquei ali todos os recipientes e fui

empurrando o carrinho até onde estava o Lama Mingyar Dondup. Ele riu quando me viu manobrando aquela coisa. E então perguntou:

— E como fez para lavar suas mãos? Gostou do método de secá-las? Calcule apenas que tudo isto aqui se encontra há um milhão de anos e ainda se acha operante, porque o átomo, que é a força motriz de todo esse equipamento, é virtualmente indestrutível, e quando nós partirmos tudo ficará parado, toda a força retomará à fonte de armazenamento, e assim irá permanecer até que os próximos visitantes apareçam. Então as luzes voltarão a se acender, estas mesmas luzes que, a propósito, você não consegue entender, isto porque atrás da superfície com o vidro há uma substância química que reage a um certo impulso, gerando luz fria. Mas vejamos o que você trouxe.

Estendi uma daquelas coisas para o lama, depois a seguinte e assim por diante. Ele separou quatro latas e disse:

Acho que nos servirão no momento, mas precisamos também de algo para beber. No armário acima da pia você encontrará recipientes que servem para conter água. Encha dois desses recipientes com água, e na parte de baixo mesmo armário você achará um outro recipiente cheio de pílulas. Traga uma dessas pílulas e nós obteremos água de um sabor diferente.

Retomei ao interior daquela... bem, daquela cozinha, e encontrei os recipientes tal como tinham sido descritos, e os enchi de água e os levei de volta ao lama. Então voltei à "cozinha" e apanhei um frasco que continha pequenos tabletes curiosos, de uma cor alaranjada. Voltei de novo, e o lama pegou o frasco em feitiço de tubo e fez algo com a parte superior, e uma pílula saltou, indo cair exatamente no copo de água. Depois, ele repetiu a mesma façanha, outra pílula surgiu e foi cair dentro do outro copo de água. O lama levou um dos copos aos lábios e tomou um longo gole. Embora hesitante, eu o imitei, e fiquei surpreso e encantado com o sabor agradável da bebida.

Então, o lama disse:

Vamos comer alguma coisa antes de bebermos um pouco mais.

E assim dizendo, ele pegou uma das latas redondas e puxou uma pequena argola. Houve um ruído de ar escapando. Depois, quando o ruído cessou, o lama forçou mais a argolinha, e ao puxá-la a parte superior do recipiente destacou-se. No interior havia frutas. O lama cheirou-as atentamente, então pegou uma e levou-a à boca. Disse:

Sim, sim, elas foram conservadas perfeitamente, mantêm-se absolutamente frescas. Abrirei uma para você, escolha a que preferir e a dê para mim.

Olhei para aquelas coisas, ali estavam algumas frutinhas escuras com pequenas protuberâncias em volta da casca; eu disse que escolhia aquelas. O lama pegou a lata escolhida por mim, puxou a argola e de novo se ouviu o ruído do ar escapando. Ele puxou mais fortemente e a tampa do recipiente soltou-se. Mas havia um pequeno problema agora: aquelas coisas dentro do recipiente eram pequenas e estavam imersas numa calda. Então, o lama disse:

— Nós teremos que ser mais civilizados. Vá lá dentro, e em uma das gavetas do móvel irá encontrar alguns utensílios com uma das extremidades em feitiço de concha e na outra ostentando um cabo para que os seguramos. Traga dois deles, um para você e outro para mim. A propósito, são de metal e têm uma cor prateada.

Lá fui eu de novo, logo voltando com aquelas peças de metal bem peculiares.

— Há outras coisas lá, mestre, peças de metal com pontas numa extremidade, e outras que se parecem com uma faca, com um gume na ponta.

— Oh, sim, garfos e facas, nós as experimentaremos mais adiante, mas estas coisas aqui são colheres. Enfie a ponta da colher em sua lata e você poderá retirar a fruta e a calda, e então poderá comer e beber o suco sem se sujar e à sua volta.

E o lama me mostrou como se procedia para retirar o fruto do recipiente; eu segui seu exemplo e enfiei aquela coisa de metal na lata para retirar uma pequena quantidade do fruto em calda. Quis primeiro provar um pouco, porque eu nunca vira algo como aquilo até então. — Ah! — Aquilo deslizou pela minha garganta e me fez sentir muito gratificado. Não tinha ideia até ali de quão faminto eu estava. Logo logo minha lata estava vazia. O Lama Mingyar Dondup liquidara com a sua mais rápido ainda. — Tínhamos que ter comido com mais vagar, Lobsang, porque estivemos sem nos alimentar bastante tempo. Eu não me sinto em condições de caminhar, assim sugiro que você dê um giro por aí observando os diferentes compartimentos porque necessitamos saber tudo que possamos. Com certa brusquidão de movimentos, saí do grande aposento e fui verificar então que havia compartimentos em todo aquele lugar. Entrei em um deles, logo as luzes se acenderam e o local pareceu-me estar cheio de máquinas que brilhavam como se tivessem sido instaladas naquele dia. Andei ao redor das estranhas máquinas quase temeroso de tocá-las, mas de modo inteiramente casual me aproximei de uma máquina que estava projetando uma ilustração viva. Ela mostrava botões sendo comprimidos e era uma cena viva, onde aparecia uma espécie de cadeira e um homem de estranha aparência estava ajudando um outro de aspecto ainda mais estranho a sentar-se na tal cadeira. E a seguir o homem que prestava ajuda ao outro segurou firme dois pegadores e eu o vi girar o da direita e então a cadeira ergueu-se vários centímetros do chão. Então houve uma mudança de cena e a cadeira aparecia sendo empurrada ao longo de máquinas diferentes, e fazendo coisas para eles. Aquilo estava sendo feito para mim. Voltei-me apressadamente e esbarrei na cadeira mecânica e esta bateu em cheio em meu rosto. Tive a impressão de que meu nariz tinha sido arrancado e estava todo úmido. Na verdade, eu tinha ferido meu nariz que estava sangrando. Empurrei a cadeira à minha frente e me apressei a voltar até onde estava o lama.

— Oh, mestre, eu tropecei nesta incrível cadeira e agora preciso de alguma coisa para enxugar o sangue de meu rosto.

Acerquei-me de uma caixa e abri um dos rolos de cor azul. Sim, ali estava um material característico, branco, no interior do envoltório azul, como um bocado de algodão comprimido. Depois que apliquei aquilo em minhas narinas por alguns minutos a hemorragia cessou, e joguei os pedaços de algodão úmidos de sangue dentro de um recipiente que por acaso se achava vazio. Algo me compeliu a espiar o interior do recipiente. E fiquei atônito ao perceber que o algodão simplesmente desaparecera, não na escuridão ou algo assim, mas simplesmente desaparecera. Visto isso, eu fui até o canto do aposento onde deixara todo o pus e o material que fora usado para medicar o lama, e com a ajuda de um objeto metálico achatado, que dispunha de um cabo de madeira, recolhi todos os detritos que consegui, e os despejei no recipiente de "refugo", onde tudo aquilo logo desapareceu. Então voltei ao canto mais distante, onde havia aquela espécie de fossa para atender às nossas necessidades naturais, e recolhi tudo que ali se encontrava para depois colocar no recipiente. Imediatamente todo aquele material desapareceu, e o recipiente continuou a mostrar-se claro e limpo.

— Lobsang, penso que esse recipiente deve ser ajustar a esse buraco no chão que estivemos usando para satisfazer aos apelos da natureza. Quer verificar se ele realmente se ajusta?

Eu fui girando aquela coisa e sim, ela se ajustava perfeitamente àquela cavidade no solo, assim a deixei ali pronta para uso imediato.

— Mestre, mestre — eu disse tomado de grande excitação — se o senhor se sentar nesta cadeira posso levá-lo por aí e mostrar-lhe absolutas maravilhas.

O lama ergueu-se cauteloso e eu deslizei a cadeira para junto dele a fim de que se sentasse. Então girei aquele pegador como vira no filme e a cadeira ergueu-se cerca de trinta centímetros no ar, justamente a altura exata para eu segurar os dois pegadores e manobrar aquela coisa. E assim, com o Lama Mingyar Dondup sentado no que eu chamei de cadeira de rodas e que era

evidentemente manobrada por levitação e não rodas, voltamos àquele aposento onde havia todas aquelas máquinas.

— Acho que esta era a sala onde eles se entretinham, Lobsang. Todas estas coisas proporcionam divertimentos e jogos. Vamos dar uma olhada naquela caixa próxima da entrada desta sala.

Manobrei a cadeira de volta à entrada, e a empurrei na direção exata da máquina em que eu tinha visto as instruções referentes à cadeira. Uma vez mais apertei um botão e vi uma cena fumada. Entre todas as coisas incríveis que a máquina mostrava estava a figura do Lama Mingyar Dondup sentado na cadeira e eu empurrando-a. Então nos movemos vários centímetros no interior do aposento e o lama se pôs a dizer algo assim que nos voltamos e tomamos a nos acercar da tal máquina. Vimos então ela projetar tudo que tinha acabado de ocorrer. Então a cena mudou e surgiram as formas de várias máquinas, sendo projetadas instruções sobre a função das mesmas. Havia uma máquina perto do centro da sala, e se alguém empurrasse um dos botões, vários objetos pequenos e coloridos deslizariam para um tabuleiro. Nós nos acercamos dessa máquina. O lama apertou o botão indicado, e com o ruído metálico algumas coisas redondas rolaram de um plano inclinado indo cair num pequeno tabuleiro mais abaixo. Examinamos tais objetos redondos, experimentamos parti-los, e aí eu vi a um dos lados da máquina uma coisa pequena feito um prato tendo ao alto uma lâmina recurva. Coloquei algumas daquelas coisas redondas no recipiente e puxei para baixo uma manivela — receoso e trémulo — para ver o que aconteceria. Aqueles objetos esféricos logo foram partidos em dois, e pareceram ser algo viscosos. Eu, sempre muito pronto a pensar em comida, toquei um dos lados daquela coisa e levei-a ao encontro da minha língua.

Êxtase puro! O sabor mais maravilhoso que eu já sentira em minha vida. E eu disse:

— Mestre, isto é uma coisa que o senhor realmente deve experimentar.

Eu o fiz aproximar-se do tal botão e ele o apertou de novo, e mais uma porção daquelas coisas redondas surgiram da máquina. Peguei uma e a pus na minha boca. Foi como se na realidade tivesse posto uma pedra na boca. Após uns poucos instantes, porém, a casca aparente daquela coisa começou a amolecer com a pressão continuada de minhas mandíbulas sobre a sua superfície e aí eu obtive o mais doce de todos os sabores. Aquelas coisas pareciam ser de sabores diferentes. Cada cor tinha um sabor diverso. Mas eu não tinha a menor ideia do que fosse aquilo, e o lama viu que me achava confuso.

— Tenho viajado bastante, como sabe, Lobsang, e numa cidade do Ocidente eu vi uma máquina como esta, contendo bolinhas de açúcar-cande, exatamente como estas aqui. Mas naquela cidade do oeste a pessoa tinha que depositar uma moeda. Punha-se uma moeda numa fresta e muitas dessas bolas saíam da máquina. Há outras máquinas como essa, fornecendo diferentes coisas. Havia uma que me chamou particularmente atenção porque continha uma substância chamada chocolate. Agora eu não posso escrever essa palavra para você. Ah! Ah! — ele exclamou Ali está ela, ali está essa palavra escrita nesta oportunidade com seis outras palavras. Presumo que são linguagens todas diferentes estas aqui. Mas vejamos se isto funciona.

Ele calcou o botão escolhido, com firmeza, e a máquina emitiu o ruído de uma leve tosse, e uma porta abriu-se na parte da frente. Ali dentro eu vi diferentes tipos de chocolate ou balas, e nós nos servimos de tanto do que ali víamos que chegamos a nos sentir mal depois. Eu cheguei francamente a pensar que ia morrer! Acerquei-me daquele lugar que já descrevi e ali pus para fora tudo que tinha comido. O Lama Mingyar Dondup, abandonado em sua singular cadeira, me chamou para buscá-lo às pressas. E assim nós simplesmente iremos passar por alto o resto dessa nossa experiência.

Já recuperados do mal-estar, debatemos o caso e chegamos à conclusão de que fora nossa gula que nos fizera abusar daquele

estranho alimento; depois nos deslocamos para um outro compartimento que devia ter sido destinado outrora à oficina de consertos. Ali havia toda espécie de máquinas muito estranhas, e reconheci uma como sendo um tomo. O Dalai Lama dispunha de um deles em um de seus depósitos, ele lhe fora enviado por uma nação amiga que desejava tomar-se mais amistosa ainda. Ninguém sabia como usar aquela máquina, naturalmente, mas eu entrara naquele depósito muitas vezes, furtivamente, e por acaso fora capaz de descobrir o que era aquela coisa. Era um tomo com pedal. Uma pessoa se senta num banco de madeira e usa os pés juntos para empurrar dois pedais para cima e para baixo. Isso levava uma roda a girar, e se se pusesse, digamos, um pedaço de madeira entre o que era chamado o cabeçote fixo e o cabeçote móvel do tomo seria possível torner a madeira e fazer varas perfeitamente correias. Eu não percebera de início a sua utilidade, mas peguei nossos cajados e os aplainei bem, e nos sentimos muito mais satisfeitos com o que eu poderia chamar unicamente de um bastão feito por um profissional.

Voltamos a mover-nos e vimos uma coisa que parecia ser um cadinho de alto-forno. Havia ali maçaricos de sopro e toda espécie de instrumentos térmicos, e logo nós os estávamos checando. Verificamos que podíamos amalgamar metais fundindo uma peça dentro da outra, e gastamos muito tempo experimentando diferentes coisas e pondo à prova nossas habilidades. Mas o lama disse:

— Vamos dar uma olhada mais adiante, Lobsang. Há aqui algumas coisas maravilhosas, não acha?

Então, eu girei a manivela de novo, e a cadeira mecânica elevou-se cerca de sessenta centímetros. Eu a empurrei para fora do quarto onde estávamos e entramos em outro após percorrer um espaço bem grande. Ali o mistério imperava. Havia um bom número de mesas, de metal, com enormes bolas sobre elas. Isso não fazia nenhum sentido para nós, mas a seguir, num aposento anexo, encontramos um vão no piso e na parede logo acima estavam impressas o que eram, obviamente, instruções sobre como se usar

aquela coisa. Felizmente havia também ilustrações mostrando como utilizar aquele recesso, assim nos sentamos à beira do que resultava ser uma piscina vazia e eu retirei as bandagens do lama. Depois o ajudei a levantar-se e imediatamente após ele se colocar no centro daquela espécie de piscina esta começou a se encher de uma solução borbulhante!

— Lobsang, Lobsang, isto irá curar minhas pernas. Posso entender algumas das palavras impressas na parede, e se não posso lê-las numa língua posso fazê-lo em uma outra. Isto é uma coisa para regeneração da carne e da pele.

— Mas, mestre, como isto poderá curar os ferimentos de suas pernas, e como é que o senhor conhece tanto acerca dessas línguas?

— Oh, é muito simples. Eu tenho estudado esse tipo de coisa a vida toda. Tenho viajado a diversas partes do mundo, e travado contato com diferentes dialetos. Você deve ter notado que eu sempre carrego livros comigo, e uso todo o tempo disponível para a leitura desses livros e a colheita "de seus conhecimentos. Bem, esta língua — apontou para as inscrições na parede — é a que é denominada sumeriana, e esta era a língua principal de uma das Atlântidas! — Atlântidas? — conjecturei. — Mas o lugar era Atlântida — disse então, e o lama riu para mim muito alegremente e disse:

— Não, não, Lobsang, não há nenhum lugar dito Atlântida, trata-se de um termo genérico para muitas terras que afundaram no oceano sem deixar vestígios.

— Oh, eu pensava que Atlântida fosse um lugar onde seu povo possuía uma civilização em grau avançado a tal ponto que nos faria parecer selvagens, mas agora o senhor acaba de me dizer que não houve nenhuma Atlântida especificamente falando.

O lama interrompeu o que eu pretendia dizer ainda e retrucou:

— Há muita confusão a respeito disso, e os cientistas deste mundo não iriam crer na verdade. E esta é a seguinte: em certa época remota este mundo contava apenas com uma massa de

terra. O resto era água, e eventualmente, por efeito das vibrações da Terra, tais como os terremotos, a massa única terrestre foi cindida em ilhas, e se estas aconteciam ser maiores eram chamadas de continentes. Aos poucos elas foram se separando e assim muitas dessas ilhas abrigavam pessoas que tinham esquecido a antiga língua, e passaram a usar seu próprio dialeto familiar como sua linguagem padrão. Anos passados não havia fala, todos se comunicavam por telepatia, mas depois algumas pessoas de má índole passaram a tirar vantagem do conhecimento do que era comunicado por uns a outros, e assim tomou-se costume que nas comunidades de então os líderes das mesmas ideassem idiomas que deveriam usar quando eles não desejassem utilizar a telepatia que alguém pudesse apreender. Com o tempo, a linguagem tomou-se cada vez mais empregada, e a arte da telepatia foi esquecida, exceto por umas poucas pessoas como nós, do Tibete. Nós podemos nos comunicar através do pensamento. Eu, por exemplo, venho me comunicando com um amigo de Chakpori e lhe contei minha atual situação. E ele replicou que seria mais conveniente então permanecermos onde estamos agora porque havia sinais de fortes tempestades que tornariam muito difícil para nós descer a montanha. Como ele disse: que importa onde estejamos e por quanto tempo, se estamos aprendendo algo, e eu penso que estamos realmente aprendendo bastante. Mas, Lobsang, essa substância parece estar produzindo um efeito maravilhoso em minhas pernas. Olhe para elas e verá como na verdade se mostram curadas.

Fiz o que me era pedido e o que vi era quase sobrenatural. A carne tinha sido repostada perfeitamente sobre os ossos, e pensei que já não seria preciso — como supusera horas atrás — amputar as pernas do lama na volta a Chakpori. A imersão naquela coisa maravilhosa estava curando as pernas do lama. Assim que as examinei melhor pude verificar como a pele se renovara unindo os talhos.

Subitamente, o lama disse:

— Acho que interromperei esse meu banho por certo tempo porque está fazendo minhas pernas comicharem tanto que se permanecer aqui acabarei por saracotear uma espécie de dança que de algum modo arrancaria risos de você.

Assim, vou sair daqui, e não precisarei de ajuda para tal.

Ele moveu-se realmente com segurança, e assim que o fez todo o líquido desapareceu da pequena piscina. Não havia nenhuma abertura para isso, nenhum cano de escoamento ou algo parecido, o líquido simplesmente desapareceu no fundo.

— Veja, Lobsang, aqui estão alguns livros com ilustrações absolutamente fascinantes. Mostram como fazer certas operações, exemplificam como aquelas máquinas lá fora devem funcionar. Nós devemos tentar entender isto porque podemos ser capazes de beneficiar o mundo inteiro se essa ciência bem antiga puder ser revivida.

Observei alguns daqueles livros, e eles me pareceram um tanto chocantes. Gravuras exibindo as partes internas das pessoas, criaturas com as feridas mais horríveis que se possa imaginar, algumas tão ruins que uma pessoa nem mesmo poderia imaginar. Mas decidi fixar minha atenção naquilo e procurar aprender tudo que pudesse acerca do corpo humano. Mas primeiro, cheguei à firme conclusão de que a alimentação era muito necessária. Não se pode exercitar o cérebro sem um suprimento alimentar, e expressei com palavras meu pensamento sobre o assunto. O lama riu e disse:

— Era justamente o que eu estava pensando. Esse tipo de tratamento me trouxe um apetite intenso, assim vamos até esse lugar que serve de cozinha e veremos o que há ali. Nós estamos entre duas alternativas: ou temos de viver de frutas ou então romper com uma de nossas normas e comer carne.

Eu estremeci, e me senti nauseado. E disse:

— Mas, mestre, como nós podemos comer a carne de um animal?

— Mas, meu Deus, Lobsang, esses animais morreram há milhões de anos. Nós não sabemos quão antigo é este lugar, mas sabemos que ele está em notáveis condições de boa conservação. É melhor para nós comermos um pouco de carne e continuar vivendo do que simplesmente sermos puristas e morrermos.

— Mestre, como este lugar se acha em tal estado de conservação se já tem um milhão de anos? Isso não me parece possível. Tudo se desgasta com o tempo e o uso, este lugar dá a impressão de ter sido ocupado até ontem. Eu simplesmente não posso compreender isso, como não entendo nada acerca da Atlântida.

— Bem, há uma coisa chamada suspensão das atividades vitais. Na verdade, estas criaturas, os Jardineiros da Terra, eram suscetíveis a enfermidades tal como nós o somos, mas eles não podiam ser tratados e curados com as incipientes substâncias à disposição na Terra; assim, quando uma pessoa estava enferma e sua cura fora do alcance do talento dos Jardineiros aqui na Terra, então os pacientes eram envolvidos em plástico após receberem o tratamento de suspensão das atividades ou funções vitalizantes. Nesse estado o paciente permanecia vivo, mas só em parte. Um batimento cardíaco não podia ser captado, e certamente a respiração também não seria detectada, e as pessoas podiam ser mantidas nesse estado de animação suspensa por cinco anos. Uma nave descia à Terra todo ano para recolher esses "embalsamados", e os pacientes eram levados para tratamento em hospitais especiais na Morada dos Deuses. Quando eles eram tratados ficavam tão bons como se fossem novas criaturas.

— Mestre, e quanto a esses outros corpos, de homens e mulheres, cada um num ataúde de pedra? Estou seguro de que eles estão mortos, mas parecem vivos e saudáveis, portanto o que se acham fazendo aqui, a que se destinam?

— Os Jardineiros da Terra são pessoas muito ocupadas. Seus superintendentes são ainda mais atarefados, e se desejam saber algo a respeito das verdadeiras condições reinantes entre as

criaturas terrenas basta-lhes apenas fiscalizar um desses corpos. Sua própria forma astral penetra num desses corpos, que são apenas casulos, como você sabe, e ativam o envoltório corpóreo. E então qualquer um deles pode vir a ser um homem de trinta anos, ou qualquer outra idade adequada, sem os incômodos e embaraços de um recém-nascido comum, e viver uma infância e talvez ter tido um emprego, ou mesmo uma mulher. Tudo isso que poderia resultar num bom número de complicações. Mas esses corpos mantidos em boa conservação, e se acham sempre aptos a receber uma "alma", que deve ativá-los por certo tempo, e fazê-los reagir a certos estímulos. E o corpo em questão torna-se capaz de mover-se sob controle perfeito da vontade a critério do novo e temporário ocupante do casulo corpóreo. Há um bom número desses casos que nós podemos intitular de pessoas transmigradas. Elas aqui estão para a manutenção de uma checagem dos humanos e a fim de tentar prevenir e corrigir algumas das tendências agressivas dessas pessoas.

— Eu acho isso fascinante e quase inacreditável. E quanto aos corpos sobre o cimo do Potala, aqueles que são envolvidos em ouro, são destinados a algum uso também?

— Oh, meu Deus, não — retrucou o lama. — Aqueles são humanos de um tipo superior, e quando o corpo morre o ego move-se para esferas mais elevadas. Alguns vão para o mundo do astral, onde aguardam, estudando algumas das criaturas desse universo astral; mas eu terei de contar a você mais sobre isso e acerca do reino de Patra. Pelo que tenho conhecimento, somente nós, os lamas tibetanos, conhecemos algo sobre Patra, mas este é um assunto vasto demais para ser resumido. Sugiro que demos uma olhada à nossa volta um pouco porque este é realmente um longo complexo de cavernas.

O lama adiantou-se a mim alguns passos para recolocar alguns livros nas estantes, e aí eu disse:

— Não é uma pena deixar livros tão valiosos em estantes como estas? Não seria melhor para nós levá-los para o Potala?

O Lama Mingyar Dondup me endereçou um olhar significativo, e então disse:

— Eu me sinto cada vez mais surpreso com o quanto você já conhece em sua juvenil idade, e o Dalai Lama me deu plena permissão para lhe contar tudo que eu penso que você deve saber.

Eu me senti muito lisonjeado com tais palavras, mas o lama prosseguiu:

— Você esteve presente à entrevista com aqueles soldados ingleses, um deles chamado Bell, e o Dalai Lama ficou encantado por você não ter revelado, nem mesmo a mim, o que foi dito e feito na ocasião. Eu, deliberadamente, o pressionei, Lobsang, para testar sua capacidade de guardar segredos, e estou verdadeiramente encantado com o modo como você reagiu.

"Dentro de poucos anos o Tibete irá ser conquistado pelos chineses, e estes despojarão o Potala de todas as coisas que o fazem ser realmente o Potala, irão levar as Figuras Douradas e simplesmente derretê-las por causa do ouro que contêm. Livros sagrados e de ensino serão levados para Pequim e estudados, porque os chineses sabem que podem aprender bastante conosco; assim, nós buscamos lugares seguros e escondidos para preservar as coisas mais valiosas. Você não teria descoberto esta caverna a não ser por mero acaso, e nós iremos vedar este lado da montanha para que o acaso não possa ocorrer de novo. E, você pode ver, nós temos aqui túneis intercomunicando-se por mais de trezentos quilômetros, e os chineses não podem percorrê-los em suas máquinas de quatro rodas, e certamente não podem vencê-los a pé, embora para nós isto signifique apenas uma viagem de dois dias.

"Em alguns anos o Tibete será invadido, mas não realmente conquistado. Nossos homens mais sábios irão para as terras altas do Tibete, e viverão em subterrâneos de modo muito semelhante ao das pessoas que escaparam antes de viver na parte mais profunda deste mundo. Agora, não fiquemos nervosos por ter que discutir essas coisas. O Dalai Lama diz que não há motivo algum para que nos apressemos a voltar. Eu terei que ensinar a você o máximo que

possa, na medida de meus conhecimentos, acerca de muitas coisas. Levar essas obras de volta ao Potala seria como colocá-las simplesmente em mãos dos chineses, e isto seria um destino lamentável.

"Bem, penso que já é hora para nós de efetuar uma pesquisa metódica do que há nesta caverna em particular, e iremos esboçar um mapa deste lugar.

— Não será necessário, senhor — eu repliquei. — Aqui está um mapa muito minucioso.

Capítulo 4

O Lama Mingyar Dondup mostrou-se sumamente encantado e ficou ainda mais satisfeito quando eu lhe mostrei mapas de várias outras grutas.

Eu andara revistando uma das estantes e me surpreendera por não haver uma partícula sequer de poeira ali, e o.bem, eu diria que era papel, mas na realidade era alguma substância parecida com papel só que muito mais fina. Nosso papel era todo confeccionado a mão, um material extraído do papiro. Mas ao pegar naquela pilha de papéis vi que sê tratava de mapas e cartas geográficas. Havia primeiramente um mapa em pequena escala mostrando uma área de cerca de quatrocentos quilômetros, e a seguir o túnel em questão era assinalado com certos intervalos no seu alinhamento para mostrar onde não era mais transitável, e aí uma pessoa teria que sair de nosso próprio túnel e buscar a entrada para um outro. Isto era exibido no mapa perfeitamente, mas saber quantos tremores de terra tinham afetado a precisão do mapa, isto era o problema. Mas a seguir, o próximo mapa era um desenho da caverna na qual nós estávamos agora abrigados. Todos os compartimentos eram ali mostrados, e fiquei surpreso com o número deles, e notei que os armários e aposentos tinham sido todos rotulados, mas, é claro, eu não podia entender aquelas explicações. Mas meu guia, pensei, podia.

Pousamos o mapa no solo e nos agachamos enquanto o examinávamos.

- Lobsang, você tem feito algumas descobertas notáveis durante esta jornada, e isto irá pesar bastante a seu favor. Certa vez trouxe aqui um jovem chela, que ficou inteiramente receoso até mesmo de entrar na caverna. Como sabe, o velho ermitão que encontrou a morte na montanha irá realmente o Guardiã da entrada dos túneis, e agora teremos que construir um novo eremitério para guardar essa mirada.
- Penso, senhor, que não será necessário um Guardiã, porque o

túnel inteiro pelo qual nós entramos está bloqueado aparentemente por causa do tremor de terra, por uma camada de rocha, e esta se prolonga até cobrir a entrada. Não fosse por estes mapas, possivelmente ficaríamos enterrados aqui para sempre.

O lama assentiu com ar muito sério, e, erguendo-se, caminhou ao longo do trecho onde se achavam as estantes, olhando para os livros, lendo seus títulos. Então, com uma exclamação de agrado, ele pegou um livro oh, era uma coisa maciça, um livro grande, volumoso, que parecia ter sido editado não há um milhão de anos e sim recentemente.

- É um dicionário, Lobsang, das quatro línguas em uso. Agora estamos bem equipados.

Ele ergueu o livro e de novo abaixou as mãos e colocou-o no chão. Seria necessário desdobrar no chão todos aqueles mapas, a mesa era pequena demais para tal. Mas o lama empenhou-se na leitura de várias páginas do dicionário e então, já fazendo anotações no mapa de nossa caverna, disse:

- Séculos e séculos atrás, havia uma civilização muito avançada, com um avanço bem maior do que o mundo veio a alcançar desde então, mas infelizmente ocorreram mais tremores de terra e maremotos, e algumas terras foram submergidas pelas vagas, e, de acordo com este dicionário, a Atlântida não foi apenas o único continente submerso. Houve um outro no oceano que eles chamaram de Atlântico, e mais um outro mais abaixo do oceano Atlântico. Era um lugar onde havia muitos picos elevados e esses cimos ainda se projetam sobre as águas e agora são chamados de ilhas. Posso mostrá-las a você em sua exata localização neste mapa.

Ele moveu-se rebuscando entre os papéis e então apanhou uma grande folha colorida. A seguir, indicou os mares onde existira a Atlântida. Então prosseguiu na sua explicação:

— Atlântida, a terra perdida, este é o significado real da palavra. Não é um nome como Tibete ou Índia, trata-se de um termo

genérico para uma terra desaparecida, a que afundou sem deixar vestígios.

Nós nos mantivemos em silêncio enquanto olhávamos de novo aqueles mapas. Eu estava ansioso em descobrir como sair daquele lugar. O lama estava ansioso para encontrar certos compartimentos. Por fim, ele se aprumou e disse:

— Ouça, Lobsang. Naquele aposento há máquinas maravilhosas que nos mostrarão o passado que se estende até o presente, e ali há uma máquina que revela o provável futuro. Como sabe, graças à astrologia, por exemplo, você pode antecipar o que irá acontecer a um país, mas quando se trata de uma pessoa em particular, tal antecipação requer um génio em astrologia, e você teve tal génio astrológico para antecipar seu futuro, e este é, na verdade, um difícil futuro.

"Vamos examinar primeiro alguns desses compartimentos porque precisamos depois passar um longo tempo na sala de máquinas, pois estas podem mostrar-nos o que aconteceu desde que as primeiras criaturas vieram ter a este mundo. Neste mundo elas cultivaram muitas crenças peculiares, mas nós conhecemos a verdade porque temos sido capazes de consultar o Registro Akashic e o Registro Akashic de Probabilidades, isto é, podemos antecipar acuradamente o que irá acontecer ao Tibete, à China, e à Índia. Mas quanto aos indivíduos, não, o Registro de Probabilidades se restringe demasiado às possibilidades, e não pode ser levado muito a sério.

— Mestre, sinto-me absolutamente confuso porque todas as coisas que tenho aprendido me revelam que há uma dissolução: o papel deve desfazer-se em pó, corpos devem converter-se em pó, e os alimentos, bem, após um milhão de anos certamente devem desfazer-se também, e simplesmente não entendo como este lugar já pode ter um milhão de anos mais ou menos. Tudo aqui parece novo, fresco, e simplesmente não consigo entender isso.

- O lama me sorriu, e então disse:

- Mas há um milhão de anos atrás havia uma ciência mais adiantada do que a de hoje, e eles dispunham de um sistema por meio do qual o próprio tempo podia ser detido. Tempo é uma coisa puramente artificial, e é usada somente neste mundo. Se você se acha à espera de algo muito agradável, parece então ser um tempo terrivelmente longo o que terá que aguardar para obtê-lo, mas se você tem que ir à presença de um veterano lama para ter uma longa conversa bem, parece não decorrer nenhum tempo antes que se ache diante dele ouvindo sua opinião a seu respeito. Tempo é uma coisa artificial, para que as pessoas possam fixar seus compromissos comerciais ou cuidar de assuntos cotidianos. Essas cavernas são isoladas do mundo, dispõem do que eu posso chamar apenas de um anteparo à sua volta, e este anteparo as coloca numa dimensão diferente, a quarta dimensão, onde as coisas não se deterioram. Nós iremos fazer uma refeição antes de explorar os outros compartimentos, e o que vamos comer será a carne de um dinossauro que foi morto por caçadores há dois ou três milhões de anos passados. Você achará seu sabor inteiramente satisfatório.
- Mas, mestre, pensei que nos era proibido comer carne.
- Sim, as pessoas comuns são proibidas de comer carne. E tido como inteiramente adequado que elas vivam de tsampa porque se seguem se empanturra de carne então seu juízo se torna obtuso. Nós estamos recorrendo à carne para nossa alimentação porque necessitamos da energia extra que somente a carne pode oferecer e, seja como for, temos aqui muito pouca carne, dispomos principalmente de legumes e frutas. Mas você pode ter certeza de que comer esta porção de carne não irá prejudicar sua alma imortal.

Dito isso, ele levantou-se e foi até àquela espécie ao» despensa, e voltou trazendo um grande recipiente onde se via uma horrível ilustração no rótulo que o envolvia. Nela aparecia o que imaginei ser um dinossauro e sublinhada com tinta vermelha via-se uma marca mostrando que parte do dinossauro se achava na grande lata. O lama procedeu depois à abertura da lata. Pude ver

então que a carne contida ali dentro estava absolutamente fresca, o animal podia perfeitamente ter sido abatido naquele mesmo dia, tal o aspecto da carne.

— Nós vamos cozinhar isto porque a carne cozida é muito melhor do que crua, assim será bom que você observe bem o que eu fizer.

Eu o vi fazer algumas coisas curiosas com alguns daqueles pratos de metal, e a seguir ele despejou o conteúdo da lata de conserva num dos recipientes metálicos e o introduziu no que parecia ser um pequeno armário de metal. Depois, ele fechou a porta e girou alguns botões com o que pequenas luzes se acenderam. Então o ouvi dizer:

—Agora, dentro de dez minutos, isto estará cozido perfeitamente, porque não é preparado diretamente sobre as chamas, mas sim aquecido do interior para fora. Trata-se de algum sistema de raios que eu reconheço não entender. Mas agora devemos providenciar alguns legumes adequados que irão bem com a carne.

— Mas como o senhor aprendeu tudo isto, mestre?

— Bem, tenho viajado bastante e recolhi conhecimentos do mundo ocidental e observei como eles preparam uma carne especial no sétimo dia da semana. Devo admitir que tal prato tem um sabor realmente bom, mas requer um sortimento completo de legumes, e penso que nós os temos aqui

Ele esticou as mãos até o fundo do armário e puxou um recipiente alongado. Colocou-o a seguir na chapa metálica e examinou atentamente o rótulo dizendo então:

- Sim, eis aqui os legumes e temos de colocá-los no forno por cinco minutos para cozinhar. No mesmo instante uma luz se apagou. Ah, este é um sinal, devemos empurrar essas verduras agora para o interior disto.

Depois, o lama acercou-se daquela coisa semelhante a um forno, abriu a porta, e introduziu o recipiente. E, então fechou

rapidamente a porta. A seguir, ajustou alguns dos botões superiores, e uma luz diferente se acendeu.

- Quando todas essas luzinhas se apagarem, Lobsang nossa refeição estará preparada perfeitamente. Portanto agora temos que apanhar pratos e aqueles outros utensílios curiosos que você já viu, como facas afiadas e objetos de metal com pequenas conchas numa extremidade, e aquelas outras coisas que têm quatro ou cinco gumes numa extremidade, e que são chamadas de garfos. Acho que você irá apreciar esta refeição.

Mal ele terminou de falar as pequenas luzes piscaram enfraqueceram e se extinguiram. '

- Aí está, Lobsang. Agora, podemos sentar no chão e fazer uma boa refeição.

Vi o lama aproximar-se daquele lugar aquecido que ele chamara de forno, e, cuidadosamente, abriu a porta. O cheiro era delicioso e o observei com um gosto antecipado nos lábios retirar os pratos metálicos das prateleiras gradeadas. O lama colocou em meu prato uma boa porção de tudo que fora cozido, e então uma porção menor para ele.

- Comece a comer, Lobsang, comece. Nós precisamos conservar nossas energias em bom estado, você sabe.

Os pratos continham verduras de cor diferente, nenhuma das quais eu vira até então, e com elas ali estava aquele prato maior com um grande pedaço de carne de dinossauro. Cautelosamente, peguei aquela carne com meus dedos quando então o lama me disse para usar um garfo para espetar a carne, e me mostrou como proceder. Bem, eu cortei um pedaço de carne, olhei-a, cheirei-a, e a levei à boca. Rapidamente me precipitei na direção da cozinha e me liberei daquela carne que estava em minha boca. O lama irrompeu em riso.

— Está inteiramente equivocado em seus pensamentos, Lobsang. Você pensa que estou lhe pregando uma peça, mas não estou. Em algumas regiões da Sibéria seus habitantes algumas

vezes enterravam um dinossauro capturado recentemente no solo gelado, e o animal ficava de tal modo congelado que eram necessários de três a quatro dias para que degelasse. E eles comiam a carne do dinossauro com um supremo prazer.

— Bem, eles podiam ficar com a minha parte desta carne com um prazer ainda maior para mim. Pensei que estava envenenado! Que coisa abominável é esta. Eu chegaria até a comer a carne da minha avó ao invés dessa nojeira!

Cuidadosamente, raspei os últimos restos da carne de meu prato, e então olhei desconfiado para os legumes, achando que devia experimentar algum deles. Para minha surpresa, tinha um sabor realmente muito bom. Imaginem vocês, eu nunca tinha provado legumes antes, tudo que tivera para comer regularmente até ali fora tsampa e água para beber. Assim, me servi de todos aqueles legumes até que o lama me disse:

— Será melhor parar agora, Lobsang. Você já fez realmente uma suculenta refeição, e, como sabe, não está acostumado a comer essas verduras. Sendo esta a primeira vez, essa absorção de verduras o deixará com o estômago perturbado, a coisa toda funcionando como um purgante, e assim eu vou lhe dar uns dois comprimidos para acalmar seu estômago.

Eu engoli os desagradáveis comprimidos e estes me pareceram tão grandes como cascamos. Depois que eu engolira tais coisas, o lama me olhou e disse:

— Você os tomou a seco? Bem, o normal é engoli-los com a ajuda de um bom copo d'água. Faça isso agora, encha seu copo com água e verá que o gosto do pó dos comprimidos desaparecerá.

Uma vez mais me levantei e caminhei até a cozinha, cambaleei seria o termo mais exato, porque nunca em minha vida comera legumes ou frutas. Bem, eu podia sentir alarmantes contrações dentro de mim, tão alarmantes de fato que tive de deixar o copo de lado e correr — o caminho todo — até o pequeno compartimento que dispunha daquela abertura no chão. Mais meio minuto e poderia

ser tarde demais. Contudo, felizmente alcancei aquela "latrina" a tempo.

Voltei para onde estava o lama e disse:

— Há muitas coisas que realmente me intrigam, e simplesmente não consigo afastá-las da mente. Por exemplo, o senhor disse que este lugar pode já ter dois milhões de anos, então como é que os legumes e as frutas são tão apetecíveis?

—Ouça, Lobsang, você deve lembrar-se de que este mundo tem milhões de anos de existência, e muitos tipos diferentes de pessoas aqui já viveram. Por exemplo, há cerca de dois milhões de anos atrás houve uma espécie de criaturas sobre a Terra e que eram conhecidas como Homo habilis. Elas ingressaram na nossa era com a invenção dos primeiros utensílios deste ciclo particular. Você sabe que o Homo sapiens é o que nós somos, e procedemos daquele outro Homo que eu acabei de mencionar.

"Para tentar fazê-lo entender isso um pouco melhor, permita-me dizer que o mundo é como um jardim, e todos os edifícios do mundo são plantas. Bem, com a devida frequência, o cultivador terá que vir para cuidar de seu jardim. Isto significa que ele irá revolver o solo, e assim procedendo irá descobrir todas as plantas e raízes. Elas ficarão expostas ao ar por alguns minutos, e assim que o plantio ocorre de novo elas irão ser enterradas mais profundamente, tanto que no fim ninguém poderia dizer que no jardim havia ou qual planta. É o mesmo que ocorre com os seres humanos no mundo; pensemos em nós como plantas. Mas os humanos de tipos diferentes são postos à prova, e se não podem atuar de modo a satisfazer os jardineiros, então catástrofes e desastres serão seu fado. Haverá tremendas explosões e terremotos, e todo traço de humanidade será sepultado, profundamente enterrado no solo, e aí então uma nova raça de pessoas aparecerá. E assim o ciclo prosseguirá; tal como o cultivador escava sob as plantas, desenraizando-as, assim também os jardineiros do mundo causam tais desastres que todo o vestígio de habitação é extinto.

"Com frequência um agricultor estará ocupado com seu pedaço de terra, e ele poderá distinguir algo brilhando no solo onde se acha escavando. Ele então se inclinará e colherá tal coisa, perguntando-se o que ela será. E talvez ele a guarde em suas vestes a fim de levá-la para casa e mostrá-la à sua mulher e talvez a seus vizinhos. Poderia ocorrer que ele tivesse encontrado algo que estava enterrado no solo revolvido há um milhão mais ou menos de anos e agora, com os tremores de terra, o objeto de metal brilhante fosse trazido à flor da terra.

"Algumas vezes uma ossada virá a ser descoberta e o agricultor gastará talvez dois minutos perguntando-se que espécie de pessoa seria a possuidora de tal objeto, porquanto já têm existido muitas estranhas criaturas nesta Terra. Já houve, por exemplo, mulheres com a pele purpurina e oito pares de seios, tal como uma cadela prenhe. Suponho que seria de todo útil terem essas dezesseis mamas, mas tal raça se extinguiu porque era inviável. Se a mulher viesse a dar à luz muitas crianças, seus seios se tornariam tão pendentes que ela dificilmente seria capaz de caminhar sem cair, assim aquela raça se extinguiu. E depois houve uma outra raça cujos homens tinham cerca de 130 centímetros de altura, nenhum além dessa marca, e eles tinham nascido já como ginetes, não como você que mal consegue manter-se no lombo do potro dócil que nós temos, mas suas pernas eram extremamente arqueadas e eles não tinham nenhuma necessidade de estribos ou sela, ou alguma coisa parecida; a conformação de seu corpo parecia ter sido destinada especialmente para cavalgar. Infelizmente o cavalo não tinha sido "inventado" naquela época.

Mas, senhor, eu não posso entender como nós podemos estar numa montanha, exatamente no seu interior, e no entanto dispormos de uma luz solar brilhante e esta plenitude de calor. Isso me confunde, e eu não posso encontrar nenhuma explicação.

O lama sorriu como sempre fazia diante de algum de meus comentários, e disse:

Estas rochas que chamamos de montanhas têm propriedades especiais, elas podem absorver a luz do sol, continuamente, e então, se há quem saiba como, nós podemos obter a luz solar liberta de qualquer grau de brilho que necessitarmos. Assim, como o sol está brilhando mais ou menos o tempo todo sob o cimo das montanhas, bem, nós estamos sempre armazenando a luz solar para quando o sol tiver sumido em sua jornada diária e esteja fora do alcance de nossa visão. Isso não é absolutamente uma coisa mágica, é uma ocorrência perfeitamente comum, como as marés. Oh, eu esqueci que você nunca viu o mar, mas este é uma vasta massa líquida. Uma água que não se pode beber porque provém da água fresca que escorreu do lado da montanha e através da terra trazendo com ela toda sorte de impurezas e detritos venenosos, se tentássemos bebê-la isso apressaria nossa morte. Assim nós temos que usar parte da luz solar armazenada. Ela incide sobre um tipo especial de placa, e uma fria corrente de ar se desloca sobre a outra extremidade da placa ou prato, então a luz se manifesta como calor de um lado e frio do outro. O resultado disso é que gotículas de água se formam, nascidas da luz do sol e do frio da terra. Isso resultará em água absolutamente pura, chamada de água destilada, e assim nós podemos recolhê-la em recipientes e dispor, depois, de bastante água fresca para beber.

— Mas, mestre, essa questão de terem essas coisas um milhão ou dois de anos... bem, simplesmente não posso entender em absoluto. A água, por exemplo; giramos algo de metal e obtemos água fria que, obviamente, foi depositada num tanque em algum lugar há um milhão ou mais de anos. Bem, como foi que essa água não se evaporou? Como pode possivelmente ser bebida após tantos anos? Isso me deixa absolutamente incrédulo. Sei que no teto do Potala o reservatório de água cedo secaria, assim como isto pode já ter um milhão de anos?

— Lobsang! Lobsang! Você pensa que temos uma ciência adiantada agora, que conhecemos bastante sobre medicina e ciências, mas aos olhos do mundo exterior somos apenas um bando de selvagens deseducados. No entanto, aprendemos coisas que o

resto do mundo não aprendeu, o resto do mundo é um grupo de pessoas materialistas. Esta água pode ter um milhão ou dois de anos, mas até virmos aqui e a descobriremos e pôr tudo para funcionar... bem, isso pode ter sido simplesmente há uma hora ou duas antes. Compreenda, há uma coisa que se chama animação suspensa. Nós temos ouvido muitas coisas de outros países sobre pessoas que ficaram mergulhadas num transe cataléptico durante meses, e há alguém agora que já superou essa marca ficando em transe por um ano e meio. E essa pessoa não parece ser afetada por isso, ela não parece mais velha, está simplesmente bem, está viva. Nós não podemos sentir as batidas cardíacas de tal pessoa, não conseguimos nenhuma marca de seu hálito num espelho, portanto o que a sustenta em seu sono, e por que esse estado não lhe produz nenhum dano? Há assim muitas coisas a serem redescobertas, todas essas coisas que eram lugar-comum nos dias em que os Jardineiros chegaram. Simplesmente, como um exemplo, deixe que eu lhe mostre o aposento, está assinalado aqui, no mapa, veja... onde corpos foram conservados num estágio de atividades vitais suspensas. Uma vez por ano, dois lamas virão e entrarão naquele aposento, e retirarão um por um os corpos dos esquifes de pedra e então os examinarão atentamente para ver se detectam alguma doença. Se tudo estiver em boas condições, eles fazem os corpos se movimentarem para cima e para baixo a fim de fazer seus músculos trabalharem de novo. Então, após termos alimentado um pouco os corpos, a tarefa a seguir seria a de pôr o corpo astral de um Jardineiro no corpo retirado do ataúde de pedra. Essa é uma experiência muito singular.

— Como assim, senhor? É realmente uma coisa difícil de fazer?

Agora veja você, Lobsang, me dizendo por um lado que não cré em tal coisa, e por outro que está tentando obter tantos esclarecimentos como lhe for possível. Sim, esta é uma sensação terrível. No astral, um ser está livre para assumir o tamanho que lhe seja mais conveniente, pode-se desejar ser muito pequeno por alguma razão, ou se pode querer ser bem alto e corpulento por algum outro motivo. Bem, pega-se o corpo certo e então o deixamos

ao lado do outro. Aí os lamas injetam uma substância no corpo aparentemente morto e suavemente eles pegam o corpo, o seu no caso, e o colocam sobre o outro. Aos poucos, num espaço de cinco minutos mais ou menos, você desapareceria, tornar-se-ia cada vez mais fraco, e então, de repente, a figura no esquife de pedra daria um salto e, sentando-se bem aprumada, exclamaria assim: "Oh, onde estou? Como vim me encontrar aqui?" Por um certo espaço de tempo, saiba, ela tem a memória da última pessoa a usar aquele corpo, mas dentro de umas doze horas o corpo que tinha assumido deve parecer como absolutamente normal, e na realidade capaz de executar todas as coisas que você poderia fazer se estivesse na Terra envolto em seu próprio corpo. Nós fazemos isso porque algumas vezes não podemos nos permitir o risco de danificar o corpo real. Esses simulacros de corpos, bem, não importa muito o que lhes aconteça, eles têm somente que encontrar alguém com as condições proximamente adequadas às suas, e depois podemos colocar o corpo num esquife de pedra e deixar que a força vital derive para um outro plano existencial. As pessoas nunca são forçadas a essa transmutação, compreenda, isso sempre ocorreu com seu pleno conhecimento e anuência.

"Mais tarde, você irá habitar num desses corpos por um ano menos um dia. Este dia se explica porque os corpos somente durariam trezentos e sessenta e cinco dias se certas coisas complicadas não lhes acontecessem. Assim, é melhor fixar a duração da tomada de posse do corpo em um ano menos um dia. E então... bem, o corpo que você esteja ainda ocupando ficaria no interior do ataúde de pedra, estremecendo devido à frialdade do mesmo, e aos poucos sua forma astral emergiria do corpo substituto e entraria em seu próprio corpo e assumirá todas as suas funções, todos os seus pensamentos, e todo o seu conhecimento. E sobre isso agora seriam superpostos todos os conhecimentos que você teria auferido durante os passados trezentos e sessenta e quatro dias.

"Os de Atlântida costumavam ser grandes expoentes deste sistema. Eles tinham um grande número desses corpos-simulacro

que eram constantemente assumidos por alguma pessoa superior que desejava colher uma certa parcela de experiência. Então, tendo alcançado tal experiência, eles voltariam a si e reclamariam seu próprio corpo, deixando o substituto para a próxima pessoa a assumi-lo.

— Mas, mestre, sinto-me sinceramente intrigado com isto, porque se um Jardineiro do Mundo tem todos esses poderes, então por que ele não pode simplesmente observar a leste ou oeste ou ao sul e ao norte e ver o que está acontecendo? Por que toda essa história incoerente de ocupar um corpo substituto?

— Lobsang, você está se mostrando obtuso. Nós não podemos nos arriscar a ver uma alta personalidade real ferida, não podemos permitir que seu corpo seja lesionado, e portanto lhe providenciamos um corpo substituto, e se um braço ou uma perna deste fosse removida, isto seria realmente ruim, mas não magoaria a entidade superior que assumiria o corpo-simulacro. Deixe-me explicar-lhe a coisa assim: dentro de nossa cabeça há um cérebro. No entanto, aquele cérebro é cego, surdo e mudo. Pode unicamente exercitar-se em procedimentos animais, e não possui nenhum conhecimento real do que representa. Para efeito de ilustração digamos que a verdadeira entidade superior tal ou qual desejasse ter a experiência de como se é queimado. Bem, em seu próprio corpo ele não seria capaz de condescender com as vibrações rudes, brutais, necessárias para alguém sentir a queimadura, mas nessa entidade corpórea mais inferior. . . aí sim, a queimadura pode ser sentida, portanto a superentidade penetra no corpo substituto e então as condições necessárias acontecem, e talvez a entidade superior possa chegar a conhecer o que deseja saber através da experiência de seu substituto. O corpo pode ver, o cérebro não pode. O corpo pode ouvir, o cérebro não. O corpo pode experimentar amor, ódio, e toda espécie de emoções, mas a superentidade não pode, assim tem que obter tal conhecimento por procuração.

— Então todos esses corpos estão vivos e prontos para serem usados por alguém que assim deseje?

- Oh não, não, nada disso. Não se pode fazer a entidade penetrar num desses corpos se isto for feito para um propósito errado. A superentidade deve ter um bom motivo, absolutamente genuíno para desejar comandar um corpo, isso não pode ser feito em razão de seus interesses sexuais ou monetários, pois estes não colaboram em nada no progresso verdadeiro de alguém no mundo. Comumente acontece que exista alguma tarefa a ser cumprida pelos Jardineiros do Mundo, e é uma missão difícil porque sendo cérebros superiores eles não podem sentir coisas, eles não podem ver coisas, assim tomam providências para que um número apropriado deles (os supercérebros) assumam um corpo e desçam à Terra, nela figurando como criaturas mortais. Eu sempre digo que o problema maior é o cheiro terrível que exalam esses corpos. Eles cheiram como carne quente, podre, e pode levar a metade de um dia para que se possa superar a náusea provocada por uma transmutação dessa ordem. Assim não há realmente nenhum meio pelo qual uma superentidade que possivelmente tenha agido errado em algum lugar possa vitimar o corpo substituto. Pode-se observar o que os outros estão fazendo, obviamente, mas nada pode ser feito que venha a ferir a superentidade.
- Bem, tudo isso é como um terrível enigma para mim, porque se uma superentidade terá que aguardar até que um corpo esteja talvez com trinta anos de idade, o que acontecerá quanto ao Cordão de Prata? É evidente que o Cordão de Prata não é simplesmente cortado, pois nesse caso suponho que o corpo substituto deveria simplesmente deteriorar-se.
- Não, não, Lobsang replicou o lama. Esses corpos substitutos tem uma espécie de Cordão de Prata (cor dão umbilical) que leva a uma fonte de energia que mantém o caminho livre para um corpo ser ocupado. Isto é conhecido dentro de muitas religiões do mundo. O Cordão de Prata é, por meios metafísicos, conectado com uma fonte central e as pessoas que zelam por esses corpos

podem avaliar suas condições mediante o Cordão de Prata, e podem adicionar elementos nutrientes ou suspendê-los, dependendo das condições do corpo em questão.

Balancei minha cabeça, desconcertado, e disse:

- Bem, como ocorre que algumas pessoas têm o Cordão de Prata emergindo do alto da cabeça enquanto em outras ele emerge do umbigo? Isso quer significar que um é melhor do que o outro? Significa que o botão de saída para o cordão, no abdômen, é só para aqueles não muito evoluídos?
- Não, não, em absoluto, não importa o mínimo o fato de onde emerge o Cordão de Prata. Se você for de um certo tipo pode ter um Cordão de Prata emergindo, digamos, do dedão do pé enquanto o contato é feito, e isto é tudo que importa. E enquanto o contato é processado e mantido em boa ordem, o corpo vive num estado que chamamos de êxtase. Isso significa que tudo está em ordem. Os órgãos do corpo continuam funcionando muito lentamente, e no transcorrer de um ano inteiro um corpo irá consumir menos do que uma tigela de tsampa. Como vê, nós temos de fazer isso desse modo, senão ficaríamos para sempre vagueando ao longo dos túneis desta montanha assegurando-nos de que um corpo está sendo cuidado adequadamente, e se admitíssemos que pessoas viessem aqui para alimentar esses corpos, então isso realmente iria afetar tais corpos, porque uma pessoa pode viver sob o estado de êxtase por vários milhões de anos contanto que mereça a atenção necessária. E essa assistência necessária pode ser, e o é, fornecida pelo Cordão de Prata.

— Então uma grande entidade pode descer aqui a fim de ver qual o tipo de corpo que irá ocupar?

— Não. Se a entidade que está tencionando ocupar um corpo vê um corpo desocupado, ela não sonharia em entrar em algo de tão feio aspecto. Ouça, venha comigo, e nós iremos ao Saguão dos Esquifes.

E assim dizendo, o lama recolheu seus livros e seu material, e ergueu-se um tanto trémulo.

— Acho que primeiro devíamos examinar suas pernas, porque me parece que o senhor está sentido muita dor.

— Não, Lobsang, vamos dar primeiro uma olhada nesses esquifes, e depois eu lhe prometo que examinaremos minhas pernas.

Juntos, caminhamos bem lentamente, o lama consultando seu mapa aqui e ali, e então, por fim, ele disse:

— Ah! Dobraremos a próxima curva à esquerda e de novo a seguinte, e ali adiante está a porta pela qual devemos entrar.

Seguimos a passo lento pelo caminho e dobramos à esquerda, então tomamos pela primeira curva à esquerda de novo. E ali estava a porta, uma grande porta que parecia ser feita de ouro batido. Assim que nos aproximamos, uma luz fora da porta piscou e então se firmou, e a porta se abriu. Nos entramos, e eu parei um instante, impressionado por aquela visão algo repelente.

O aposento era maravilhosamente demarcado com um bom número de postes e trilhos.

Isto é para que um corpo recentemente despertado seja erguido, Lobsang disse o lama. Na maioria das vezes eles tornam-se um pouco estonteados quando são despertados, e seria sem dúvida um transtorno que um deles mal despertado caísse e batesse com o rosto no chão e assim afetasse suas feições de tal modo que não pudesse ser usado por algum tempo. Isso prejudicaria todos os preparativos já feitos, e aí talvez fosse necessário obter um corpo diferente e uma entidade, o que significa um bocado de trabalho extra. Nenhum de nós apreciaria de modo algum que tal ocorresse. Mas aproxime-se e veja este corpo.

Com relutância, me acerquei de onde o lama me acenava. Eu não me sentia propenso a ver corpos mortos, isso me fazia imaginar por que os humanos têm uma duração de vida curta, muito curta realmente quando se sabe que uma árvore pode durar cerca de quatro mil anos.

Olhei para o interior do esquife de pedra e ali estava Um homem nu. Sobre seu corpo havia um bom número de... bem, pareciam agulhas com fios muito finos saindo das mesmas, e ao olhar com atenção vi que por vezes o corpo se retorcia e dava um pequeno salto, tornando-se isso uma cena fantástica sem dúvida. Assim que olhei seu rosto eu o vi abrir levemente os olhos e a seguir fechá-los de novo.

O Lama Mingyar Dondup disse:

Devemos deixar este aposento agora, porque este homem está para ser "ocupado" dentro de muito pouco tempo, e a presença de intrusos será perturbadora para todos eles. O lama voltou-se então e caminhou pelo aposento.

Dei uma olhada em volta, e então o acompanhei com relutância, porquanto aquelas pessoas nos ataúdes de pedra, homens e mulheres, estavam inteiramente nus, e me perguntei o que uma mulher estaria fazendo ao ocupar um daqueles corpos.

-Estou captando seus pensamentos, Lobsang; por que uma mulher não poderia ser utilizada para algumas coisas? Precisa-se de mulheres porque há alguns lugares onde os homens não podem entrar, tal como há certos lugares onde as mulheres não podem entrar. Mas vamos andar um pouco mais rápido porque não desejamos adiar a vinda da entidade superior aguardada.

Nós nos movemos um pouco mais depressa, e então o lama disse:

- Sei que você está com um bocado de perguntas para fazer; assim, por que não expressá-las, já que está destinado a ser um superlama e tem de aprender um número incrível de coisas, que são ensinadas quase que somente a um entre um milhão do clero?
- Bem, quando a entidade superior já penetrou no corpo "convidado", o que acontece então? Não se apressará em conseguir uma farta e boa refeição? Eu certamente faria isso!

O lama riu e replicou:

- Não, ele não se apressará a isso, de modo algum, ele não está faminto porque o corpo substituto foi mantido bem alimentado e pronto para sua imediata ocupação.

- Eu não posso entender o objetivo disso, mestre.

Quero dizer, uma superentidade deveria pensar que lhe cabia entrar num corpo que porventura tivesse nascido recentemente em vez de toda essa confusão acerca de corpos mortos que são como zumbis.

- Lobsang, procure apenas raciocinar. São necessários vários anos para que um bebê aprenda uma coisa, e ele tem que ir à escola, tem de se sujeitar a uma disciplina paterna, e tudo isso representa um consumo maior de tempo. Isso leva talvez trinta ou quarenta anos, ao passo que se o corpo substituto pode fazer tudo aquilo e então vir para esses esquifes, aí seu valor torna-se muito maior, pois ele conhece todas as condições da vida em sua própria parte do mundo, e não tem de gastar anos de espera e aprendizagem, e não estar de todo seguro do que representa tudo o que aprendeu.

— Eu já tenho tido experiências, e as coisas que têm me acontecido... bem, elas não parecem conter qualquer sentido. Possivelmente eu virei a obter algum esclarecimento antes de deixarmos este lugar. E; seja como for, por que é que os humanos têm uma duração de vida tão terrivelmente curta? Lemos a respeito de alguns sábios, as pessoas realmente ilustradas, e estas parecem ter vivido cem, duzentos, ou trezentos anos, e ainda parecem jovens.

— Bem, Lobsang, cabe dizer-lhe agora, eu estou com mais de quatrocentos anos de idade, e posso dizer exatamente à você por que os humanos têm uma vida tão terrivelmente curta.

"Há vários milhões de anos, quando este universo estava em sua infância, um planeta se acercou muito deste mundo quase o atingindo; de fato ele fora desviado de sua órbita por causa dos impulsos antimagnéticos do outro mundo. Mas o outro planeta colidiu com um pequeno planeta que foi reduzido a pedaços, que são agora conhecidos como o cinturão asteroidal. Nós trataremos

disso com mais amplitude um pouco mais tarde. No momento, eu lhe direi que quando este mundo se achava em formação havia grandes vulcões em toda a sua extensão, e eles vertiam gotas de lava e fumaça. Bem, a fumaça alçou-se e formou pesadas nuvens em derredor da Terra. Este mundo não era destinado a ser um mundo de venturas, em absoluto. Você entende, a luz solar é venenosa, ela possui raios letais que são muito prejudiciais ao ser humano. Bem, os raios são danosos para todas as criaturas. Mas a cobertura da nuvem tornou o mundo uma espécie de estufa, todos os raios benéficos puderam vir através dela, mas os raios nocivos foram interceptados, e as pessoas então costumavam viver centenas de anos. Mas quando o planeta errante se aproximou demais ele varreu todas as nuvens que cobriam esta terra, e no espaço de duas gerações as pessoas passaram a ter uma duração de vida de três vintenas e dez. Em outras palavras, setenta anos.

"O outro planeta, quando colidiu e destruiu o menor para formar o cinturão asteroidal, despejou seus mares dentro deste mundo. Agora, nós temos água formando nossos mares, mas aquele outro mundo tinha uma forma muito diferente de mar, era um mar de petróleo, e sem aquela colisão este nosso mundo não disporia de nenhum produto petrolífero e isso teria sido uma boa coisa, porque atualmente drogas são extraídas do petróleo e muitas dessas drogas são na verdade coisas danosas. Mas a realidade aí está e temos que conviver com ela. Naqueles antigos tempos todos os mares foram contaminados com produtos do petróleo, mas eventualmente aquele petróleo imergiu fundo através dos mares e dos leitos destes e foi recolhido em grandes depressões rochosas, depressões estas que resultaram de influências vulcânicas sob o leito do mar.

"Com o passar do tempo, o petróleo estará inteiramente exaurido porque o petróleo acessível agora é de um tipo prejudicial ao homem, sua combustão causa a formação de um gás letal. Isso ocasiona muitas e muitas mortes, e também faz com que as mulheres grávidas deem a luz crianças doentias, e mesmo, em alguns casos, monstros. Nós iremos ver alguns destes muito

brevemente porque há ainda outros recintos que vamos visitar. Você poderá ver tudo isso no estágio tridimensional. Agora, eu sei que você está ansiando saber como fotografias podiam ser tiradas há um bilhão de anos atrás. A resposta está em que há extraordinárias civilizações neste universo, e naqueles antigos dias eles tinham um equipamento fotográfico que podia penetrar a neblina mais profunda ou a escuridão mais intensa, e assim fotos foram tiradas. Então, após algum tempo, o povo dono de uma ciência superior veio ter a esta terra, e eles viram pessoas morrendo como moscas, assim se poderia dizer, porque se as pessoas podem viver somente setenta anos, isto é uma duração muito breve realmente, e não dá a alguém a oportunidade de aprender tanto como deveria.

Eu o escutava com suprema atenção. Achei tudo aquilo fascinante, e em minha opinião o Lama Mingyar Dondup era o homem mais inteligente do Tibete. E ele disse: Nós aqui, na superfície terrestre, conhecemos somente metade do mundo porque este é oco, como muitos mundos são, como a lua o é, e há pessoas vivendo em seu interior. Ora, algumas pessoas negam que a Terra é oca, mas eu sei que ela o é por experiência pessoal porque tenho estado ali. Uma das maiores dificuldades consiste em que cientistas do mundo inteiro negam a existência de tudo que eles não podem descobrir. Eles dizem que não é possível para uma pessoa viver várias centenas de anos, e declaram não ser possível que a cobertura nebulosa, quando varrida, tenha causado o encurtamento da duração da vida das pessoas. Mas realmente assim foi. Os cientistas, compreenda você, sempre se guiam por obras que comunicam informações que, ao serem estudadas nas salas de aula, já estão com cerca de cem anos de atraso, e lugares como este, a caverna onde nos encontramos agora, foram construídos aqui especialmente pelos homens mais sábios que já existiram. Os Jardineiros da Terra podiam contrair doenças tal como os humanos nativos, e algumas vezes uma operação cirúrgica se fazia necessária, uma operação que não podia ser feita na Terra, portanto o paciente era colocado num estado de animação suspensa e encerrado numa uma plástica. Então o médico das cavernas

enviava mensagens etéreas especiais para uma nave espacial hospitalar, e esta nave vinha pousar aqui e levar as urnas para onde se achavam as pessoas enfermas. Depois elas podiam ser operadas na nave espacial ou conduzidas de volta ao mundo que era seu lar.

"Como deve entender, é fácil viajar a uma velocidade muito superior à da luz. Algumas pessoas costumavam dizer: 'Oh, se você viajar a cinquenta quilômetros por hora isto irá causar-lhe a morte porque a pressão do ar irá estourar seus pulmões.' E então, quando essa previsão resultou falsa as pessoas passaram a dizer: 'Oh, o homem nunca viajará a cem quilômetros por hora, isso o mataria.' E depois a próxima afirmação foi a de que as pessoas nunca viajariam a uma velocidade maior do que a do som, e agora estão dizendo que nada pode jamais viajar mais rápido do que a luz. A luz tem uma velocidade própria, como sabe, Lobsang. Ela é composta das vibrações que, emanando de algum objeto, exercem seu impacto sobre os olhos humanos, e estes veem qual é esse objeto. Mas, de modo definitivo, dentro de apenas poucos anos, pessoas estarão viajando a uma velocidade muitas vezes maior que a da luz, como faziam os visitantes daqui em suas naves espaciais especiais. A nave que está na outra câmara estava justamente preparada para decolar quando a montanha sofreu aquele abalo e as rochas obstruíram a saída. E, naturalmente, logo que o abalo ocorreu todo o ar naquela câmara foi exaurido automaticamente e as pessoas a bordo daquela nave ficaram num estado de animação suspensa, mas elas já tinham permanecido nesse estado tanto tempo que se nós tentássemos revivê-las agora provavelmente ficariam de todo insanas. Isso porque certas porções altamente sensíveis de seus cérebros teriam sido privadas de, oxigênio, e sem este elas morrem, e a pessoa que tem um cérebro morto assim, bem, não vale a pena que permaneça viva, pois já não é mais humana. Mas estou falando demais, Lobsang. Vamos movimentar-nos e observar algum dos outros aposentados.

— Mestre, eu gostaria de examinar primeiro suas pernas porque aqui temos os meios de curá-las rapidamente e me parece errado

que o senhor deva sofrer quando, mediante esta superciência, pode ser curado muito depressa.

— Muito bem então, Lobsang, meu camarada médico. Vamos voltar ao compartimento da saúde, e daremos uma olhada nas minhas pernas e veremos o que podemos fazer

Capítulo 5

Caminhamos ao longo do corredor que separava os aposentos fora da câmara principal, e logo chegávamos ao "apartamento de saúde médica". No momento em que entramos as luzes brilharam vivamente como anteriormente. O lugar parecia inalterado, não havia nenhum indício de que nós tínhamos estado ali antes, nenhum sinal deixado porventura por nossos pés descalços e cobertos de pó, tudo parecia como se o piso tivesse sido encerado há pouco e a cercadura em torno da piscina central de novo polida. Observamos isso de passagem, e em minha mente brotou mais uma série de perguntas, mas antes de mais nada, eu disse: — Mestre, por favor, ponha suas pernas na piscina agora, e então eu retirarei essas bandagens.

O lama moveu suas pernas como eu pedira e sentou-se na beirada da piscina. Eu entrei nela, e desenrolei as ataduras. Senti-me mal ao ver aqueles panos. As ataduras estavam amareladas e muito desagradáveis ao olhar.

O que se passa com você, Lobsang? Está com a expressão de quem teve que comer um alimento muito estranho. Oh, mestre, suas pernas estão tão ruins, penso que teremos que tentar trazer aqui outros monges para levar o senhor de volta a Chakpori.

— Lobsang, as coisas não são sempre o que parecem.

Retire as ataduras, depois todos os outros envoltórios. Pode fazer isso de olhos fechados, se assim desejar, ou talvez eu mesmo possa fazê-lo.

Terminei de retirar as primeiras bandagens, mas senti que não seria capaz de retirar o resto, porque se transformara numa massa realmente horrível, uma crosta viscosa. Mas o lama abaixou-se e deu simplesmente um puxão retirando o final das ataduras, que se desprende com um aspecto de filamentos viscosos, de algo que pendia dos mesmos. Sem se deixar impressionar o mínimo, o lama simplesmente jogou as bandagens no chão, e disse:

Bem, agora eu irei pressionar esta válvula e então a piscina se encherá daquele líquido. Eu a tinha desligado porque, evidentemente, nós não íamos querer que você retirasse as ataduras com água até o peito. Saia da piscina e eu farei com que o líquido corra mais depressa.

Apressadamente pulei fora da piscina, e então olhei aquelas pernas de aspecto desagradável. Se estivéssemos em Chakpori ou outro lugar parecido, penso que ambas teriam de ser amputadas, e que isso seria uma coisa terrível para o Lama Mingyar Dondup, sempre viajando daqui para lá para fazer o bem a alguém. Mas assim que olhei de novo para as pernas do lama vi que pedaços daquela matéria viscosa se desprendiam. Partículas amarelo-esverdeadas como bÍlis soltaram-se das pernas do lama e flutuaram na superfície da piscina. O lama moveu-se um pouco já fora d'água e então girou a válvula um pouco mais para que assim o nível da água subisse e o material flutuante deslizesse para o que eu supus ser um tubo de escoamento.

O lama consultou um livro novamente, e a seguir fez certos ajustamentos num conjunto de bem, eu posso unicamente chamá-las de válvulas, de cores diferentes, e vi então a água mudar de cor e um odor medicinal esprou-se no ar. Olhei de novo para as pernas do lama, e agora elas se mostravam rosadas, tal como as de um bebé recém-nascido. E então ele suspendeu sua túnica mais um pouco, e acercou-se ligeiramente da parte mais funda da piscina em feitiço de rampa para que assim o líquido medicinal alcançasse a metade de suas coxas. Ali ele ficou imóvel. Então, a pequenos intervalos, passou a caminhar em volta devagar, parando a seguir. Mas era visível que suas pernas estavam saradas. Sua coloração evoluíra de um rosado forte para outro tom róseo mais saudável, e por fim já não havia mais nenhum vestÍgio daquelas escamas amarelo-esverdeadas, tinham desaparecido inteiramente. E eu desviei o olhar das pernas do lama para dar uma olhada nas ataduras que retirara há pouco. Senti-me transido de espanto: as bandagens tinham desaparecido, não havia delas o menor sinal, nada. Tinham simplesmente desaparecido, e eu fiquei tão atónito

que involuntariamente me sentei, esquecendo que estava agora dentro da água, uma água medicinal como aquela. Quando alguém se senta na posição relaxada em tal lugar deve, naturalmente, manter a boca fechada, pois o sabor que se auffer é desagradável. E no entanto o daquele líquido era simplesmente agradável. E verifiquei que um dente que sempre me incomodara até então cessou de doer. Pude sentir isso tateando a gengiva com minha língua. Levantei-me rapidamente e remexi na água à beira da piscina. Sim, ali estava meu dente, achava-se partido em dois. Eu o via ali, à minha frente, e disse para mim mesmo:

— Ora, ora! Diabos te levem! Agora se vá e doa o quanto quiser!

Assim que fixei o olhar no dente vi algo absolutamente fantástico. O dente estava em movimento, movendo-se para a frente na direção da parede mais próxima, e assim que toquei esta ele desapareceu. Fiquei ali parado como um idiota, molhado da cabeça aos pés, tentando descobrir alguma coisa que não estava ali.

Voltei-me então para perguntar ao Lama Mingyar Dondup se ele tinha visto o que eu vira, e notei que meu guia estava parado em certo trecho do piso onde o ladrilho do mesmo era de uma cor diferente. E logo uma corrente de ar morno penetrou no recinto escapando do piso. E o lama logo estava inteiramente seco.

— Agora é a sua vez, Lobsang disse o lama. — Você está parecendo um grande peixe meio afogado; assim, fará melhor em vir aqui secar-se.

Para dizer a verdade, eu me sentia mesmo como um peixe semi-afogado, e então pensei com meus botões: bem, como pode um peixe ficar semi-afogado se ele vive n'água? Assim, perguntei ao lama como aquilo podia ser, e a sua resposta foi:

— Sim, isso é perfeitamente verdadeiro, alguém pode retirar um peixe da água e suas guelras começam a secar imediatamente. Se você o devolver à água ele irá realmente afogar-se. Nós desconhecemos a mecânica disso, mas sabemos ser um fato. Mas

você parece um bocado melhor agora que esteve imerso nesse leite medicinal; antes parecia cansado e agora dá a impressão de que poderia correr uns trezentos quilômetros.

Eu me aproximei e observei as pernas do lama até à altura dos quadris, e mesmo que aquela coloração rósea começasse a desaparecer e as pernas logo reassumissem sua cor natural, não havia nenhum vestígio de que a carne das mesmas tivesse sido quase retirada dos ossos há apenas uma hora. Ali estavam suas pernas, sãs, de aspecto renovado, e eu que pensara que teriam que ser amputadas.

-Mestre, há tantas perguntas a serem feitas que me sinto quase envergonhado de pedir-lhe para respondê-las, mas eu não posso entender como os alimentos e a bebida, que aqui têm estado por anos sem fim, podem ainda manter-se frescos e inteiramente potáveis. Mesmo em nossas geladeiras a carne aos poucos se torna ruim; assim, como é que este lugar, com milhões de anos de existência, pode ser tão novo como se tivesse sido construído ontem? Nós vivemos numa época muito singular, Lobsang, uma época onde nenhum homem confia no seu próximo.

Algum tempo atrás, pessoas de um país de brancos se recusavam taxativamente a crer que havia pessoas negras e amarelas, era simplesmente fantástico demais para ser acreditado, e então algumas pessoas viajando por um outro país viram homens no lombo de cavalos. Ora, eles nunca tinham visto cavalos antes, não sabiam que havia uma coisa como um cavalo, assim eles correram, e quando voltaram a seu país disseram ter visto um homem-cavalo, um centauro. Mas mesmo quando se tornou sabido que os cavalos eram animais que podiam ser montados por homens, muitas pessoas ainda não deram crédito a isso, e pensaram que o cavalo era uma espécie especial de criatura humana convertida na forma de animal. Há muitas coisas como essa. As pessoas não acreditam que algo possa ser uma coisa nova, a menos que elas mesmas a tenham visto realmente, tocado, e feito em pedaços. Aqui nós estamos colhendo os frutos de uma

civilização realmente muito avançada, não uma das Atlântidas porque, como já lhe disse, Atlântida é apenas um termo genérico para a terra desaparecida. Não, estes lugares remontam muito além de Atlântida, e há um meio automático de deter todo o desenvolvimento, todo o crescimento, até que um ser humano se situe dentro de uma certa amplitude. Portanto, se nenhum humano viesse aqui de novo, este lugar permaneceria exatamente como está agora, inconquistável e sem quaisquer indícios de corrupção ou dissolução. Mas se pessoas aqui viessem e usassem o lugar como nós temos feito, então após um certo número de tais usuários o local se deteriora, ele acusaria a idade. Felizmente, estamos em um que teria sido bem raramente usado, na realidade só foi usado apenas duas vezes desde que construído.

—Mestre, como pode o senhor declarar que este lugar só foi usado duas vezes?

O Lama apontou para algo que pendia do teto. E disse:

— Ali está. Se alguém passar além daquele marco este indicará um número. E este ali mostra o número 3. Refere-se a você e a mim. E ao anterior visitante. Quando nós sairmos, e isto só ocorrerá dentro de três ou quatro dias, o tempo de nossa estada aqui será registrado prontamente para que as próximas pessoas a entrar possam especular sobre quem aqui esteve antes delas. Mas saiba, Lobsang, que estou procurando fazê-lo entender que o grau de civilização existente quando este lugar foi construído era o mais elevado que jamais foi atingido neste mundo. Veja bem, os seres mais avançados de todos foram os Guardiães do Mundo, os Jardineiros do Mundo. Sua civilização era de tal porte que eles podiam derreter rochas, mesmo as mais duras, e deixai-as então com o polimento semelhante ao do vidro, e essa fundição devia ser o que nós denominamos fundição a frio, isto é, nenhum calor era gerado. Assim um determinado lugar podia ser usado imediatamente.

— Mas eu não posso entender realmente por que essas pessoas altamente civilizadas poderiam querer viver dentro de

cadeias montanhosas. O senhor me disse que esta cadeia de montanhas se estende por todo o mundo, e assim sendo por que deveriam eles esconder-se?

— A melhor coisa que podemos fazer é ir ao compartimento do passado, presente e futuro. Trata-se do repositório de conhecimentos de tudo que tem ocorrido no mundo. A história que você tem aprendido nas salas de aula nem sempre é verdadeira, ela tem sido alterada em seus registros para adequar-se ao rei ou ditador no poder em determinada época. Algumas dessas pessoas desejam ser conhecidas como se seu remado fosse o da Era de Ouro. Mas ao consultar a coisa real, o autêntico Registro Akashic... bem, então aí ninguém pode ser equivocar.

— Disse Registro Akashic, mestre? Eu pensei que nós somente podíamos vê-lo quando estivéssemos no plano astral. Não sabia que nós podíamos vir às montanhas e ver tudo que tem acontecido.

— Oh, sim, você se esquece de que as coisas podem ser copiadas. Nós alcançamos um certo estágio de civilização, pensamos que somos espantosamente inteligentes e nos perguntamos se alguém chegará a ser mais inteligente, mas venha comigo e eu lhe mostrarei a verdade real. Venha, trata-se de uma caminhada bem curta, mas o exercício lhe fará bem.

— Mestre, não há um meio de que eu possa evitar-lhe essa caminhada? Não há ali alguma coisa como um trenó? Ou não poderia empurrá-lo se o senhor estivesse sentado numa pele resistente?

— Não, obrigado, Lobsang, sou inteiramente capaz de caminhar essa distância, na verdade esse exercício pode ser salutar para mim também. Assim, vamos indo. Assim fizemos, mas eu teria gostado de investigar mais algumas daquelas coisas interessantes que nos rodeavam. Eu estava imensamente intrigado com as portas, cada uma delas ostentando uma inscrição gravada.

— Todos esses aposentos, Lobsang, são dedicados a diferentes ciências, ciências estas que no entanto nunca foram do

conhecimento deste nosso mim do, porque aqui nós somos como pessoas cegas tentando descobrir o caminho numa casa dotada de muitos corredores. Mas eu sou como uma pessoa de visão porque posso ler essas inscrições e, como lhe disse, já tive experiência dessas cavernas anteriormente.

Por fim nós chegamos perto de uma parede aparentemente branca. Havia uma porta à esquerda, e outra à direita, mas o Lama Mingyar Dondup ignorou-as e em vez disso parou exatamente em frente daquela parede branca e emitiu um som muito singular numa entonação autoritária. Imediatamente, sem nenhum ruído, o espaço branco dividiu-se ao meio e as duas metades desapareceram nos lados do corredor. Ali dentro havia apenas uma luz fraca indicadora, de brilho tremeluzente como o de uma estrela. Entramos no aposento, e este parecia tão amplo como o mundo. Com um som muito leve parecido com um suspiro as anãs metades da porta deslizaram ao longo do corredor, e desta vez nós nos achávamos no lado oposto da parede aparentemente branca.

A luz brilhava de certa forma, assim pudemos ver vagamente um grande globo flutuando no espaço. Tinha mais um feitiço de pera do que de uma esfera, e de ambos os lados do globo havia flashes.

— Esses flashes são os campos magnéticos do mundo. Você irá aprender tudo sobre isso um pouco mais tarde. Eu parei embasbacado, parecia haver cortinas brilhantes de uma luminosidade sempre em mutação em redor dos polos, pareciam ondular e fluir de um para o outro, mas com um grande esmaecimento de cores rodeando o equador. O lama disse algumas palavras, todas numa linguagem desconhecida para mim. Imediatamente brotou a luz de uma pálida aurora, como a luz que realmente surge com o nascer de um novo dia, e me senti como alguém que tivesse acabado de se sentar no leito, desperto agora de um sonho. Mas não era nenhum sonho, como logo verifiquei. E o meu mestre disse:

— Nós nos sentaremos exatamente aqui porque este é um painel de controle graças ao qual as épocas históricas do mundo podem ser diversificadas. Você não se acha na terceira dimensão agora,

lembre-se. Aqui você está na quarta dimensão, e poucas pessoas podem viver através disso. Assim, se você se sentir de algum modo perturbado ou doente me diga logo e eu posso situá-lo corretamente. Pude distinguir vagamente a mão direita do lama estendida e pronta para girar um botão. Então ele voltou-se de novo para mim e disse:

— Tem certeza de que está se sentindo bem, Lobsang? Nenhuma sensação de náusea ou mal-estar?

— Não, senhor, sinto-me perfeitamente bem e fascinado com tudo isto. E me pergunto o que iremos ver primeiro. — Bem, primeiramente teremos que ver a formação do mundo, e então a chegada dos Jardineiros do Mundo.

Eles virão e olharão à sua volta, examinarão o local e tudo mais, e depois irão embora para fazer planos. E mais tarde você os verá de volta numa gigantesca espaçonave, porque na realidade é o que é a Lua.

Subitamente tudo imergiu na escuridão, a mais profunda que eu já vira. Mesmo numa noite sem luar eu já vira uma estrela tremeluzir, e até mesmo num quarto fechado, sem janelas, ainda se tem a impressão produzida por uma réstia de luz. Mas ali não havia nada assim, absolutamente nada. E então eu quase saltei de minha cadeira, faltou pouco para que emergisse de minha larga túnica devido ao susto; com incrível rapidez dois ténues focos de luz se acenderam juntos, e se moveram, colidindo, e a seguir a tela foi iluminada. Pude ver gases e fumaças de diferentes cores evolarem, e então a tela inteira, o globo inteiro se encheram de imagens. Pude ver rios de fogo descendo de vulcões flamejantes. A atmosfera era quase tímida. Eu tinha consciência, embora vaga, de que estava observando algo e que não estava realmente em pessoa ali. No entanto, continuei a observar a tela e cada vez mais fascinado, quando o mundo encolheu um pouco e os vulcões tomaram-se menos ativos e menores, mas os mares estavam ainda fumacentos por causa da lama ardente que neles fora despejada. Não havia mais nada ali senão rochas e água. Via-se somente uma faixa de

terra, não muito grande, mas simplesmente um bloco único, sólido, e isso emprestava ao globo um movimento Singularmente errático. Ele não seguia uma trajetória circular, mas parecia estar seguindo uma trilha que alguma criança insegura tinha traçado.

Aos poucos, enquanto eu me mantinha observando atento, o mundo tomou-se mais redondo e frio. Ali não havia ainda nada exceto rochas e água, e terríveis tempestades que fustigavam toda a superfície. O vento açoitando os cimos de montanhas derrubou-os, e estes rolaram pelos flancos das montanhas e foram ter ao chão em forma de pó.

O tempo escoou, e agora a terra cobria parte do mundo, pois a própria terra fora produzida pelas camadas de pó descidas das montanhas. A terra pesava e estremeceu, e de certas partes ali surgiram grandes partículas de fumaça e vapor, e assim que observei melhor vi uma parte da terra desprender-se subitamente da massa principal continental. Ela fendeu-se e por alguns segundos pareceu aferrar-se à massa principal numa vã esperança de se reunir à mesma. Pude ver animais escorregando nas bordas inclinadas e caindo na água de vapor quente. Então a porção de terra seccionada estalou mais ainda, rompeu-se completamente e desapareceu sob as vagas.

Verifiquei de algum modo que podia avistar o outro lado do mundo ao mesmo tempo, e vi, para meu indescritível espanto, a terra erguer-se do mar. Ela elevou-se como se uma mão gigantesca a levantasse, ergueu-se mais, estremeceu um pouco, e então, após outros estremeções, imobilizou-se. Esta terra, naturalmente, era simplesmente rocha, não havia ali nenhuma planta, nem um restolho de relva, e nada parecido com árvores. E então, como pude observar, uma montanha próxima ardeu em chamas, líridas, vermelhas, amareladas e azuladas, e a seguir surgiu um fluxo de lava, branca e ardente, fluindo como uma corrente de água quente. Mas, mal ela tocou a água, cristalizou-se e solidificou-se, e logo a superfície da rocha nua era coberta rapidamente por uma massa de cor amarelo-azulada e refrigerante.

Ergui os olhos imersos em surpresa, e me perguntei aonde meu guia fora. Mas ele estava justamente atrás de mim, e disse:

Muito interessante, não é mesmo, Lobsang? Nós desejamos ver algo mais e iremos passar por alto esta parte em que a barreira de terra foi abalada e retorcida sob amassa refrigerante pelo espaço. Quando voltarmos, veremos os primeiros tipos de vegetação.

Voltei a sentar em minha cadeira, e me sentindo absolutamente atônito. Aquilo estava realmente acontecendo? Eu parecia ser um deus estendendo seu olhar sobre o nascimento do mundo. Senti que era algo "singular" porque este mundo à minha frente parecia mais amplo do que o mundo que eu conhecia, e bem, eu parecia estar dotado de notáveis poderes de visão. Pude ver as chamas devorarem o centro do mundo, assim este ser mesmo um mundo oco, algo assim como uma bola, e todo o tempo em que observava as imagens sobre a superfície terrestre caíam meteoritos, poeira cósmica, e outras estranhas coisas.

Diante de mim, inteiramente dentro do meu alcance, assim julguei, caiu uma espécie de máquina. Eu não podia dar crédito a isso, em absoluto, porquanto a máquina foi aberta e corpos expulsos da mesma, corpos e maquinarias, e pensei comigo mesmo: "Numa época futura alguém poderá encontrar casualmente esses destroços e se perguntar o que os causou, indagar-se como isso se deu. Aí, meu guia falou: Sim, Lobsang, isso já foi feito. Neste presente era, mineiros das minas de carvão têm encontrado acidentalmente coisas verdadeiramente notáveis. Artefatos de uma perícia desconhecida na Terra, e à luz de lanternas de carvão puderam ser vistos instrumentos muito estranhos, e em certa ocasião também o esqueleto de um homem corpulento e muito alto. Você, Lobsang, e eu somos os únicos a ver isso porque antes que a máquina que manejamos agora fosse inteiramente completada os deuses conhecidos como os Jardineiros do Mundo tiveram aquela contenda a respeito de mulheres, e assim nós só podemos presenciar a formação disso, a nossa Terra. Se a máquina tivesse sido

terminada, aí seríamos capazes de ver também tudo a respeito de outros mundos.

Não teria sido uma coisa maravilhosa?

Os meteoritos choviam, e ao descerem levantavam jorros d'água ao tocarem este líquido, e causavam sérias reentrâncias quando atingiam a rocha ou o solo rudimentar que àquela época cobria a superfície terrestre.

O lama moveu sua mão na direção de um outro botão — comutadores, suponho que se chamassem — e a ação evoluiu com uma rapidez tão intensa que eu não pude ver o que se passava, e logo ela tomou-se lenta de novo. Vi então uma superfície luxuriante surgir no mundo. Havia imensos fetos, maiores do que árvores, alçando-se rumo ao céu, um céu agora coberto por uma nuvem purpúrea, e fazendo com que o próprio ar adquirisse uma coloração purpurina. Foi fascinante de início ver uma criatura respirando e depois exalando o que se parecia com fumaça purpurina. Mas logo me cansei dessa cena, ou depressa me familiarizei com ela, e olhei mais adiante. Viam-se monstros fantasmais, coisas incríveis que seguiam em seu imperturbável caminhar através de pântanos e lodaçais. Tinha-se a impressão de que nada poderia detê-los. Uma criatura enorme eu não tinha a mínima ideia de como era denominada topou com um grupo inteiro de criaturas ligeiramente menores. Elas não se moveram, e a criatura maior não podia deter-se, assim abaixa sua cabeça e com um espigão ósseo e maciço, no que eu supus ser seu nariz, simplesmente abriu seu caminho através dos outros animais. O solo úmido ficou juncado de sangue vísceras e outras coisas de natureza semelhante, e assim que aquelas partes dos animais caíram no chão, logo emergiram da água coisas singulares dotadas de seis pernas e mandíbulas do feitio de duas pás. Tais coisas devoraram vorazmente todo o alimento que encontraram e depois olharam à sua volta em busca de mais. Sim, havia uma daquelas coisas que caíra sobre um lenho, ou algo parecido, e quebrara uma perna. Ai todas as outras caíram-lhe em cima e a devoraram viva, deixando somente os ossos para

atestar o que tinha acontecido. Mas logo tais ossos foram cobertos pelas folhagens que haviam crescido, florescido e murchado, e caído ao solo. Milhões de anos mais tarde aquilo seria um veio de carvão e os ossos do animal seriam descobertos em alguma escavação e examinados com admiração.

O mundo girou, mais depressa agora porque as coisas estavam se desenvolvendo mais rapidamente. O Lama Mingyar Dondup esticou o braço já prestes a torcer outro comutador e com seu cotovelo esquerdo me cutucou as costelas e disse:

-Lobsang, Lobsang, tem certeza de que não está adormecido? Isto você deve ver. Agora permaneça desperto e observe.

O lama fez girar o botão e ficou à mostra o que podia ser chamado uma tela, mas era tridimensional, sendo possível ficar atrás dela sem nenhum esforço aparente. O lama me cutucou nas costelas e apontou para cima, para o céu purpurino. Havia ali um brilho prateado, um tubo de prata alongado e fechado em ambas as extremidades estava descendo lentamente. Por fim ele ficou liberto das nuvens purpúreas, e adejou muitos metros acima da Terra, e depois, como se tivesse tomado uma grande e súbita decisão, veio pousar suavemente na superfície do mundo. Por uns poucos minutos simplesmente ficou pousado ali, imóvel. Dava a impressão de algum animal errante espreitando à sua volta antes de deixar seu esconderijo seguro.

Por fim os tripulantes pareceram satisfeitos, e uma grande prancha metálica caiu para um lado e bateu no chão produzindo um ruído surdo. Um bom número de singulares criaturas apareceram no vão aberto e olharam em volta. Tinham duas vezes a altura de um homem alto, e eram duas vezes também corpulentos, mas pareciam estar cobertos por uma espécie de indumentária que os cobria da cabeça aos pés. A parte da cabeça era inteiramente transparente. Podíamos ver os rostos severos, autocráticos daquelas pessoas. Elas pareciam consultar um mapa e fazer anotações.

Por fim acharam que tudo estava em ordem, e assim, um por um, eles foram descendo pela grande peça de metal que tinha caído

ao chão, mas que no entanto ainda permanecia anexado à nave por uma das extremidades. Esses homens estavam cobertos com uma espécie de revestimento ou roupa protetora. Um dos homens — supus que fossem homens, conquanto fosse difícil afirmá-lo em meio a toda aquela fumaça e à dificuldade de ver além de seus capacetes transparentes — mas um deles, repito, deu alguns passos já fora da grande prancha de metal e caiu em cheio, batendo com o rosto no solo esfumaçado. Um instante após ele ter caído, criaturas de aspecto vil emergiram da vegetação e o atacaram. Seus companheiros não perderam tempo, sacando uma espécie de arma do cinto que usavam. Rapidamente o homem foi puxado de volta à prancha metálica. E era visível que o revestimento do corpo estava rasgado, aparentemente por animais, e o sangue rubro estava fluindo. Dois daqueles homens carregaram-no para bordo da nave, ou o que fosse aquilo, e vários minutos depois eles reapareceram carregando algo em suas mãos. Pararam na prancha metálica e ambos calcaram um botão de um instrumento que eles estavam portando, e chamas brotaram de um bocal pontudo. Todas as coisas desprezíveis que estavam sobre a prancha metálica torceram-se em espasmos ao serem queimadas e toram varridas da prancha que então se fechou recompondo o corpo da nave.

Os dois homens com aqueles lança-chamas moveram-se cautelosamente, atingindo com suas armas chamejantes o solo ou o terreno em volta. E assim queimaram inteiramente uma faixa de terra a um dos lados da nave. Então eles desligaram seus instrumentos chamejantes e caminharam apressados atrás dos outros homens que tinham seguido através de uma floresta de fetos. Estes eram tão grandes como árvores enormes, e era fácil acompanhar a passagem dos homens através delas porque aparentemente eles dispunham de uma espécie de instrumento cortante que era brandido de lado a lado e cortava os fetos quase ao nível do solo. Eu resolvi que tentaria entender o que eles estavam fazendo.

Então, me levantei da cadeira e caminhei um pouco para a esquerda. Dali tinha uma visão melhor porque agora eu podia ver os

homens aparentemente vindo na minha direção. Em frente dos outros homens dois companheiros seus seguravam algum tipo de máquina que deslizava e cortava todos os fetos que se achavam em seu caminho. A máquina parecia ter uma lâmina rotativa, e logo os homens irrompiam através da floresta de fetos e encontravam um espaço aberto no qual um bom número de animais estavam reunidos. Os animais olharam para os homens e estes olharam para os animais. Um dos homens pensou que devia testar-lhes a agressividade, assim apontou um tubo de metal para eles e puxou um pequeno esporão de metal. Houve uma tremenda explosão, e o animal visado pela arma simplesmente foi reduzido a pedaços. Isso me fez lembrar de um monge que caíra do alto de uma montanha, despedaçando-se. Mas dos outros animais agora não havia nenhum sinal, eles tinham escapado muito rapidamente.

— Faremos melhor em nos adiantarmos um pouco no tempo, Lobsang, temos um bocado de chão para cobrir e vamos avançar cerca de mil anos. — O lama moveu um daqueles comutadores, e tudo no globo passou a girar como num redemoinho, e por fim retomou seu movimento natural de rotação. — Esta é uma época mais adequada, Lobsang. Será bom que observe atentamente, porque nós iremos ver como estas cavernas foram feitas.

Olhamos com muita atenção e vimos uma cadeia de colinas muito baixas, e assim que elas se tomaram mais próximas de nós pudemos ver que eram rochas, rochas cobertas de uma matéria musgosa verde, exceto no topo, e este topo era simplesmente de rocha nua.

A um dos lados, num ângulo mais distante, vimos algumas estranhas casas, parecendo ser em parte arredondadas. Se vocês cortarem uma bola pela metade e puserem esta metade que foi cortada no solo, então terão uma certa ideia de como se pareciam aquelas construções. Nós as observamos e vimos pessoas movendo-se por ali. Estavam vestidas com algum tipo de roupa bem justa no corpo e não dando margem a dúvidas sobre o seu sexo. Mas dessa vez já não usavam o capacete transparente, e estavam

conversando uns com os outros, e tudo indicava tratar-se de uma discussão acirrada. Um dos homens aparentemente era o líder; deu ordens bruscamente e uma máquina surgiu de um dos lugares mais escondidos e moveu-se na direção da fileira de rochas. Um dos homens avançou e instalou-se então num assento metálico na parte de trás da máquina. Então esta moveu-se para a frente, emitindo "alguma coisa" produzida pelos bocais ou canos dispostos na frente, na traseira e nos lados, e quando o estranho engenho moveu-se devagar a rocha fundiu-se, e pareceu encolher-se internamente. A máquina emitiu uma ampla luminosidade, assim pudemos ver que ela estava abrindo um túnel diretamente na rocha viva.

Movia-se sem cessar, e então começou a fazer círculos, e no espaço de umas poucas horas já tinha sido escavada uma imensa caverna, e pudemos observar que se tratava realmente de um abrigo ou hangar para algumas de suas máquinas que estavam sobrevoando todo o tempo. Aquilo tudo pareceu-nos muito curioso.

Esquecemos de tudo referente ao tempo, de estarmos famintos ou sedentos, e então, quando a grande câmara foi concluída, a máquina seguiu por uma passagem comprida que tinha sido aparentemente delineada no solo, e essa passagem foi convertida em um dos corredores. Aquele engenho funcionava ininterruptamente, fora de nossas vistas, mas logo outras máquinas entraram em ação e nos corredores escavaram aposentos de diferentes tamanhos. As máquinas pareciam derreter a rocha. Pareciam simplesmente derretê-las e empurrá-las para trás deixando depois a superfície tão lisa como o vidro. Não havia ali nenhuma partícula de pó ou sujeira, simplesmente aquela superfície brilhante e polida.

Assim que as máquinas fizeram sua parte, grupos de homens e mulheres introduziram-se nos aposentos carregando caixas e mais caixas, mas todas pareciam flutuar no ar. Certamente não exigiam nenhum esforço para serem levantadas. Mas um superintendente parara no centro de um aposento e apontara o lugar onde cada caixa devia ser depositada. Então, quando o aposento já estava

cheio daquelas caixas, os trabalhadores começaram a abrir algumas delas. Ali estavam estranhos mecanismos e toda sorte de objetos curiosos, e um deles eu identifiquei como sendo um microscópio. Eu já vira anteriormente um bem rudimentar, porque naquela ocasião o Dalai Lama recebera um microscópio de presente da Alemanha, e assim eu já conhecia o principal a respeito daquele instrumento.

Nossa atenção foi atraída por uma alteração que parecia estar ocorrendo. Era como se alguns dos homens e mulheres se opusessem aos outros homens e mulheres. Houve muitos gritos, muita gesticulação, e por fim um grupo compacto de homens e mulheres entrou em alguns daqueles veículos que viajavam no espaço. Eles não trocaram nenhum adeus ou algo assim, simplesmente entraram por uma porta que foi logo fechada, e as máquinas voadoras decolaram.

Poucos dias depois dos dias de acordo com a velocidade do globo que nós estávamos observando um certo número de naves retomaram, e sobrevoaram o acampamento. Depois o bojo das naves abriu-se e caíram coisas. Olhamos bem e pudemos ver pessoas correndo com uma rapidez ditada pelo desespero, afastando-se de onde aquelas coisas iriam cair. Então, eles jogaram-se ao solo assim que o primeiro objeto atingiu o terreno e explodiu em meio a um terrível clarão brilhante e purpúreo. Nós tínhamos dificuldade em ver o que ocorria porque estávamos com a vista inteiramente ofuscada pelo brilhante clarão, mas lá da floresta de fetos brotaram finos raios de uma luz brilhante. Os focos luminosos moveram-se, e um deles atingiu uma* das máquinas voadoras em pleno ar. Imediatamente ela se desfez, consumida pelas chamas.

Como vê, Lobsang, até mesmo os Jardineiros da Terra tinham seus problemas, e estes eram sexuais. Havia homens demais e muito poucas mulheres, e quando os homens passam muito tempo sem a companhia de mulheres bem, eles se tomam lascivos e apelam para atos de grande violência. Não há nenhum objetivo em

presenciarmos isto, pois se trata simplesmente de um caso de assassinato e rapto.

Após certo tempo um bom número das naves partiram aparentemente para sua nave-mãe que estava circulando o globo mais distanciada no espaço. Após alguns dias um bom número de grandes naves surgiram e aterrissaram, e homens fortemente armados desceram e começaram a caçar seus companheiros através dos arbustos. Apontavam as armas para o que quer que avistassem sem fazer quaisquer perguntas, e atiravam, isto é, se a pessoa em questão fosse macho. Se era uma fêmea, eles a capturavam e a levavam para uma das naves.

Tivemos que parar. As pontadas da fome e da sede estavam nos incomodando muito. Assim, comemos nossa tsampa e bebemos água. E depois dessa frugal refeição e de termos feito outras poucas coisas, voltamos à câmara onde estava aquele globo que parecia ser o mundo. O Lama Mingyar Dondup girou alguma coisa, e vimos o mundo de novo. Ali estavam criaturas agora, criaturas essas de cerca de 130 cm de altura e muito, muito arqueadas. Elas dispunham de armas de um tipo consistente de uma peça de madeira feito um bastão tendo atada numa das extremidades uma pedra afiada que tinham tomado mais aguçada ainda, amolando-a seguidamente até que ficasse com a ponta bastante afiada. Havia ali um bom número de homens fabricando tais armas, e outros mais confeccionando outras de um tipo diferente. Estas pareciam ter uma tira de couro, onde eles colocavam grandes pedras. Dois homens puxaram para trás a correia do arco que estava embebida em água para toma-la mais flexível, e juntos fizeram vibrar o arco. Uma pedra foi projetada na direção do inimigo.

Mas nós estávamos mais interessados em ver como as civilizações se modificavam, portanto o Lama Mingyar Dondup operou os controles novamente e tudo se tomou escuro no globo. Pareceu transcorrer vários minutos antes que ocorresse uma iluminação gradual assim como o lento alvorecer, e então de novo surgiu a luz do dia normal e nós vimos uma enorme cidade com

altos obeliscos e minaretes. De uma torre para outra havia algo parecido com pontes pênséis frágeis.

Era espantoso para mim que elas pudessem suportar sozinhas o peso do tráfego, mas aí eu percebi que todo o tráfego ali era aéreo. Naturalmente, umas poucas pessoas caminhavam naquelas pontes e nos diferentes níveis da rua, mas então num repente escutamos um ruído estrondoso. Não se fizera ainda para nós a alvorada porque no momento ela provinha de um globo tridimensional, mas apuramos bastante a vista e pudemos ver pontos diminutos vindo em direção da cidade. Justamente antes de alcançarem a cidade as manchas diminutas circularam e coisas foram lançadas de seu bojo.

A grande cidade foi arrasada. As torres foram arrancadas, as pontes se enroscaram como cordões muito entrançados e torcidos demais para serem de alguma utilidade.

Vimos corpos caírem dos prédios mais altos. Calculamos que deviam ter sido os cidadãos mais preeminentes por causa de suas roupas e da ótima qualidade do mobiliário que tombou juntamente com eles.

Observamos tudo aquilo com estupor. Vimos um outro número de pequenos pontos negros vindo de outra direção, e estes enfrentaram os invasores com uma ferocidade sem par. Pareciam não ter nenhuma consideração por sua própria vida; punham-se a atirar coisas no inimigo, e se este falhasse na tentativa de derrubá-los, então os defensores ficariam sepultados sob aquelas. . . bem, posso apenas denominá-las de grandes bombas.

O dia terminou e a noite recaiu sobre o cenário. A noite era iluminada por gigantescas chamas enquanto a cidade ardia. As chamas estavam irrompendo em toda parte, do outro lado do globo nós pudemos ver cidades consumidas pelas chamas, e quando a luz de um alvorecer brilhou naquele cenário com a presença a seguir de um sol rubro de sangue, vimos apenas montes de escombros, simples pilhas de pó, e ferragens retorcidas.

O Lama Mingyar Dondup disse:

Vamos passar por alto tais coisas, que não desejamos ver, Lobsang, porque você, meu pobre amigo, irá presenciar isto tudo na vida real antes que sua estada neste mundo seja encerrada.

O globo que era o mundo girou. Da escuridão para a luz, desta para a escuridão de novo, e me esqueci de quantas vezes o globo rodara; ou talvez eu nunca pudesse saber, mas finalmente o lama esticou sua mão e a rotação veloz do globo diminuiu até chegar ao normal.

Olhamos atentamente para lá e acolá, e então vimos homens manejando peças de madeira no feitiço de um arado. Cavalos estavam puxando os arados através do solo, e vimos uma construção após outra simplesmente desabarem dentro das fossas escavadas pela charrua.

Dia após dia eles prosseguiram arando até que não houvesse nenhum vestígio de que existira uma civilização naquela área. O Lama Mingyar Dondup disse:

- Acho que isso já é o bastante por hoje, Lobsang; nossos olhos estarão muito fatigados para poder fazer alguma coisa amanhã, e desejamos observar isso porque irá acontecer com frequência até que, por fim, os guerreiros em luta irão praticamente extinguir toda a vida no mundo. Portanto, vamos apenas alimentar-nos um pouco e aproveitar uma noite de sono.

Eu o fitei surpreso, dizendo:

- Noite, mestre? Mas como sabemos nós que horas são?

O lama apontou para um quadrante a regular distância, talvez tão alto como três homens de pé sobre os ombros uns dos outros. Havia a figura de uma mão, um ponteiro, e no que parecia ser um fundo de lousa viam-se certas divisões de luz e escuridão, e a "mão" agora estava apontando entre a luz mais intensa e a escuridão mais negra.

- Aí tem, Lobsang disse o lama um novo dia está quase começando. Mas ainda temos tempo bastante para repousar. Eu vou até à fonte da juventude novamente porque minhas pernas estão

doendo um pouco. Acho que meus ossos das pernas estão tão arranhados como a carne foi lacerada.

- Mestre, mestre, deixe-me fazer isso para o senhor.

E corri para o compartimento onde estava a fonte da juventude e ergui minha túnica. Então a água começou a brotar, e movi aquela pequena coisa denominada de torneira pelo lama, e a girei de modo a que a água se mantivesse fluindo após eu sair da piscina. E a seguir girei uma outra torneira que, como me fora dito, precipitava a entrada de uma porção de uma substância medicinal pastosa que ao entrar em contato com a água se dissolvia rapidamente, misturando-se à mesma.

O lama sentou-se na borda da piscina, e então balançou as pernas e as mergulhou no líquido.

- Ah! ele disse. Isto me faz sentir melhor. Traz um grande alívio, Lobsang. Logo, logo minhas pernas estarão novamente inteiramente normais e isto será justamente algo sobre que discutiremos maravilhados.

Esfreguei-lhe as pernas vigorosamente, e pequenas partículas de tecido descascado saíram até que por fim não havia mais nenhuma marca de cicatriz, e suas pernas pareceram normais de novo. E eu disse:

- Isto parece bem melhor, senhor. Acha que já teve o tratamento suficiente por enquanto?

— Sim, estou certo que sim. Nós não vamos querer consumir com isto metade da noite de que dispomos, não é mesmo? Então faremos o que resta a fazer agora e iremos em busca de alimento.

Assim dizendo, o lama saiu do interior da piscina e eu girei aquela grande coisa de metal em feitiço de roda e que fazia com que a água escoasse por alguma parte. Fiquei observando até que a piscina ficasse completamente vazia, e aí movi a torneira para que mais água fluísse e levasse as partículas de tecido descascado. Isso feito, girei as torneiras de novo e me voltei em busca do lama.

— Já fizemos o bastante por hoje, Lobsang — disse meu guia. Sugiro que façamos nossa tsampa com água para nosso jantar, e depois dormiremos. Faremos uma refeição mais substancial pela manhã.

Assim, sentamos no chão na costumeira postura dos lamas, e comemos nossa tsampa. Agora nos sentíamos ultrassofisticados, pois estávamos comendo a tsampa com algo que não com os dedos; usávamos um utensílio civilizado que, pela ilustração que eu vira num daqueles livros, era chamado colher. Mas antes que eu viesse a terminar meu jantar, deixei-me cair de costas, morto para o mundo de novo, profundamente adormecido, enquanto o mundo girava ininterruptamente.

Capítulo 6

Sentei-me de repente em meio à escuridão, perguntando-me onde estava. Assim que me sentei mais aprumado a luz surgiu aos poucos, não como o acender de uma vela em que se colhe a escuridão num momento e um piscar de luz no próximo, aquilo se apresentava como o alvorecer, assim não exigia nenhuma contração da vista. Pude ouvir o Lama Mingyar Dondup movimentando-se na cozinha. Ele me chamou e disse:

— Lobsang, estou preparando o desjejum para você, porque terá que comer um prato como este quando viajar para a parte ocidental do mundo, assim é bom acostumar-se desde agora — e riu, com um contentamento interior.

Eu me levantei e comecei a me acercar da cozinha.

Então pensei: "não, a natureza vem em primeiro lugar", e assim mudei de direção para ir até o lugar em que os apelos da natureza têm primazia.

Com aquilo devidamente cumprido, voltei na direção da cozinha e vi que o lama estava acabando de colocar algo num prato. Era uma espécie de comestível de cor castanho avermelhada, e ali havia também dois ovos fritos, como supus, mas naqueles tempos eu ainda não chegara a comer comida frita. Então ele me fez sentar à mesa e postou-se atrás de mim.

— Bem, Lobsang, esta coisa é um garfo. Você segura o garfo com uma das mãos espetando com ele a fatia de toucinho enquanto a corta com a faca segura em sua mão direita. Depois, tendo cortado a fatia pela metade, você usará o garfo para levar a porção cortada à boca.

— Que ideia danada de tola — eu disse, pegando com o indicador e o polegar o toucinho e assim levando um cascudo dado com os nós dos dedos pelo lama.

— Não, não e não, Lobsang. Você irá cumprir no Ocidente uma missão especial, e terá que viver como eles vivem por lá, e por isso tem que aprender como proceder desde agora. Pegue aquela fatia de toucinho com seu garfo e o leve à boca, e depois disso desprenda o garfo.

— Eu não posso, senhor.

— Não pode? E por que não pode fazer como eu digo? — Bem, senhor, eu já tinha levado à boca aquela coisa, e aí o senhor me deu aquele cascudo que me fez engolir de vez o maldito negócio.

— Você tem a outra metade do toucinho aqui, veja. Pegue-o com o seu garfo e o leve à boca. Coloque-o bem dentro de sua boca e então retire o garfo.

Assim eu fiz, mas me parecia ainda ser uma coisa tola. Por que devia alguém ter que usar um pedaço de metal encurvado para levar comida à boca? Era praticamente a coisa mais idiota que já ouvira, mas o pior ainda estava por vir. — Agora, disponha a parte côncava do garfo sob um desses ovos fritos e então corte com a faca para que assim você mantenha uma quarta parte do ovo sobre o garfo. Então ponha-o em sua boca e o coma.

— O senhor quer dizer que se eu for ao Ocidente terei que comer dessa maneira doida?

— Certamente que sim, portanto é de todo conveniente para você acostumar-se ao uso desses utensílios desde agora. Os dedos são muito úteis para uma certa categoria de pessoas, mas você presume-se que seja de um nível superior.

Para que você pensa que eu o trouxe a um lugar como este? — Bem, senhor, nós viemos ter a este lugar infortunado acidentalmente!

— Não tanto, não tanto — replicou o lama. — Viemos ter aqui por acidente, sim, eu admito isso, mas este era nosso destino. Compreenda, o velho ermitão era o guardião deste lugar. Já o tinha sido por cerca de cinquenta anos, e eu tencionava trazer você aqui

para aprimorar um pouco sua educação. Mas acho que ao cair das rochas seu bom senso e inteligência foram afetados.

O lama se pôs pensativo e acrescentou: — Eu me pergunto há quanto tempo esses ovos aqui se encontram. — Deixou de lado sua faca e seu garfo, e acercou-se do recipiente onde os ovos estavam guardados, e eu o vi contando nos dedos. — Lobsang, esses ovos e este toucinho já contam perto de três milhões de anos, mas seu sabor é tão natural como se os ovos tivessem sido postos ainda ontem.

Eu me entretive com o ovo e o resto de toucinho no meu prato. Estava desconcertado. Já vira coisas apodrecerem mesmo quando postas no gelo, e agora me era dito que estava comendo algo com cerca de três milhões de anos. — Mestre, tantas coisas me intrigam, e quanto mais o senhor me fala, mais perguntas desperta em minha mente. O senhor diz que esses ovos têm cerca de três milhões de anos, e concordo com o senhor, eles realmente são como ovos frescos, não há sinal algum de deterioração, portanto como é possível que eles já tenham três milhões de anos? — Lobsang, seria necessária uma explanação muito intrincada para satisfazê-lo acerca de algumas dessas coisas, mas vamos encarar isso de um modo que não é estritamente preciso, mas que lhe dará alguma noção do que quero dizer. Bem, suponha que tem uma série de blocos. Tais blocos, que chamaremos de células, podem ser reunidos para formar diferentes coisas. Se você estivesse brincando como um menino, poderia fazer blocos de casas com seus pequenos cubos, e depois poderia derrubar as casas e fazer algo inteiramente diferente. Bem, toucinho, ovos, ou algo mais, são compostos de pequenos blocos, pequenas células que têm uma vida interminável porque sua matéria não pode ser destruída. Se a matéria pudesse ser destruída o universo inteiro pararia. Assim, a natureza dispõe para que esses blocos particularizados sejam feitos dentro de um feitiço que represente toucinho, por exemplo, e esses outros blocos particulares representem ovos. Agora, se você comer o toucinho e os ovos não está desperdiçando nada, porque eventualmente tudo isso passa através de você, sofrendo mudanças

químicas no caminho, e casualmente vem ter à terra, onde irá nutrir plantas em seu crescimento. E depois, talvez um leitão ou uma ovelha apareçam e comam as plantas, e engordem. Assim tudo depende desses blocos, dessas células.

"Você pode ter células que sejam ovais, e nós devemos dizer que é este o tipo normal de célula. Isso capacita uma pessoa a ter uma conformação bem constituída, delgada, e talvez alta. Isto porque as células, as ovoides, são todas dispostas numa direção. Mas suponhamos que tenhamos um homem que adora comer, que come muito mais do que deveria, porque alguém deve comer somente o suficiente para satisfazer à sua fome imediata. Mas, seja como for, este homem come pelo prazer de comer, e suas células ovais se convertem então em células redondas. Estas células são redondas porque foram saturadas com alimentação excessiva na forma de gorduras. Agora, naturalmente, quando se tem uma célula oval ela apresenta um certo comprimento, e então se você a converte em redonda sem incrementar sua capacidade ela se torna ligeiramente menos comprida, e assim o tal homem gordo toma-se mais baixo do que deveria ser se fosse um homem magro.

Sentei-me apoiado nos calcanhares e pensei em tudo que ouvira, e então disse:

— Mas qual é a utilidade de todas essas células, a menos que elas contenham algo que proporcione vida e que torne alguém capaz de fazer alguma coisa que uma outra pessoa não pode fazer?

O lama riu e replicou:

Eu estava somente dando a você uma exemplificação muito rudimentar. Há diferentes espécies de células. Se você tiver um tipo de célula e esta for tratada adequadamente, pode ser um gênio, mas se tiver esse mesmo tipo de célula e a tratar mal, então pode vir a ser um louco. E estou começando a me perguntar o que você é!

Concluimos nossa refeição apesar da recomendação de que não se deve falar enquanto se está comendo. A atenção devia ser

dedicada ao alimento, de outro modo seria um desrespeito. Mas supus que o lama sabia o que estava fazendo, e talvez ele tivesse permissão especial para infringir umas poucas de nossas normas.

— Vamos observar um pouco a nosso redor. Aqui há toda espécie de coisas estranhas para se ver, como sabe, Lobsang, e nós desejamos contemplar o despertar e o declínio de civilizações. Aqui você pode ver isso com precisão, realmente no ato. Mas não é bom ficar olhando dentro do globo o tempo todo. Necessita-se de uma variação, de uma recreação; recreação quer dizer o que o termo expressa, ela significa que as células que o capacitam a enxergar têm-se fatigado de acolher tantas imagens quase as mesmas, portanto deve desviar seus olhos dessas imagens e olhar para algo diferente. Você necessita de uma mudança, e isto é chamado recriação, ou recreação. Venha até este aposento.

Eu me levantei com relutância e o acompanhei, arrastando os pés com uma impressão exagerada de cansaço. Mas o Lama Mingyar Dondup conhecia todos os truques, ele provavelmente já fizera o mesmo com o seu guia.

Quando alcancei a porta quase dei meia-volta e corri. Havia ali dentro muitas pessoas, homens e mulheres. Alguns deles estavam despidos, e eu vi uma mulher exatamente à minha frente, a primeira mulher nua que jamais vira, e me voltei para sair às pressas após desculpar-me com aquela senhora por violar sua privacidade. Mas o Lama Mingyar Dondup pôs suas mãos em meus ombros, e estava rindo tanto que mal pôde falar.

Lobsang. Lobsang! A expressão de seu rosto estava de acordo com todas as provações e contratempos que tínhamos tido naquela jornada. Essas pessoas estão conservadas, elas viveram certa vez em planetas diferentes. Foram trazidas para aqui, vivas, para agir como espécimes. Elas ainda estão vivas, saiba você!

- Mas, mestre, como há possibilidade de estarem vivas após um milhão ou dois de anos? Por que não se converteram em pó?
- Bem, temos aí de novo a animação suspensa. Elas se acham num casulo invisível que impede qualquer das células de funcionar.

Mas você sabe, terá que entrar e examinar essas figuras, de homens e mulheres, porque terá que lidar um bocado com as mulheres. Você irá estudar medicina em Chungking, e mais tarde contará com um grande número de mulheres como suas pacientes. Assim, será melhor procurar conhecê-las a partir de agora. Aqui, por exemplo está uma mulher que se achava quase pronta para dar à luz um bebê e devemos revivê-la e deixar que a criança nasça para sua edificação, porque o que estamos fazendo é da maior importância, e se tivermos que sacrificar uma, duas ou três pessoas, então isso valerá a pena caso venha a salvar este mundo com seus bilhões de seres humanos.

Olhei de novo para aquelas criaturas e me senti enrubescer fortemente diante da visão daquela mulher nua.

- Mestre, há uma mulher ali adiante que é completamente negra, mas como pode ser isso? Como pode haver uma mulher inteiramente negra?
- Bem, Lobsang, confesso que estou perplexo com sua surpresa a respeito dessa questão. Há pessoas de muitas cores diferentes, brancas, morenas, castanhas e negras e em alguns mundos há pessoas azuis e verdes. Tudo depende do tipo de alimento que elas e seus pais e avós estavam acostumados a comer. Tudo depende de uma secreção do corpo que causa a coloração. Mas venha e examine essas pessoas!
- O lama voltou-se e entrou num aposento mais interno. Nele estavam aquelas criaturas que não se achavam mortas, mas também não vivas de todo. A título de experiência, toquei o braço da mulher de melhor aparência ali, e não estava com a frieza do gelo, achava-se razoavelmente quente, muito acima da minha própria temperatura, exceto que está se elevando consideravelmente nos últimos poucos minutos!

Um pensamento me ocorreu e o expressei:

— Mestre, mestre, tenho uma pergunta premente a fazer.

— Ah, Lobsang, vejo que escolheu a mulher mais bonita do grupo todo. Bem, deixe-me apreciar seu bom gosto. Esta é uma

mulher muito fina, e nós desejamos o melhor, porquanto algumas das velhas desalinhasdas de alguns museus desagradam a qualquer um. Assim, as pessoas que providenciaram esta coleção escolheram somente o melhor. Mas, qual é sua pergunta? — O lama sentou-se num tamborete baixo, e eu fiz o mesmo.

— Como as pessoas crescem, como se desenvolvem para se assemelhar a seus pais? Por que não desabrocham como um bebê e então depois se assemelham a um cavalo ou qualquer outra criatura?

— Pessoas são formadas de células. As células controladoras do corpo em uma tenra idade são, como direi, impressas com o caráter e a aparência geral dos pais. Portanto, essas células possuem uma memória absoluta de como tais criaturas devem parecer; mas, assim que alguém se torna mais velho, cada célula esquece apenas um pouco de como o modelo ou padrão devia ser. As células, diríamos assim, "desgarram-se" da célula-memória originalmente incorporada. Pode-se, por exemplo, ter uma mulher, como você está observando, e ela pode ter sido... bem, digamos não-despertada, e assim suas células seguem cegamente o padrão da célula anterior. Estou lhe dizendo tudo isto do modo mais simples que posso, você irá aprender mais a respeito em Chakpori, e mais tarde em Chungking. Mas cada célula do corpo tem uma memória definida do que deveria ser quando saudável que o corpo envelhece, a memória do modelo original torna-se bem, perdida ou incapacitada, por alguma razão, de seguir o padrão exato, assim diverge ligeiramente das células originais e então, uma vez tendo se desviado do modelo original, é cada vez mais fácil que ela esqueça, mais e mais, como o corpo devia parecer. Nós chamamos isso velhice, e quando um corpo não pode mais acompanhar o modelo exato impresso em suas células, então dizemos que as coisas se deterioram, e o corpo está mentalmente enfermo. Após uns poucos anos mais, a transformação se torna cada vez mais pronunciada, e, eventualmente, a pessoa morre.

— Mas quanto a pessoas com câncer, como fizeram para chegarem a tal condição? — eu perguntei.

E meu guia respondeu:

— Nós temos conversado sobre células esquecendo que padrão elas devem seguir. Elas esquecem o modelo que devia ter sido impresso enquanto o bebê está sendo formado, mas nós dizemos que, quando uma pessoa é portadora de um câncer de determinado tipo, então as células da memória tomam-se distorcidas, e elas determinam que o crescimento do recém-nascido ocorra, onde não deveria haver nenhum crescimento. O resultado disso é que temos no corpo humano uma grande massa que interfere com outros órgãos, talvez empurrando-os para fora do lugar certo, e talvez destruindo-os. Mas há diferentes tipos de câncer. Um outro tipo é aquele em que as células que são controladoras do crescimento se esquecem de que são destinadas a produzir células novas de um certo tipo, e aí se dá uma reversão completa. Certos órgãos do corpo se desgastam. A célula se exaure, ela já tinha feito sua parcela de trabalho, a de manter o corpo, e agora necessita ser substituída para que assim o corpo possa continuar a existir. Mas a célula perdeu o modelo original, esqueceu o padrão de crescimento, se você preferir assim, e tendo-o esquecido procede por conjeturas, e ou fabrica células novas desordenadamente, em número despropositado, ou produz células que devoram as células sãs e deixam no interior do corpo uma massa sangrenta e pútrida. Então o corpo perece.

— Mas, senhor, como pode o corpo saber se está fadado a ser macho ou fêmea, porque antes do corpo nascer quem cuida da formação do bebê?

— Bem, isso depende dos pais. Se se tem um início de crescimento que é alcalino, então se terá um determinado sexo; se houver um tipo ácido de célula, então se terá o sexo oposto, e há ocasiões em que monstros são gerados. Os pais não eram realmente compatíveis, e o que a mulher produz não é nem macho nem fêmea, pode ser ambos, pode mesmo ter duas cabeças e

talvez três braços. Bem, nós sabemos que os budistas não devem tirar a vida de ninguém, mas o que mais pode ser feito, como pode alguém deixar que um monstro sobreviva? Um monstro com um cérebro aquém do rudimentar. Bem, se deixarmos um tal monstro crescer e propagar seus espécimes, cedo nós deveríamos ter mais e mais monstros, porque nos parece que as coisas ruins se multiplicam mais depressa que as boas.

"Você irá se acostumar com tudo isso quando chegar a Chungking. Estou lhe dando uma explicação rudimentar para que você conheça alguma coisa do que o aguarda. Agora, um pouco mais tarde, eu o levarei a um outro aposento e lhe mostrarei monstros que vieram a nascer, e lhe apontarei as células normais e as anormais. E então você verá que coisa maravilhosa é um ser humano. Mas, antes de mais nada, examine algumas dessas pessoas, particularmente as mulheres. Aqui está o livro que mostra como uma mulher é exteriormente e interiormente. Se a pessoa está destinada a ser uma mulher atraente, suas células memorizantes, isto é, as células que levam a memória a reproduzir precisamente as células do corpo exatamente como antes, estão em boa ordem. Então nós temos de nos certificar de que a mãe tem alimentação suficiente do tipo certo e se ela não tem nenhuma comoção, etc. etc. E, claro, comumente não é aconselhável ter relações com uma mulher quando ela está em seu oitavo mês de gravidez. Isso pode perturbar o inteiro equilíbrio das coisas

"Agora, tenho que fazer o registro de tudo que estivemos fazendo aqui, como aqui viemos ter, e tenho de conjeturar sobre como iremos sair daqui!

Mas, mestre — eu disse com certa exasperação — qual o sentido de escrever sobre tudo isso se ninguém mais vem aqui?

— Oh, mas as pessoas vêm aqui, Lobsang, elas virão. Os ignorantes chamam seus aparatos de UFOS. Elas vêm aqui e permanecem em quartos acima deste. Elas vêm aqui apenas para receber mensagens e relatar o que descobriram.

Compreenda, essas pessoas são os Jardineiros da Terra. Possuem um vasto estoque de conhecimentos, mas de algum modo através dos séculos eles têm se deteriorado. Antes de tudo eram criaturas semelhantes a deuses, com um poder quase ilimitado. Eles podiam fazer tudo, absolutamente todas as coisas. Mas então o "Jardineiro Chefe" enviou alguns deles à Terra que tinha sido formada, eu já lhe contei tudo isso antes, e depois, viajando a uma velocidade muitas vezes superior à da luz, os Jardineiros retornaram à sua base em Lum outro universo.

"Como ocorre frequentemente na Terra, e, na realidade, em muitos outros mundos, houve uma revolução. Algumas pessoas não apreciavam as ideias daqueles sábios, os

Jardineiros da Terra, apossando-se então de mulheres que viviam à sua volta, especialmente quando uma dessas mulheres era a mulher de outro homem. Inevitavelmente ocorreram rixas, e os Jardineiros se cindiram em duas facções, que poderíamos chamar partido do direito e os fora-da-lei. Estes pensaram que, em vista das longas distâncias que tinham percorrido e as duras tarefas que já haviam empreendido, tinham direito a uma recreação sexual. Bem, quando eles não puderam conseguir mulheres de sua própria raça para que os seguissem, vieram à Terra e escolheram as mulheres maiores que puderam encontrar. Os acontecimentos não foram nada agradáveis porque os homens eram fisicamente muito avantajados para aquelas mulheres, e a facção que veio à Terra entreteve uma disputa e se dividiu em dois partidos. Um destes foi viver no Leste, e o outro no Oeste, e graças a seus grandes conhecimentos construíram armas nucleares baseadas no princípio de um nêutron explosivo e do raio laser. Então eles efetuaram ataques aéreos sobre o território dos outros, sempre com o propósito de roubar, talvez o termo rapto soe melhor nesse caso, as mulheres de seus oponentes.

"Tais ataques aéreos suscitaram contra-ataques, e suas grandes naves voavam incessantemente através do mundo e retornavam. E o que aconteceu é simplesmente do interesse da

História; o partido menor, que comportava os homens justos, em desespero lançou uma bomba sobre o local onde estavam vivendo os membros da facção equivocada. Atualmente as pessoas relacionam tal área como sendo as "Terras Bíblicas". Tudo foi destruído. O deserto, que existe ali agora, era outrora um mar cintilante cuja superfície era singrada por muitas embarcações. Mas quando a tal bomba caiu a terra tremeu e tombou ali, e toda a água foi despejar-se adiante, alcançando o Mediterrâneo e até o Atlântico, e toda água que ficou naquela área veio a formar o Nilo. Nós podemos apreciar tudo isto, Lobsang, porque dispomos aqui de máquinas que irão captar cenas do passado.

— Cenas do passado, mestre? Ver o que aconteceu há um milhão de anos? Não parece possível.

— Lobsang, tudo é vibração ou, se você assim preferir, se deseja que isso soe mais científico, deverá dizer que tudo possui sua frequência própria. Portanto, se podemos encontrar a frequência, e nós podemos, desses eventos, podemos detectá-los, podemos fazer nossos instrumentos vibrarem a uma frequência mais alta, e assim ela irá rapidamente captar impulsos que foram remetidos há um milhão de anos atrás. E se então nós reduzirmos a frequência de nossas máquinas, se igualarmos a nossa frequência com aquela emitida originariamente pelos sábios da antiguidade, poderemos ver exatamente o que aconteceu. É muito cedo ainda para lhe falar sobre tudo isto, mas nós viajamos na quarta dimensão, assim podemos captar uma coisa na terceira dimensão, e se apenas nos sentarmos tranquilamente, poderemos observar tudo que aconteceu, e podemos ter motivo para risos a respeito de algumas das coisas escritas em livros de História e comparar aquelas obras de ficção com o que na realidade aconteceu. Livros de História são um crime porque a História distorce o que aconteceu, ela nos conduz a caminhos errôneos. Oh, sim, Lobsang, nós temos aqui a máquina mencionada, está no próximo aposento, e podemos ver o que as pessoas chamam o Dilúvio. Podemos ver o que chamam de Atlântida. Mas, como já lhe disse, Atlântida era simplesmente o termo genérico aplicado a terras que submergiram.

Elas afundaram no mar em uma certa extensão da região da Turquia, e um determinado continente próximo do Japão submergiu também. Venha comigo, eu irei mostrar-lhe algo.

O lama ergueu-se, e eu o imitei e o acompanhei.

— Naturalmente, nós temos registrado muitas dessas cenas antigas porque representa realmente uma dose de penoso trabalho sintonizar os acontecimentos na frequência exata. Mas nós conseguimos essa sintonização com precisão, e temos um registro de absoluta exatidão do que ocorreu. Agora — e ele tocou em algumas bobinas pequenas que estavam numa fileira compacta contra a parede, e por fim se deteve em uma das bobinas e prosseguiu: — deve ser esta, vamos observar isto funcionar.

O lama colocou o pequeno carretel numa máquina, e o grande modelo da Terra — oh, devia ter cerca de uns nove metros de diâmetro — pareceu ganhar vida de novo. Para meu espanto ele girou e moveu-se obliquamente e então para trás um pouco, e aí parou.

Eu observei a cena desenrolada naquele mundo, e a seguir não "olhei" mais. Eu estava ali, naquele cenário. Tive a impressão cabal de que estava ali. Era uma bela terra, a relva era a mais verdejante que eu já vira, e me achava parado na beira de uma praia de areia prateada. Pessoas ali estavam passeando, algumas usavam trajes de banho muito sugestivos e estampados e outras nada vestiam. As que nada usavam sobre o corpo, certamente, pareciam muito mais decentes do que aquelas que usavam uma peça de roupa que meramente encobria o órgão sexual.

Lancei o olhar ao largo do mar cintilante. O mar era azul, o mesmo azul do céu, e o dia se mostrava calmo. Pequenas embarcações dotadas de velas estavam entregues a uma competição esportiva, para ver qual delas era a mais veloz, e qual era o mais hábil piloto. E então. . . então, muito repentinamente, houve um tremendo estrondo, e a terra estremeceu. Onde nós estávamos parados a terra foi abalada, e o mar precipitou-se

adiante, desaparecendo, até que, diante de nós, tudo que se podia ver era o que fora até então o fundo do mar.

Mal tínhamos tido tempo para respirar quando uma sensação mais singular nos acometeu. Verificamos que estávamos nos alçando rapidamente em pleno ar, não apenas nós, mas a terra também, e a pequena franja de colinas rochosas ergueu-se, e se converteu em assombrosas montanhas, uma cadeia montanhosa que se estendia até onde a vista humana pudesse alcançar, em qualquer direção.

Tive a impressão de estar parado na verdadeira borda de um pedaço de terra firme, e quando, cautelosamente, arrisquei olhar para baixo, senti uma contração no estômago; a terra era tão alta que eu pensei que nós devíamos ter viajado até os Campos Celestiais. Nenhuma outra criatura estava à vista, e eu me achava sozinho, assustado, o coração apertado. O Tibete tinha se erguido nove mil metros em cerca de trinta segundos. Senti dores. O ar estava rarefeito ali, e o ato de respirar exigia um esforço penoso.

Subitamente, de uma fenda na cadeia de montanhas, emanou água resultante, ao que me pareceu, de alta pressão. Ela acomodou-se um pouco ali, e então iniciou seu próprio curso descendo daquela alta montanha, escorrendo justamente sobre a nova terra que fora antes o leito do mar. E assim estava nascendo o poderoso Brahmaputra, que agora tem seu escoadouro na Baía de Bengala. Mas não era uma boa e límpida água a que alcançava agora a Baía de Bengala, era uma água poluída pelos cadáveres, de seres humanos e animais, árvores, tudo. Mas a água não era a principal coisa porque, para meu horror e espanto, eu estava sendo erguido, a terra se alçava também, a montanha ia se tornando cada vez mais alta, e lá ia eu juntamente com ela. Logo eu me achei parado num vale estéril rodeado por imponentes montanhas, e nós estávamos a cerca de nove mil metros no ar.

Aquela coisa feito um globo, aquele simulacro do mundo era algo absolutamente fantástico porque não se estava simplesmente apreciando os acontecimentos, estávamos vivendo os mesmos,

realmente participando deles. Quando eu olhara pela primeira vez o globo, pensara: "Hum, deve ser algum número artificioso de show, como uma espécie de lanterna mágica, igual às que os missionários trazem." Mas quando olhei dentro daquela coisa, tive a impressão de cair, me pareceu estar caindo das nuvens, fora do céu, e descendo, descendo, para vir pousar tão suavemente como uma folha caída. E então eu vivi os reais acontecimentos de milhões de anos passados. Isso era um produto de uma pujante civilização, muito, muito acima da perícia dos atuais artesãos ou cientistas. Não posso dar uma ideia exata do que era viver ali. Verifiquei que podia caminhar. Por exemplo, havia ali uma sombra negra que me interessou grandemente, e caminhei em sua direção, sentindo que estava realmente caminhando. E então, talvez pela primeira vez, olhos humanos contemplaram a pequena montanha sobre a qual, em centenas de anos vindouros, o poderoso Potala seria edificado.

— Não posso realmente entender nada disso, mestre. O senhor está tentando me pôr à prova em algo que supera a capacidade de minha mente

— Tolice, Lobsang, tolice. Você e eu temos estado juntos em muitas, muitas vidas. Nós temos sido amigos por uma vida após outra, e você irá continuar a missão depois de mim. Eu já vivi quatrocentos anos e mais um pouco desta vida, e sou o único em todo o Tibete que entende do funcionamento de todas essas coisas. Esta era uma de minhas tarefas. E minha outra incumbência — e ele me fitou com um toque de humor — era instruí-lo, proporcionando-lhe meus conhecimentos para que assim, quando eu me for em futuro próximo deste mundo com uma adaga cravada nas costas, você seja capaz de recordar este lugar, lembrar-se de como conseguiu entrar aqui, de como usar todos seus dispositivos, e viver de novo os eventos do passado. Você será capaz de perceber onde o mundo seguiu rumo errado, e penso que está se tornando muito tarde neste particular ciclo da vida para se fazer muito a esse respeito. Mas nunca se esqueça, as pessoas estão conhecendo o caminho penoso porque elas rejeitam o caminho fácil.

Não há nenhuma necessidade para todos esses sofrimentos, você sabe, Lobsang.

Não há nenhuma necessidade de toda esta contenda entre os Afridis¹ e o exército anglo-indiano, eles estão sempre em luta e parecem pensar que a luta é o único meio de solucionar as coisas. O melhor caminho para se fazer uma coisa é a persuasão, não esse morticínio, essa rapinagem, assassinatos, torturas. Isso fere a vítima, mas atinge mais o executante de tais atos, porque tudo isso reverte contra o próprio Eu. Você e eu, Lobsang, temos um prontuário muito limpo.

Nossa Entidade Superior está inteiramente satisfeita conosco.

— Mestre, o senhor disse "Entidade Superior". Quer isso significar que o senhor e eu temos a mesma "individualidade

— Sim, na verdade assim é, jovem sábio, é justamente este o significado. Isso quer dizer que você e eu seguiremos juntos vida após vida, não meramente neste mundo, não simplesmente neste universo, mas em toda parte, em todo lugar, em qualquer tempo. Você, meu pobre amigo, irá ter uma vida muito penosa dessa vez. Você irá ser vítima da calúnia, haverá todo tipo de críticas mentirosas contra você. E, no entanto, se o povo pudesse ouvi-lo o Tibete poderia ser salvo. Mas, em vez disso, em anos futuros o Tibete irá ser invadido pelos chineses e arruinado. Ele se voltou rapidamente mas não antes que eu pudesse ver lágrimas em seus olhos. Assim, eu me afastei até a cozinha e bebi um pouco d'água.

— Mestre — eu disse depois — gostaria que o senhor me explicasse como essas coisas não se estragam.

— Bem, atente para a água que você está bebendo agora. Quão antiga é a água? Ela pode ser tão antiga como o próprio mundo. Ela não é ruim, é? As coisas somente se tornam ruins quando tratadas incorretamente. Por exemplo, suponhamos que você corta um de seus dedos e ele começa a cicatrizar, e então o corta de novo e ele principia a sarar, e repete o mesmo processo

uma vez mais, mas não necessariamente da mesma maneira como se passara antes de você cortar o dedo. As células regeneradoras se confundem, passam a crescer de acordo com seu padrão nelas impresso, e depois se dividem de novo. Elas começam uma vez mais a se desenvolver de acordo com seu padrão "embutido", e assim por diante. E, ocasionalmente, as células esquecem o modelo que devem formar e em vez disso se desenvolvem mais ainda numa grande quantidade, e eis aí o que é o câncer. O câncer é o crescimento descontrolado de células onde elas não deviam surgir, e se alguém fosse orientado adequadamente, e tivesse pleno controle do seu corpo, aí não haveria câncer algum. Se se visse que as células estavam, como direi, desenvolvidas erroneamente, aí então o corpo poderia deter o processo a tempo. Nós temos pregado sobre isso, e em diferentes países, e as pessoas simplesmente se põem a rir desses nativos que têm a ousadia de vir de algum país desconhecido. . . eles nos chamam de orientais sujos, as coisas mais inúteis que existem. Mas, você sabe, só podemos ser orientais, mas no devido tempo essa será uma expressão honrosa, digna de respeito. Se as pessoas nos ouvirem, poderemos curar o câncer, poderemos curar a tuberculose. Você esteve tuberculoso, Lobsang, lembre-se disso, e eu o curei com sua cooperação, e se eu não contasse com a sua cooperação não poderia tê-lo curado.

Mergulhamos em silêncio, num estado de comunhão espiritual um com o outro. Nossa associação era puramente espiritual, sem qualquer conotação carnal. Naturalmente, houve alguns lamas que usavam seus chelas para maus propósitos, lamas que não deviam tê-lo sido, mas sim... bem trabalhadores, qualquer outra coisa, porque necessitavam de mulheres. Nós não necessitávamos de mulheres, nem de qualquer ligação homossexual. Nossa ligação era, como eu disse, puramente espiritual, como mescla de duas almas que se misturam para abraçar-se om espírito e então afastar-se do espírito um do outro sentindo-se reconfortados e de posse de novos conhecimentos.

Há uma forte impressão de que no mundo de hoje em dia o sexo é a única coisa que importa, sexo para simples gozo pessoal, não para a perpetuação da espécie, mas meramente porque ele propicia sensações agradáveis. O sexo real é aquele que temos quando deixamos este mundo, a comunhão de duas almas, e quando retomamos ao Eu Supremo nós podemos experimentar a emoção maior, o regozijo supremo. E então compreenderemos que as provações por que passamos nesta terra brutal foram destinadas simplesmente a afastar de nós as impurezas, expulsar pensamentos erróneos de nossa mente, e, em minha opinião, o mundo é duro demais. É tão duro, e os seres humanos têm degenerado tanto, que eles não conseguem suportar essa provação, não podem tirar uma lição proveitosa dessas dificuldades, mas em vez disso se tornam cada vez piores, é de mais a mais perversos, descarregando seu rancor e malignidade sobre pequenos animais. Isto é uma grande pena, porque os gatos, por exemplo, são conhecidos como os olhos dos deuses. Gatos podem ir a qualquer parte, ninguém presta qualquer atenção quando um gato está sentado em algum lugar, patas dianteiras dobradas e a cauda enroscada harmoniosamente em volta do corpo, e os olhos meio fechados as pessoas pensam que ele está descansando. Mas não, o gato está trabalhando, ele está transmitindo tudo que está acontecendo. O cérebro humano não pode ver nada sem seus olhos. Seu cérebro não pode articular um som sem sua voz, e os gatos são uma outra extensão dos sentidos e que levam os Jardineiros da Terra a saberem o que está se passando. Com o tempo nós iremos reconhecer isto, no devido tempo compreenderemos que os gatos nos têm salvo de muitos equívocos fatais. É assim uma pena que nós não os tratemos mais bondosamente, não é mesmo?

Capítulo 7

— Lobsang! LOBSANG! Venha, nós temos algo a fazer.

Levantei-me com tanta precipitação que acabei chutando longe meus sapatos, ou melhor, sandálias; sapatos era algo inexistente no Tibete. Todos usavam sandálias ou, se alguém tinha que cavalgar um longo percurso, aí usava botas cujo cano ia até os joelhos. Seja como for, o fato é que minhas sandálias foram atiradas para um lado e eu segui na direção oposta. AO me acercar do lama, este disse:

— Agora nós iremos apreciar um pouco de História, a verdadeira História, não as excrescências que eles colocam nos livros onde "as coisas foram alteradas tanto que não irão incomodar nenhum homem numa posição muito poderosa.

E o lama me conduziu ao que nós tínhamos convencionalmente chamado "O Aposento do Mundo", e então nos sentamos no pequeno compartimento que denominamos "mesa de comando".

Era realmente uma coisa maravilhosa; aquele simulacro do mundo parecia maior que o aposento que o continha, o que todos sabem ser impossível. Mas o lama adivinhou meus pensamentos, e disse:

— Naturalmente, quando entramos aqui ficamos sob a influência da quarta dimensão, e nesta pode-se ter um modelo que é maior que o recinto que o contém caso esse mesmo recinto seja tridimensional. Mas não nos preocupemos com isso, e sim com isto aqui. O que nós estamos vendo neste mundo são os acontecimentos reais mundiais de anos já passados, algo como um eco. Se você for a um local sujeito a ecos e emitir um som alto, terá de volta o mesmo som. Bem, isso é uma ideia muito breve do que é isto, não estritamente acurada, é claro, porque estou tentando lhe explicar no plano tridimensional o que realmente se acha na quarta ou quinta dimensão. Assim, você tem de confiar em seus sentidos quanto a tudo que vir, e o que você observar será realmente de todo correio. — Voltou-se de novo e então disse: Nós já vimos a

formação do mundo; vimos também as primeiras criaturas, hominídeos, serem situadas neste mundo, portanto vamos acionar isto para o próximo estágio.

O aposento ficou às escuras e eu me senti cair. Instintivamente, segurei o braço do lama, e ele passou seu braço em volta de meus ombros.

— Está tudo bem, Lobsang, você não está caindo realmente, ocorre apenas que seu cérebro está se modificando para aceitar o plano quadridimensional.

Então a sensação de queda cessou, e eu me achei parado num mundo nitidamente assustador. Havia ali gigantescos animais, de uma fealdade acima de qualquer coisa que eu já vira antes. Grandes criaturas passaram, voando e ferindo o ar com o som mais odioso, soava como um couro gasto e não encerado, estalando. Aquelas asas mal podiam sustentar o corpo das criaturas que eu via. Mas estas eram movidas e ocasionalmente uma daquelas criaturas descia para colher uma porção de alimento que escapara de algumas das outras criaturas voadoras. Mas uma vez no chão, elas ali ficavam, sendo suas asas insuficientes para elevá-las ao ar de novo. E tais criaturas não dispunham de pernas com que se movimentassem.

Ruídos indescritíveis vieram do pântano à minha esquerda. Eram ruídos espantosos, e me senti muito assustado. E então, muito perto de mim, fora da imundície do pântano, emergiu uma cabeça bem pequena do alto de um vasto pescoço. Este devia ter cerca de seis metros de comprimento, e muitas lutas sob a água ocorreram antes que aquela coisa se arrastasse para terra firme. Ela tinha um corpo arredondado, e uma cauda que se movia de leve para equilibrar os contornos do pescoço e da cabeça.

Mas quando eu estava olhando para aquela coisa, e temeroso de que ela pudesse me avistar, escutei horríveis estrondos e estalos como se alguma coisa enorme estivesse avançando através da floresta e derrubando árvores com a mesma facilidade com que nós

fazemos estalar um pedaço de palha. Eu captei então uma imagem da maior criatura que jamais vira. O lama disse:

— Vamos avançar um século ou dois e saber quando os primeiros seres humanos apareceram.

Tive a impressão de cochilar ou algo parecido porque, quando olhei para o globo de novo. . . não, não. . . claro que não, eu estava sobre o globo, dentro do globo, era parte dele. Mas, fosse como fosse, quando ergui a vista de novo vi algumas criaturas de aspecto horrendo caminhando. Havia seis dessas criaturas, e tinham sobranceiras hirsutas, com um pescoço curtíssimo, e todas carregavam um grande pedaço de árvore como arma, tendo numa das extremidades a empunhadura e na outra um nó de madeira grosso que devia ser mais resistente que a madeira comum de que o tronco era formado. Tais criaturas continuaram a caminhar. Havia uma mulher no grupo, e ela estava dando de mamar a um bebê enquanto caminhava. E eles não produziam nenhum som, conquanto estivessem seguindo ao longo de terreno pantanoso; não se ouvia o ruído de algo chapinhando ou espadanando, simplesmente o mais completo silêncio. Eu os observei sumirem de vista, e então, uma vez mais, tive a impressão de ter cochilado porque quando apurei a vista de novo vi uma maravilhosa cidade. Ela era formada de pedras brilhantes, de cores diferentes, havia pontes de um lado a outro das mas, e também viam-se pássaros mecânicos que voavam cruzando as ruas, com pessoas em seu interior. Essas coisas podiam parar e adejar no ar enquanto as pessoas delas saíam ou entravam. Então, mais que de repente, todo mundo se voltou e olhou no rumo do horizonte distante, acima da cadeia de montanhas. De lá veio um ruído ensurdecido, e logo um grupo inteiro daqueles pássaros mecânicos surgiu e sobrevoou a cidade em círculos. As pessoas se puseram a correr em toda parte. Algumas ficaram de joelhos para rezar, mas os clérigos, observei, não se detiveram para orar, concentraram todas as suas energias em correr. Depois de alguns poucos minutos daquele voo em círculos, portas se abriram no ventre daquelas coisas mecânicas, e caixas metálicas caíram. Os pássaros mecânicos

fecharam as portinholas de seu bojo, e se afastaram a grande velocidade. A cidade ergueu-se no ar, e depois caiu ao solo como poeira, e então ouvimos o ruído do impacto e da concussão, porquanto a vista é muito mais rápida que o ouvido. Escutamos os gritos daquelas pessoas, todas colhidas por vigas ou sepultadas sob o pó. De novo, veio-me a impressão de ter cochilado, só posso descrevê-la assim, porque não tinha consciência de qualquer intervalo entre o que estivera presenciando e o que estava vendo agora. Tratava-se de uma era posterior, e pude ver uma cidade ser construída, uma grande cidade, de beleza insuperável, de uma genuína maestria. As flechas das torres alçavam-se bem alto no céu, e havia delicados arabescos de metal unindo um edifício ao outro. Havia pessoas por ali, pessoas entregues às suas ocupações cotidianas, vendo lojas, comprando e vendendo, paradas nas esquinas e discutindo assuntos diversos. Então ouviu-se um estrondo, um terrível ronco, e um imenso bando daqueles pássaros mecânicos passou sobrevoando em formação, e todas as pessoas riram, deram vivas, e acenaram. Os pássaros mecânicos seguiram em seu caminho imperturbáveis. Cruzaram a cadeia montanhosa, e logo escutamos estrondos e ruídos de baques e soubemos que "nosso lado estava cobrando ao inimigo pelos danos que lhe haviam causado. Mas... os pássaros mecânicos logo estavam retornando, ou não realmente, porque aqueles não eram os "nossos", eram diferentes, alguns sendo de formato diferente, e muitos de cores diversas. E eles sobrevoaram nossa cidade e despejaram suas bombas de novo. Nossa cidade foi varrida por uma tempestade de fogo, este se fez intenso e devastador, e tudo na cidade ardeu em chamas e ruiu. Os delicados rendilhados das pontes tornaram-se rubros e depois brancos, e então se derreteram, e o metal líquido caiu como chuva. Cedo eu me achei numa planície, a única coisa ali, agora. Não havia nenhuma árvore, os lagos artificiais tinham desaparecido, convertidos em vapor, e eu parei ali e olhei a meu redor, e me indaguei: qual era o sentido de tudo aquilo, por que estavam aqueles Jardineiros da Terra guerreando contra outros Jardineiros? Eu não podia encontrar nenhum sentido naquilo, absolutamente.

Então o próprio mundo estremeceu e escureceu. Eu me encontrei sentado numa cadeira ao lado do Lama Mingyar Dondup. Ele estava com a expressão mais triste que eu jamais vira em outra pessoa.

— Lobsang, isto vem acontecendo neste mundo há milhões de anos. Já ouviu pessoas de um grau elevado de cultura, mas de algum modo entraram em contenda com outras, e cada lado ou facção lançou bombas contra a outra facção, e assim somente uns poucos humanos foram poupados, e estes ocultaram-se em cavernas, e dentro de alguns anos se recuperaram para recomeçar uma nova civilização. E essa civilização por seu turno viria a ser destruída, e todas as suas reminiscências seriam mergulhadas fundo no solo pelo arado dos fazendeiros que estavam tentando desenvolver um cultivo numa terra castigada pelos efeitos de duras batalhas.

O lama mostrava-se extremamente triste, e sentou-se apoiando o queixo nas mãos. E disse a seguir:

— Eu posso mostrar-lhe toda a história do mundo, mas isso levaria uma vida inteira. Portanto, só lhe mostrarei alguns flagrantes, como podemos chamá-los, e lhe falarei sobre outros. É realmente uma triste constatação, mas vários tipos de pessoas foram experimentados como colonos deste mundo. Um exemplo disso foi uma raça toda negra, ela surgiu após uma grande agitação. Duas raças brancas tinham estado em litígio para ver quem era a mais poderosa, e, naturalmente, recorreram à guerra. Há sempre guerra, sempre pessoas de maus pensamentos. Se as pessoas acreditassem unicamente num Deus não haveria qualquer desses problemas. Mas essa raça inteiramente negra causou uma terrível mixórdia de eventos no mundo até que por fim alcançaram um grau elevado de civilização, muito além da nossa atual civilização. Mas então duas raças diferentes de gente negra entraram em disputa e ansiaram tremendamente por obter uma arma mais poderosa do que a de seus oponentes. Bem, eles a conseguiram, e de alguma forma o sinal foi dado para lançar essas... bem, essas coisas que se

chamam foguetes, e que causaram tremendos problemas a este mundo. A maioria das pessoas foi eliminada, simplesmente destruída como uma colónia de ferozes formigas que alguém resolver exterminar.

"Sempre há alguns sobreviventes, e assim agora nós temos uma raça branca, uma negra, e uma amarela. Em certo tempo houve uma raça verde. Naqueles tempos as pessoas viviam centenas de anos porque suas "células-memória" eram capazes de reproduzir células já mortas com exatidão. Foi somente a partir do momento em que as células perderam sua capacidade de reprodução acurada que nós passamos a ter um tempo de vida tão curto. Mas numa das guerras ocorreram poderosas explosões, e a maior parte da cobertura da terra feita por nuvens foi levada para longe, expulsa no espaço, e a luz solar veio a afluir com todos os seus raios letais. E ao invés das pessoas viverem setecentos ou oitocentos anos, seu ciclo normal de vida reduziu-se a apenas cerca de setenta anos.

"O sol não é o provedor benevolente e gentil da luz solar, etc. etc. Ele envia raios que causam danos às pessoas.

Você pode ver por si mesmo que nas pessoas expostas à luz solar muito tempo sua pele se torna escura. Assim, se fosse benéfico desfrutar dos raios solares, então a natureza não necessitaria fabricar um escudo contra a luz solar. Mas os raios, ultravioleta, e outros, afeiam os humanos e os tornam piores, e os dois grupos de Jardineiros da Terra tornaram-se mesmo mais ferozes. Uma das facções era boa e desejava ver a raça humana desenvolver-se fecundamente e praticar o bem; em vez disso, as pessoas expostas a um excesso de luz solar passaram a contrair a tuberculose ou o câncer. Todas as áreas populacionais do mundo foram presa de enfermidades, doenças de pele de várias formas, e tais males eram insidiosos, não havia cura para os mesmos. Afinal de contas esses raios podiam penetrar em muitos metros de rocha, e era inútil para os habitantes do mundo viverem em casas porque os raios ainda podiam alcançá-los.

"Há um velho rifão que diz que havia gigantes naqueles dias. Sim, isto é verdade. Os gigantes eram um grupo dos Jardineiros da Terra. Eles tinham o dobro ou o triplo da altura mediana dos seres humanos, e eram lentos no andar, de algum modo letárgicos, e não apreciavam trabalhar. Eles tentaram voltar para a sua base-lar, mas quando fizeram tal tentativa verificaram que tinha havido problemas sérios no seu lar. Um grupo de Jardineiros era bom e dispunha de um bom líder, mas a outra facção era má. Eles se esmeraram em iniquidades de todo tipo, e eram imunes aos apelos daqueles que ansiavam por um mundo pacífico dotado de uma duração de vida mais benéfica.

"Esses bons Jardineiros viram como era inútil permanecer em sua base-lar, assim reabasteceram suas naves e instalaram novos depósitos de combustível, e decotaram de novo rumo à Terra.

"Suas naves podiam viajar mais rápido que a luz. Elas podiam viajar tão depressa que nenhum ser humano podia controlá-las, e as naves tinham que ser operadas através de uma forma de computador que dispunha de uma proteção especial para esquivar-se a meteoritos, ou outro tipo de obstrução. De outro modo, sem esses protetores, as naves teriam sido crivadas de meteoritos ou poeira cósmica, resultando, é claro, em perda de ar e na morte de todos a bordo.

"Por fim, eles voltaram à Terra e verificaram que outra guerra estava em desenvolvimento. O lado errado a parte ruim dos Jardineiros da Terra se misturara demasiado livremente com o povo da Terra, e lhe ensinara muitos de seus segredos. E desde aí o mundo tem-se tornado cada vez pior, e haverá uma nova guerra mundial na qual muitas pessoas morrerão. Muitas mais irão esconder-se no interior de cavernas ou nas fendas de uma alta montanha. Elas foram instruídas por seus Sábios sobre tudo o que estava por acontecer, assim se apegaram ao ponto de vista de que não havia sentido em viver uma boa vida quando, em uns poucos anos, talvez a própria Terra seria destruída. E nós estamos perigosamente próximos dessa ocasião agora.

Eu ouvi atentamente toda essa dissertação, e então disse:

— O astrólogo-chefe tem-me ensinado que eu irei ter uma vida terrível, uma vida angustiada. Ora, como é que isso irá ser de ajuda para o mundo? E o lama retrucou:

— Sim, tudo que o astrólogo-chefe disse irá ocorrer, e é verdade que você irá enfrentar tempos realmente muito ruins, com a oposição de todos a você. Mas lembre-se sempre de que irá ter êxito no que estiver fazendo, e quando deixar este mundo você não será encerrado no astral, irá para um lugar mais elevado. E, naturalmente, você nunca retornará à Terra. Não estou certo de que já é tempo ainda de lhe dizer todas as coisas que irão acontecer aqui, mas vamos observar alguns dos acontecimentos do passado. Acho, contudo, que primeiramente devemos alimentar-nos porque essas percepções pictóricas tridimensionais cansam uma pessoa e a levam a esquecer o tempo.

E na realidade logo comíamos a nossa nativa tsampa, acompanhada de goles d'água fria. E depois o lama disse:

— Você terá que se acostumar com uma comida diferente, porquanto em outras partes do mundo nada se conhece sobre a tsampa, lá eles dispõem de alimentos que são pré-cozidos, depois enlatados, e enquanto a lata é mantida hermeticamente fechada tal alimento é comestível, não importando quanto tempo se demore para comê-lo. Mas, naturalmente, é necessário também conservar as latas numa temperatura fresca, isto evita sua deterioração. Atualmente, no Ocidente, eles usam o que chamam de refrigeradores. São como grandes caixas cheias de gelo que fica em tomo das latas de conserva, e de tantos em tantos dias essas "caixas" têm de ser abertas para se ver a quantidade de gelo que derreteu. Se houve um grande derretimento, aí então o depósito inteiro tem que ser reabastecido de gelo. Podemos sempre nos certificar, contudo, de que tais alimentos se estragaram porque, nesse caso, as latas estufam indicando que houve uma pressão do gás, o gás revelador dá decomposição. E então tem-se que jogar fora tais latas, pois se as usarmos ficaremos intoxicados.

"Agora, vamos limpar nossas gamelas, e então iremos espiar de novo este mundo de que fazemos parte. O lama ergueu-se e raspou os resíduos deixados pela tsampa na gamela, e a seguir foi até onde estava uma pilha de areia, encheu uma das mãos com a mesma, e acabou de limpar sua tigela. Eu o imitei, pensando que tarefa desagradável era a de ter que limpar pratos constantemente. E me perguntei por que ninguém tinha inventado ainda algo para conter a comida e ser depois descartado quando finda a refeição. Pensei em todos os monges e em todos os lamas às voltas com suas mãos cheias de areia fina, mas isso, devem saber, é muito mais saudável do que lavar uma tigela de madeira. Se você tiver comido algo gorduroso então, obviamente, a substância iria vazar da gamela de madeira. E suponhamos que você tenha posto algum suco de frutas delicioso em sua tigela de madeira; você come a fruta e um pouco do suco permanece ao fundo da gamela; e se você for lavá-la, aí então estará saturando a madeira e permitindo que o suco nela se entranhe. Não, até que descubram um novo sistema, um bocado de areia fina é muito melhor do que água.

— Há quanto tempo o senhor crê que este mundo tem sido o que é?

O lama sorriu e disse:

— Bem, você já viu parte dele, e eu acho que devemos ver um pouco mais do mundo, em seu passado, presente e futuro, não acha?

Caminhamos vagorosamente até o grande saguão ou quarto onde o simulacro do mundo estava à espera de ser usado.

— Lobsang, você sabe que nós todos nos inclinamos a pensar que este mundo é para todo o sempre, e no entanto este universo está sendo realmente destruído agora. Tem sido estabelecido de modo definitivo que todos os mundos são desdobrados uns dos outros. Bem, o melhor meio de explicar realmente isso é lhe dizendo de novo que o tempo neste mundo é algo inteiramente artificial. O tempo real é formado por espaço-tempo, e você deve lembrar-se

daqueles fósforos de cabeça grande que podem ser acesos ao vento. E que podem ser riscados em alguma superfície áspera e então explodem em chamas. Bem, se você é um deus do espaço, o nascimento, a vida e a morte deste mundo, ou de qualquer outro, devem assemelhar-se ao ato de acender tal fósforo. Primeiro, há o calor gerado pela fricção da cabeça do fósforo contra algo áspero. Então a cabeça do fósforo se acende numa chama viva, e a seguir esta chama se extingue e você tem agora apenas a ponta em brasa do fósforo que rapidamente se esfria para converter-se simplesmente numa massa negra queimada. A Terra é assim, e todos os outros planetas. Para nós que vivemos na Terra, ela nos parece eterna, mas suponhamos que você conte com uma pessoa diminuta, tão diminuta que possa ser colocada sobre a cabeça do fósforo assim que este se resfria, bem, essa criatura pensaria estar vivendo num mundo que iria existir para todo o sempre. Você está acompanhando o meu raciocínio?

— Sim, senhor, estou. Isso me foi dito por um lama que tinha frequentado um curso superior na Alemanha, e ele me disse que um fósforo desse tipo fornece uma analogia adequada ao caso. Ele usou quase as mesmas palavras que o senhor, mas acrescentou que após vários milhões de anos a cabeça do fósforo, ou o mundo, alcançaria cerca de vinte milhões de graus Fahrenheit porque se necessita de uma certa temperatura antes que o hidrogénio da atmosfera possa ser convertido em carvão, oxigénio e vários outros elementos. Todos esses elementos são necessários na formação de um mundo. Ele me disse, também, que antes do seu fim o globo, que é o mundo, se dilata.

— Sim, isto é absolutamente certo. Você tem de recordar que no mundo ocidental eles não conhecem essas coisas porque não dispõem de nada como o que nós temos aqui. Temos aqui realmente os instrumentos que supercientistas de há um bilhão de anos, talvez, construíram e para durarem um bilhão de anos ou mais. Estas máquinas aqui permaneceram através de centenas, milhares de séculos, até que alguém viesse, alguém que soubesse como fazê-las funcionar. Eu sei como elas operam, Lobsang, e vou

ensinar-lhe seu manejo, e você irá ter uma vida de adversidades assim que souber como o mundo é realmente. E por causa dos ensinamentos que levará de volta a Patra, pode torná-los mais acessíveis a outros mundos.

— Mas, senhor, eu o ouvi pronunciar a palavra "Patra", mas não sei de nenhum mundo com esta denominação.

— Não, eu sei disso, mas você irá conhecê-lo em breve. Eu irei mostrar-lhe a localização de Paira neste mundo, mas há muitas coisas a serem vistas primeiro, e tenho sempre constatado ser inútil dispor de um instrumento que produzisse resultados previsíveis, mas então, se o operador não soubesse como manejar a máquina e como o resultado final foi obtido, aí ele seria realmente um operador muito inapto. Nenhum instrumento pode ser usado a menos que o provável operador possa fazer as coisas para a execução das quais o aparelho em questão foi fabricado.

Nos alcançamos o aposento, que poderia ser chamado de saguão, por causa de seu tamanho, mas como quer que o chamemos, nele entramos. Imediatamente surgiu um leve fulgor e vimos a aurora começar a se converter na luz de um novo dia. Era uma forma diferente de alvorecer que podíamos ver, porque, agora, todas essas esplêndidas cores que nos presenciávamos ao nascer do sol e ao crepúsculo são meramente reflexos da poluição da atmosfera. Naqueles tempos a poluição era alimento para a Terra, alimento para o solo sendo depositado sobre este pelos vulcões, e foram esses vulcões que deram aos mares seu teor de sal. Sem o sal ninguém pode viver.

Nós nos sentamos naquela coisa feito uma mesa de comando, e o Lama Mingyar Dondup disse: Vamos observar alguns detalhes colhidos ao acaso. Dispomos de todo o tempo de que necessitamos e lá na lamaseria provavelmente estarão contentes por nos acharmos fora de seu caminho, especialmente você, seu jovem endiabrado, que costuma jogar coisas na calva das pessoas. Mas, nos antigos tempos, os animais, a primeira forma de vida sobre a Terra, eram criaturas estranhas, na verdade. Por exemplo, o

broncossauro foi provavelmente a mais estranha criatura jamais vista na face da Terra. Há uma série de coisas esquisitas assim. Por exemplo, o ultrassauro era um animal muito peculiar. Devia possuir uma pressão sanguínea muito alta porquanto sua cabeça podia elevar-se a quase vinte metros no ar, e além disso aquele animal pesava cerca de oitenta toneladas, e possuía dois cérebros; um, na cabeça comandava os movimentos das mandíbulas e das pernas dianteiras, e o outro em seu traseiro, isto é, exatamente atrás da pélvis, fazia movimentar a cauda e as pernas traseiras. Isso me faz lembrar uma pergunta que já me foi feita "Que acontece se uma centopeia embaraça suas perninhas ao descer um degrau?" Bem, eis aí uma pergunta que eu não poderia responder com exatidão. Posso dizer apenas que talvez a centopeia seja vigiada por outra criatura especial que atente para que ela não cruze as perninhas ao descer.

"Bem, Lobsang, o que iremos ver agora? Dispomos de bastante tempo e assim pode me dizer o que mais deseja ver.

Pensei por alguns instantes, então respondi: — Aquele lama japonês que esteve conosco algum tempo contou-nos uma porção de coisas singulares, e ainda hoje não sei se devo acreditar nele ou não. Ele nos disse que o mundo era outrora muito quente, e então, num repente, ele se tornou muito frio e a superfície do universo foi coberta pelo gelo. Podemos ver isso?

— Sim, claro que podemos. Não há nenhuma dificuldade, de modo algum. Mas, você sabe, isso já ocorreu várias vezes. Compreenda, o mundo já existe há bilhões de anos e a cada certo número de milhões de anos há uma era glacial. No Polo Norte, por exemplo, há agora na água uma camada de gelo com a profundidade de 1.850 metros, e se todo o gelo se derretesse, e os icebergs também se dissolvessem, todo mundo sobre a Terra se afogaria porquanto a terra seria inundada... bem, exceto quanto a nós, no Tibete, pois estaríamos numa altitude muito elevada para que a água nos alcançasse.

O lama voltou-se para a mesa de controle, ergueu a vista na direção de uma coluna inteira de algarismos, e então a luz no grande saguão, ou quarto, se preferirem chamá-lo assim, ofuscou-se. Por alguns segundos ficamos imersos na escuridão e logo surgiu um foco luminoso, avermelhado, muito singular, e dos dois polos, o do Norte e o do Sul, brotaram faixas de luz diversificadas.

— Isto é a aurora boreal, ou a aura do mundo. Nós podemos vê-la porque, embora pareçamos estar na Terra, estamos longe desse fenômeno, e eis porque a vemos.

A luz tornou-se mais brilhante, deslumbrante, tão brilhante que tivemos que apreciá-la através de nossos olhos quase, fechados.

- Onde está o Tibete? perguntei.

- Nós nos encontramos sobre ele, Lobsang, estamos nele. Tudo que você está vendo agora ali abaixo é gelo. Eu estava olhando para aquele gelo me perguntando o que poderia ser, porquanto... bem, havia gelo verde, gelo azul, e o que eu via ali era absolutamente transparente, tanto como a mais clara das águas. Eu não podia entender isso, assim disse:

— Eu já vi o bastante disso, que é uma visão muito lúgubre.

O lama riu e voltou a manejar aquelas coisas do painel de controle, e aí o mundo girou e vibrou por causa da velocidade da rotação. Então passou a rodar tão depressa que tudo ficou cinzento, não havia nem escuridão nem qualquer luminosidade, somente aquela imagem acinzentada, e logo o globo passou a girar lentamente, e por fim nos achamos visualizando o que era uma grande e fantástica cidade. Era uma cidade edificada pouco antes do advento dos sumerianos. Fora construída por uma raça de cuja existência agora já não havia nenhum relato escrito, nada registrado sobre ela na História, e, de fato, havia somente uma menção remotíssima relativa aos sumerianos nos livros de História. Mas eles surgiram: como conquistadores e assaltaram, saquearam e devastaram a cidade, e após tê-la reduzido a uma condição em que não havia mais pedra sobre pedra, foram embora e—de acordo com os livros de História — deslocaram-se para alguma parte e sobre

eles nenhum vestígio foi jamais descoberto. Não, claro que não, porque eles se afastaram daquela cidade e depois deixaram a Terra em gigantescas espaçonaves. Eu não podia entender por que aquela gente podia ser tão selvagem a ponto de surgirem e simplesmente arrasarem uma cidade — bem, aparentemente para seu entretenimento. Naturalmente que eles levaram prisioneiras muitas mulheres e isto pode ter sido um motivo provável de sua ação agressiva.

Então me ocorreu à mente que estava presenciando algo que podia modificar toda a história do género humano. E disse:

— Mestre, tenho estado observando todas essas coisas, atento a essas invenções realmente maravilhosas, mas parece que somente bem poucas pessoas delas têm conhecimento. Ora, com toda certeza se todos as conhecessem nós poderíamos chegar a uma época quando haveria paz no mundo inteiro, porque cessaria a motivação de uma contenda assim que tudo pudesse ser conhecido através desses instrumentos ou máquinas que há aqui.

— Não, Lobsang, isso não é assim, positivamente não

é. Se houvesse qualquer informação de que as pessoas tivessem conhecimento disto, aí então financistas desonestos aqui irromperiam com seus guarda-costas armados e iriam se apossar de tudo isto e matar todos entre nós que conhecêssemos tais máquinas. E depois, eles usariam esses instrumentos para controlar o mundo. Pense bem nisso. Um capitalista inescrupuloso tomando-se o imperador do mundo, e todos os outros humanos convertidos em seus escravos. — Bem, eu não consigo compreender a atitude das pessoas porque nós sabemos que o Tibete será invadido pelos chineses, e sabemos que eles virão para levar todos os livros aqui, guardados, para estudá-los. O que os impedirá então de capturarem o mundo?

— Lobsang, meu caro amigo, você deve ser muito, mas muito ingênuo, fraco da cabeça ou algo assim. Não está pensando que iremos deixar que quaisquer conquistadores se apossassem de coisas como essas, está? Para começo de conversa, nós temos

dlítáieafás_ahsQ lutamente fiéis dessas obras exatamente no alto Ártico, onde os homens mal conseguem mover-se devido ao frio. Mas no interior de cadeias de montanhas tudo se mostra quente, pacífico e confortável, e nós tínhamos os olhos abertos sobre o mundo, pudemos simplesmente ver o que estava acontecendo, e se fosse necessário poderíamos tomar alguma providência. Mas este material aqui — fez um gesto largo com as mãos abarcando o que nos rodeava — tudo isto será destruído, detonado, e mesmo armadilhas explosivas serão montadas. Primeiro os ingleses e os russos tentarão capturar o Tibete, mas fracassarão, certamente que causarão uma terrível mortandade, mas sua tentativa de conquista fracassará. Mas eles darão aos chineses uma ideia de como estes poderão ter êxito, e os chineses virão e conquistarão então o Tibete, isto é, parte dele. Mas ainda assim não obterão nenhuma dessas máquinas, não conseguirão nenhum dos livros sagrados ou das obras médicas, porquanto nós já sabíamos dessa invasão há anos, na realidade há séculos, e falsos livros foram preparados e estão prontos para serem postos no lugar dos outros iam logo os chineses iniciem sua invasão. A profecia, como você sabe, diz que o Tibete irá sobreviver até que motores venham ter a este país, e quando veículos motorizados chegarem ao Tibete isto será o fim de nossa terra. Portanto, não tema, todos os nossos tesouros, toda a nossa ciência armazenada a partir de alguns milhões de anos passados estão guardados em segurança. Conheço o lugar onde se acham escondidos, pois já estive lá. E você, também, irá conhecer a sua localização porquanto está lhe será mostrada. Eu serei morto ainda em seu período de vida, na realidade antes que você deixe-o Tibete, e você será um dos raros homens que poderá manejar essas máquinas e saber como servir-se delas.

— Santo Deus, senhor, aprender como utilizar essas máquinas levaria vários períodos da vida.

—Não, você irá aprender que elas são auto-reparáveis. Você precisa, apenas, efetuar umas poucas manipulações e a máquina, ou melhor, outras máquinas consertarão a que estiver defeituosa. Saiba que essas máquinas não terão muito mais tempo de

existência, porquanto surgindo dentro de uns poucos anos, em 1985, certas circunstâncias mudarão e haverá uma terceira Guerra Mundial que irá prolongar-se muito, e após o ano 2000 haverá muitas mudanças, muitas realmente, algumas para melhor, outras para pior. Nós somos capazes de observar isso através do Registro Akashic de Probabilidade. Ora, como você sabe, o homem não está sobre trilhos, incapaz de desviar-se de um determinado caminho. O homem goza de livre escolha dentro de certos limites, limites estes fixados pelo signo astrológico pessoal. Mas nós podemos ver com muita precisão o que acontece a um país, e isto é o que cedo estaremos fazendo, porque eu desejo que você veja algumas das maravilhas do mundo. Vamos entrar em sintonia com diferentes situações, e épocas diferentes.

— Mas, senhor, como lhe é possível sintonizar sons e imagens, e tudo mais, que já ocorreram há longo tempo?

Quando uma coisa ocorre está tudo feito e acabado.

— Não, Lobsang, não é assim. A matéria é indestrutível, e as impressões do que nós dizemos ou fazemos saem de nós e circulam o universo, e tomam a circular. Com esta grande máquina nós podemos recuar até cerca de dois bilhões de anos. Refuta que com dois bilhões de anos a imagem torna-se um pouco nebulosa, mas ainda assim com brilho suficiente para verificarmos do que se trata.

— Bem, eu não posso entender como alguém consegue captar imagens e sons do nada.

— Lobsang, em poucos anos haverá algo chamado rádio. Está sendo inventado agora, e com isso uma pessoa pode captar o que será chamado programas de rádio, e se o receptor for bem suficiente você pode fazer captações de qualquer transmissor do mundo, e mais tarde as pessoas irão dispor dessas caixas de sons que podem emitir imagens. Tudo isso já foi feito anteriormente, mas, quando uma civilização sucede a outra, algumas vezes as mesmas coisas são reinventadas. Certas vezes ocorre uma versão

aperfeiçoada, mas neste caso, aparentemente, a coisa chamada de rádio está trazendo um bocado de problemas porque a informação tinha que ser trazida do mundo astral por cientistas que pensam que eles o inventaram. Mas, seja como for, dou-lhe a minha palavra de que iremos prosseguir e ver o que está por acontecer no mundo. Infelizmente nosso limite de alcance perceptivo será de três mil anos, além do que não poderemos em definitivo alcançar, pois aí nossas imagens se tornam nebulosas demais, demasiado confusas para que possamos decifrá-las. Mas você irá conhecer uma grande dose de padecimentos e uma série de viagens, e irá ser vítima de várias pessoas inescrupulosas que não apreciarão o que você está fazendo e tentarão denegrir sua reputação. Nesta máquina, dentro dos próximos dias, você estará vendo as cenas relevantes de sua carreira. Mas vamos simplesmente observar agora algumas incidências passadas sintonizando ao acaso esta máquina. Agora, preste atenção, aqui estão acontecimentos importantes desenrolados num lugar chamado Egito.

O lama ajustou vários controles, e nós vimos a escuridão, e no horizonte, delineando-se nessas sombras alguns triângulos negros. Isto não fazia nenhum sentido para mim, assim o lama aos poucos regulou o controle e o mundo aos poucos também ingressou na luz do dia. E o lama disse:

— Veja, isto é a construção das Pirâmides. As pessoas irão maravilhar-se mais tarde, perguntando-se como esses grandes blocos de pedra foram movidos sem auxílio de maquinaria alguma. Eles foram movidos por levitação.

— Sim, senhor. Eu tenho ouvido falar bastante acerca da levitação, mas não tenho a menor ideia de como se processa.

— Bem, como sabe, o mundo possui uma atração magnética. Se você lança uma coisa no ar o magnetismo terrestre a impele para baixo de novo. Se você cai de uma árvore o faz para baixo, não para cima, porque o magnetismo terrestre é tal que você tem que cair na Terra. Mas nós temos uma coisa que é antimagnética para a Terra, temos que mantê-la sob guarda cuidadosamente o

tempo todo porque se uma pessoa não instruída se apossar de um exemplar dessa coisa poderia achar que tinha flutuado exatamente fora da Terra. A queda então se processa para o alto. Como nós a controlamos se deve ao fato de ter duas grades, ou lâminas metálicas, uma sintonizada com o magnetismo da Terra, a outra oposta a este mesmo magnetismo. Ora, quando os polos do circuito se acham numa certa posição as grades flutuarão, elas não se erguerão nem descerão. Mas se você impulsionar uma alavanca que altere a conexão das grades metálicas uma com a outra, então numa direção a alavanca torna o magnetismo terrestre mais forte e, assim, a máquina vem afundar na Terra. Mas se nós desejarmos erguê-la, então impulsionamos a alavanca de outro modo para que assim o antimagnetismo surta efeito e a Terra venha a repeli-la em vez de atraí-la, e portanto nós possamos erguê-la no ar. É esta a coisa que os deuses usavam quando eles estavam fazendo este mundo tal como é agora. Um homem podia erguer esses blocos de pedra de centenas de toneladas e dispô-los na posição certa sem esforço, e então, quando o bloco estava na posição desejada, a corrente magnética era desligada e o bloco se encaixava no lugar exato graças ao impulso gravitativo terrestre. Eis aí como as Pirâmides foram construídas, eis como muitas coisas estranhas, em número incontável, foram edificadas. Temos, por exemplo, mapas da Terra de vários séculos, e nós somos o único povo que possui esses mapas porque apenas nós temos esses dispositivos e têm sido usados para cartografar o mundo com exatidão. Mas este não é o momento para debater este ou outros assuntos. Acho que agora devemos comer alguma coisa, e a seguir examinaremos minhas pernas. E depois disso feito iremos dormir, porque o alvor de um novo dia se aproxima, um dia que você nunca viu antes.

Capítulo 8

— Lobsang! Venha, é hora de sua aula. Minha mente retornou a uma outra aula. Acontecera no Potala. Eu estivera ausente alguns dias na companhia do Lama Mingyar Dondup, e então, no nosso regresso ao Potala, ele me disse:

— Bem, as aulas já começaram esta tarde, assim será melhor você ir para sua classe agora.

Eu assenti um tanto desanimado e caminhei na direção da sala de aula. O lama-professor ergueu a vista e então uma expressão de zanga desenhou-se em seu rosto. Ele me apontou seu dedo e gritou:

— Fora! Fora! Eu não quero ter você em minha turma. Assim, como nada mais havia a fazer, eu dei meia-volta e saí. Alguns dos outros chelas se puseram a rir baixinho e o professor acercou-se deles com sua vara de castigo fustigando o ar.

Fui para o que nós chamávamos nosso pátio de recreio e ociosamente me pus a arrastar os pés no chão. O Lama Mingyar Dondup contornava um ângulo do pátio e me viu.

Acercou-se de mim e disse:

— Pensei que você tinha ido para a sala de aula. — Eu fui, senhor, mas o professor ficou furioso comigo e me ordenou sair, e disse que não havia mais lugar para mim em suas turmas.

— Oh, ele disse isso? Venha, nós vamos ver juntos o que está havendo.

Caminhamos lado a lado ao longo do corredor. O chão estava todo escorregadio por causa da gordura de manteiga derretida que caíra de nossos lampiões, a manteiga caída no piso endurecera com o frio e aquele lugar detestável se parecia às vezes com um rinque de patinação. Mas nós avançamos juntos pelo corredor, chegamos à sala de aula, e entramos. O lama-professor estava furioso, fustigando com sua vara de marmelo, ao acaso, os seus

alunos. Quando viu ali o Lama Mingyar Dondup ficou muito pálido, sobressaltou-se e voltou a seu estrado.

— Qual é o problema aqui? — indagou o Lama Mingyar Dondup.

— Não há nenhum problema aqui, exceto que esse rapaz — apontou para mim — sempre perturba a aula. Nós não sabemos se ele está mesmo na sala ou propenso a sair dela, e eu não desejo ter um aluno assim. — Oh, então o caso é esse, hem? Pois este rapaz, Lobsang Rampa, acha-se sob as ordens especiais do Grande Décimo Terceiro, e o senhor irá acatar essas ordens tal como eu faço. Venha comigo, nós vamos ver o Grande Décimo Terceiro agora. — E o Lama Mingyar Dondup deu meia-volta e se retirou da sala de aula, com o lama-professor seguindo-o submisso, ainda segurando sua vara de castigo:

— Oh, meu Deus! — exclamou um rapazinho. — Já imagino o que irá acontecer agora. Pensei que ele estava ficando louco. Deu varadas em todos nós e você pode ver as marcas em nossos rostos. Eu imagino o que vai acontecer agora.

Meu colega não teve que aguardar muito, porque logo depois o Lama Mingyar Dondup aparecia, agora acompanhado por um jovem lama, simpático, de ar solícito. O Lama Mingyar Dondup nos apresentou com ar solene o recém-chegado, e disse:

- Ele irá ser seu professor de agora em diante, e eu conto com uma grande melhoria no comportamento da classe e nos seus estudos. Voltou-se para o novo professor, dizendo: Lobsang Rampa está sob ordens especiais. Algumas vezes ele terá que se ausentar desta classe por uns dias. Você fará o melhor possível para ajudá-lo a recuperar esses dias perdidos de aula.

Os dois lamas trocaram uma solene saudação, e Mingyar Dondup retirou-se.

Eu não podia entender por que a lembrança de tais cenas me acudira de repente à mente, mas aí ouvi a voz do lama trazendo-me à realidade:

- Ei, Lobsang, acho que não ouviu uma palavra do que eu disse, ouviu?
- Não, senhor, eu estava pensando naquela ocasião quando fui expulso da sala de aula, e estava justamente me perguntando como um lama como aquele podia ser professor.
- Oh, bem, você encontra pessoas boas e outras más. E eu suponho que daquela vez contamos com uma de má índole. Mas não se preocupe, tudo foi resolvido. Podemos dizer agora que eu sou seu guardião. Eu não sei se tenho que levar você por uma coleira ou uma trela, ou o que seja, mas sou seu guia, e digo-lhe o que acontece e nenhum outro professor pode fazê-lo.

O lama sorriu para mim assim que eu esbocei um sorriso bem aberto. Eu podia aprender com Mingyar Dondup. Ele não se prendia a regulamentos, mas nos dizia coisas acerca do grande mundo exterior pelo qual tinha viajado tanto.

— Bem, Lobsang, nós faremos melhor em começarmos o estágio elementar porque você terá que ensinar a pessoas do grande mundo exterior, e conquanto já saiba provavelmente toda essa primeira parte da qual irei lhe falar, tal repetição não irá incomodá-lo. Poderá mesmo ampliar um tanto seus conhecimentos.

O modo como ele falou resultou num elogio, e eu resolvi de novo ser um motivo de satisfação para ele. Se eu fui bem-sucedido ou fracassei somente o tempo dirá, quando voltarmos para Paira.

— Vamos imaginar um corpo vivo — disse então o lama. — A pessoa se deita e mergulha no sono, e então sua forma astral emergirá desse corpo e irá viajar a algum lugar; se a pessoa adormecida é sofrivelmente evoluída, despertará pensando que teve um sonho e nada mais. Mas quando contamos com uma pessoa instruída, ela pode aparentemente estar profundamente adormecida, enquanto durante todo o tempo se acha na verdade fazendo uma viagem astral controlada e se acha ainda consciente do que está acontecendo próximo de seu corpo físico. Ela sairá desse corpo e viajará para onde deseje, aonde quer que tenha sido instruída a ir. Você pode viajar a qualquer parte do mundo por meio dessa viagem

astral, e se se exercitar, poderá recordar todas as coisas particulares que aconteceram quando retornar a seu envoltório corpóreo.

"Quando uma pessoa morre, isso se dá porque a personalidade astral deseja libertar-se do invólucro carnal. Talvez esse corpo esteja incapacitado e não funcione mais adequadamente, ou talvez tenha aprendido tudo que necessitava aprender naquela encarnação particular, porquanto as pessoas retornam à Terra de tempos em tempos até que suas lições sejam aprendidas. Você e eu somos diferentes porque somos de um ponto além do astral, nós procedemos de Paira, de que iremos tratar um pouco mais tarde.

"Quando a forma astral se acha inteiramente liberta do corpo físico e o Cordão de Prata é cortado e a Taça Dourada partida, então a entidade que se achava naquele corpo está livre para mover-se, livre para realizar mais ou menos o que deseja fazer. E então, após certo tempo, ela se acha cansada de... bem, de apenas seguir ao acaso, e aí consulta uma divisão especial do Governo cuja única tarefa é aconselhar as criaturas astrais quanto ao que deverá ser melhor para elas, se podem permanecer no astral e aprender um pouco mais ali, ou devem ir de volta à Terra em circunstâncias diferentes para que assim possam aprender os duros caminhos da vida. Você sabe, quando as pessoas estão no estágio da Personalidade Superior — oh, é longo o caminho até lá, de onde você ainda se encontra agora, Lobsang aí então elas não podem experimentar pena, e as pessoas aprendem mais depressa por meio do sofrimento do que pela bondade. Assim, talvez seja programado que tal ser deva voltar à Terra com anseio de matar, ele nascerá de pais que com mais probabilidade lhe darão a oportunidade de matar alguém. Ora, sua missão é a de lutar contra seu desejo não inato de matar, e se no decorrer de sua vida não chegar a matar outra pessoa, então essa vida terá sido um sucesso completo. Ele está aprendendo a controlar-se, e nesse caso será capaz de contar com um repouso no astral, e depois, uma vez mais, irá contatar com o Comité Supremo de Conselheiros para saber qual a próxima missão que esperam que ele execute. Pode, por exemplo, ser propenso a

tornar-se um grande missionário, ensinando porém coisas erradas. Bem, de novo o vemos nascer de pais que podem dar-lhe a oportunidade de ser um missionário, e então tudo irá depender de quão satisfatório ele se mostre nesse trabalho, e se compreender que está ensinando as coisas erradas, aí então tal pessoa pode mudar e colher muitos benefícios dessa mudança. Pode, por exemplo, compreender que não pode ocorrer o nascimento de um novo ser de forma imaculada, a menos que o nascituro seja do sexo feminino. Sob certas circunstâncias, as mulheres podem gerar crianças sem a ajuda, sem dúvida agradável, de um homem, mas em todas essas ocasiões a criança assim nascida será do sexo feminino. Se ela crescer e se casar e tiver um bebê, então este poderá ser uma mulher ou um homem fraco, doentio. Nunca se terá uma pessoa preponderante se esta não for gerada com a ajuda de um homem. "No astral as pessoas podem observar seus erros e talvez fazer algo para superar o mal que hajam feito a outras pessoas. Você sabe, Lobsang, que na Terra toda pessoa tem de viver segundo o ciclo completo do Zodíaco e de todos os quadrantes zodiacais também porque a conformação astrológica de uma pessoa tem uma grande influência sobre o modo como ela se desenvolve e em sua posição na vida. Uma pessoa de Aries, por exemplo, pode nascer e ser um açougueiro bem-sucedido, mas se seus pais possuem um status mais elevado, ele pode tornar-se um cirurgião afortunado; como sabe, não há muita diferença entre ambos. Já me disseram que um leitão e um ser humano têm um sabor quase igual, mas eu nunca experimentei comer a carne de um ou de outro e nem pretendo fazê-lo. Refleti sobre isso por instantes e então disse: Mestre, isso quer significar que nós temos de viver segundo cada signo do Zodíaco, Marte, Vénus e todos os outros, e depois viver mediante o mesmo signo astrológico do Sol com todos os diferentes quadrantes? Bem, sim, claro que é assim. A diferença que é processada por cada quadrante é quase inacreditável, porque se temos um signo solar forte, então a primeira parte do quadrante conterà não só o signo do Sol mas também fortes indicações do signo anterior. Ao passo que no centro dos quadrantes o signo do Sol irá ser a influência predominante, e então, enquanto se progride

através desse signo, quando chegamos à última parte do quadrante as indicações se tornam muito fortes para o próximo signo da carta astrológica. Estou lhe dizendo tudo isso porque você pode ter de explicar coisas como essas às pessoas no futuro. Portanto, toda pessoa vive segundo cada parte do Zodíaco, não necessariamente na mesma ordem, mas naquela ordenação que as capacita a tirar o máximo proveito das coisas que devem ser aprendidas. Mestre, eu fui advertido de que terei uma vida inteira repleta de sofrimentos e percalços, etc. etc. Bem, por que terá que haver tantos sofrimentos?

O Lama Mingyar Dondup se pôs a olhar para seus pés por curtos instantes e então disse:

Você tem realmente uma grande tarefa a cumprir, uma nobre missão, e irá descobrir que pessoas que não têm nobreza de sentimentos tentarão impedi-lo de obter êxito, e elas irão recorrer a qualquer tipo de ardil mesquinho para evitar que você seja bem-sucedido. Como sabe, as pessoas alimentam inveja, elas fazem ou escrevem coisas ruins, ou desvirtuam algo que reconhecidamente era de longe melhor do que um livro de ilustração e que era, antes de você se entregar à sua missão, um paradigma indiscutível. Bem, eu sei que o que digo pode soar meio confuso, mas é assim na realidade. Você terá que contar com uma terrível dose de inveja e você, pobre alma, conhecerá uma série de problemas causados por mulheres, não mediante suas atividades sexuais com elas, mas a mulher de alguém irá mostrar-se cativante com você, e seu marido, não entendendo isso, ficará terrivelmente ciumento. E depois outras mulheres se sentirão enciumadas e frustradas porque sorrirão para você que não irá retribuir-lhes esses sorrisos. Oh, Lobsang, cuidado com as mulheres. Eu o tive a vida toda e posso falar com conhecimento de causa.

Sentei-me imerso num sombrio silêncio refletindo sobre meu terrível destino, e então o lama disse: Anime-se, eu sei que você nada conhece sobre as mulheres, mas cedo terá uma oportunidade de examinar seus corpos, interna e externamente, porque quando sair daqui para ir para Chungking, dentro de uns poucos anos, você

verá corpos já sem vida, de homens e mulheres, nas salas de dissecação. De início você se sentirá com o estômago revolvido, mas não importa, dois dias depois já estará de todo acostumado a tal espetáculo e, de acordo com o Registro de Probabilidades, você irá ser na realidade um médico muito bom. Você pode ser um bom cirurgião porque bem, eu devo admitir que é um pouco "impiedoso", e uma pessoa tem de ser um tanto fria se quer tornar-se um bom cirurgião. Portanto, quando sairmos desta cela, ou gaiola, ou caverna, chame-a como preferir, logo você irá para uma outra onde adquirirá certa prática com o instrumental cirúrgico e também aprenderá coisas mediante a linguagem universal. E, naturalmente, estou pronto para ajudá-lo por qualquer meio possível.

— Mestre, o senhor mencionou Patra várias vezes nestes últimos dias, mas eu nunca tinha ouvido esta palavra antes e estou certo de que não são muitas as pessoas no Potala e em Chakpori que a usem com frequência. — Bem, não há nenhum propósito em mencionar algo que se acha distante, muito além do alcance da média das pessoas. Paira é o suprassumo dos Campos Celestiais, Todas as pessoas, quando deixam a Terra, vão para o mundo astral. Ele é realmente um mundo, como você deve ter visto através de suas viagens astrais. Trata-se de um mundo tal como esta Terra o é em muitos aspectos, mas lá há muito mais facetas agradáveis para conhecer; você pode misturar-se com as pessoas, pode ler, conversar, e pode ir a reuniões e observar como outras pessoas estão vivendo e trabalhando. Verá por que tal pessoa fracassa, e por que uma outra é bem-sucedida. Mas, do astral, as pessoas retornam à Terra ou a algum outro planeta a fim de levar avante uma outra vida mais bem-sucedida. Mas há um planeta muito singular chamado Patra. Ele é o Céu dos Céus, somente as melhores almas lá vão ter, somente aqueles que têm feito muita coisa meritória. Leonardo da Vinci, por exemplo, lá se encontra, trabalhando em projetos que irão ajudar outras "terras". Sócrates está lá. Assim como Aristóteles e muitos de sua estirpe. Você não encontrará lá charlatões, pois isso os exclui em definitivo, e já está programado que você irá para Paira ao término desta vida. Você irá para lá

porque, por várias vidas, conheceu uma provação após outra, e foi bem-sucedido em superá-las» e a tarefa que está cumprindo agora. . . bem, qualquer pessoa diria ser uma missão impossível, mas você terá êxito e permanecerá em Patra por longo tempo. Não há nenhum atrito lá, nem lutas, nem inanição ou crueldade.

— Os gatos são admitidos em Patra, mestre? — Oh, por Deus, sim, claro que são. Gatos têm alma tal como as pessoas. Há um grande número de ignorantes que pensam que essa coisa de quatro patas é simplesmente um animal estúpido, quase sem sentimentos e certamente despido de inteligência, e definitivamente sem uma alma. Isto não é verdade. Os gatos têm alma, gatos podem progredir. Eles podem progredir através do mundo astral e aprender sobre Patra. Em Patra eles podem estar junto com as pessoas que amaram na Terra, ou talvez em algum outro planeta. Oh, sim, Lobsang, você deve tornar claro a todos que os gatos são gente, eles são individualizados, são pequenas criaturas altamente evoluídas que foram postas na Terra para um objetivo especial. Assim, você deve tratar os gatos com grande respeito, como sei que faz. Mas vamos dar um giro, porque minhas pernas estão ficando entorpecidas, e acho que estou pronto para passear um pouco a fim de testá-las e desentorpecê-las. Assim, venha comigo movimentar essas suas pernas preguiçosas, e nos caminharemos por aí e veremos algumas outras coisas que você ainda não conhece. — Mestre! — gritei para o Lama Mingyar Dondup, que já estava a vários passos de distância de mim agora. Ele parou para permitir que eu o alcançasse, e então prossegui: — Mestre, o senhor conhece bem este lugar, bem demais na verdade, e eu pensei que isso fosse uma descoberta. Esteve caçoando de mim até agora, mestre.

Ele riu e retrucou:

— Não, eu não estive caçoando de você, Lobsang, e a entrada particular pela qual ingressamos aqui. . . bem, isto foi uma surpresa. Eu não calculava encontrar uma entrada ali, porque não há nenhum registro sobre a mesma nos mapas, e estou realmente perguntando

por que ali deveria haver uma entrada. Você concordará comigo em que não há nenhum indício de deformação na rocha. Suponho que isso se deva a que o velho ermitão tinha sob sua responsabilidade vários suprimentos aqui e gostava de ter essa entrada bem próxima de seu eremitério. Mas. . . não, eu não estive troçando de você. Nós teremos que descobrir como sair daqui amanhã, porquanto agora minhas pernas já sararam e eu posso conseguir descer a montanha.

Bem, o senhor não irá fazer boa figura descendo a montanha com suas roupas em farrapos. Ah, sim, isso tem jeito. Você e eu estaremos vestidos amanhã com novas vestimentas, e que no entanto já têm um milhão de anos! — E a seguir, como se pensasse melhor: E você irá aparecer como um monge, não como um chela ou acólito. De agora em diante, você terá de ficar em minha companhia e ir aonde eu for, e aprender tudo que eu possa revelar-lhe.

O lama voltou-se, dando apenas alguns passos, inclinou-se diante de uma porta, e apôs suas mãos numa certa posição. Então eu vi que, lentamente/uma parte da parede deslizava para um lado em meio a um profundo silêncio. Não se ouviu nenhum ruído dissonante de rochas atritando-se, apenas silêncio, tão completo que fazia aquilo parecer sobrenatural.

O lama me deu um leve empurrão, pressionando meus ombros, e disse:

- Vamos, isto é algo que você tem que ver. Isto é Patra. É tal como Patra nos pareceria ser. Claro que este globo — e fez um gesto indicando um grande globo que praticamente ocupava todo um amplo saguão é meramente um meio graças ao qual podemos ver o que está acontecendo em Patra em qualquer ocasião.

Colocou sua mão sobre meu ombro, e nós caminhamos alguns metros até chegarmos a um trecho da parede onde estavam ajustados instrumentos e uma enorme tela... oh, tinha a altura de quatro homens e a largura de três. E meu guia disse:

- Isto se destina a qualquer investigação detalhada. As luzes no

recinto foram se extinguindo. Com igual rapidez, a luz do globo que o lama denominara Patra brilhou. Era uma espécie de. . . bem, de luminosidade rósea ou dourada, e proporcionava-nos uma sensação de tepidez e a impressão de que éramos realmente bem acolhidos. O lama calcou novamente uma daquelas coisas feito botões e a névoa no globo, ou em volta dele, desapareceu como a cerração que envolve uma montanha se desfaz sob os efeitos dos raios solares. Eu olhei com ânsia. Aquele era na realidade um mundo maravilhoso. A mim me pareceu estar parado sobre uma plataforma de pedia, e as ondas nela batiam suavemente. Então, exatamente à minha direita, vi um barco acercando-se. Sabia que era um barco porque já vira ilustrações dos mesmos. Mas esse barco avançou e ancorou junto à plataforma de pedra bem em frente a mim, e um bom número de pessoas saltou da embarcação, todas com o ar de estarem satisfeitas consigo mesmas.

— Bem, aí está uma multidão que parece feliz, mestre.

O que estão fazendo?

— Oh, isto é Paira. Aqui você pode dispor de um bom número de coisas, quaisquer delas, para recreação. Essas pessoas, suponho, pensaram em como seria agradável empreenderem uma viagem de recreio a esta ilha. Calculo que tomarão chá ali e então voltarão.

"Isto está a vários passos acima do mundo astral. As pessoas só podem vir aqui se são, digamos assim, superpessoas. Amiúde, muitos sofrimentos são requeridos para que se mereça este lugar, mas quando alguém aqui chega e vê o que isto é, e observa a qualidade dos que aqui se encontram, então é evidente que esse lugar merece todos os sofrimentos. "Aqui nós podemos viajar através do pensamento. Nós estamos neste planeta e desejamos ver uma determinada pessoa. Bem, nós pensamos sobre ela, pensamos com muita disposição, e, se tal pessoa se acha desejosa de ver-nos, subitamente nos desprendemos do chão e nos elevamos no ar, e viajamos velozmente para o nosso desejado destino. Chegaremos lá e iremos ver a pessoa que desejávamos

ver, parada do lado de fora da porta da frente, pronta para cumprimentar-nos.

Mas, mestre, que tipo de pessoas vêm a este lugar e como elas vivem aqui? E o senhor as chamaria de prisioneiros? Porque, presumivelmente, elas não podem escapar deste lugar.

- Oh, definitivamente isto não é uma prisão. Este é um lugar muito adiantado, somente as pessoas boas podem vir aqui, como já lhe falei. Aquelas que realizaram supremos sacrifícios, as que têm feito o melhor possível para ajudar seus iguais, homens e mulheres, podem vir. Normalmente nos devemos desprender-nos do corpo material para alcançar o corpo astral. Já notou que aqui ninguém tem um Cordão de Prata? E que ninguém tem à sua volta ou em torno de sua cabeça o halo vaporoso de uma Taça Dourada? Eles não necessitam disso aqui porque todos são iguais. Nós temos toda espécie de boas pessoas aqui. Sócrates, Aristóteles, Leonardo da Vinci, e outros desse feitio. Aqui eles perdem aquelas pequenas imperfeições que tiveram porque, para manter-se na Terra, tinham que assumir uma imperfeição. Eles eram possuidores de uma vibração tão elevada que simplesmente não podiam permanecer na Terra sem terem algum tipo de defeito, assim Mendelssohn ou alguém mais, antes de poder descer à Terra teve que ter uma imperfeição congênita destinada àquela vida particular. Portanto, quando ele morreu e foi para o mundo astral, tal defeito se extinguiu, e a entidade também. Eu mencionei Mendelssohn, o compositor; ele chegaria, no caso, ao plano astral e haveria alguém assim como um policial ali para retirar-lhe o Cordão de Prata e o Halo Dourado, e enviá-lo então a Patra. Em Patra ele iria encontrar amigos e conhecidos, e eles poderiam conversar sobre sua vida passada e realizar experiências que há longo tempo desejavam fazer. Bem, mestre, o que eles fazem para se alimentarem aqui? Não parece haver alimento ou depósitos de mantimentos neste lugar e que, presumo, seja um caos. Não, você não irá encontrar muita comida neste mundo que está vendo. As pessoas daqui dela não necessitam. Elas obtêm toda a sua energia física e mental graças a um sistema de osmose, isto é, absorvem a

energia fornecida pela luz de Patra. Se desejam comer por prazer, ou beber, então são inteiramente capazes de fazê-lo. O que não podem é comer gulosamente e nem fazer uso dessas bebidas alcoólicas que corroem o cérebro. Tais bebidas são muito, muito danosas, você sabe, e podem retardar o desenvolvimento de uma pessoa por várias vidas.

"Agora vamos fazer um ligeiro exame deste lugar. Há o que se chama tempo. Assim é inútil você perguntar a uma pessoa há quanto tempo vive aqui, porque ela simplesmente o olhará intrigado e pensará que você é alguém que desconhece as condições de vida. As pessoas nunca ficam presas ao costume de estar em Patra, nunca se cansam deste recanto, há sempre algo novo a fazer, novas pessoas a encontrar, mas você nunca pode topor com um inimigo aqui. Vamos agora alçar-nos no ar e lá de cima contemplar esta aldeia de pesca.

— Mas eu pensei tê-lo ouvido dizer que as pessoas aqui não necessitam comer, mestre, assim, por que desejam uma aldeia pesqueira?

— Bem, elas não estão colhendo peixes no sentido comum da palavra, estão pescando para ver como podem os peixes ser aperfeiçoados a fim de dotá-los de melhores sentidos. Na Terra, como sabe, os peixes são realmente tolos e merecem ser apanhados, mas aqui eles são recolhidos em redes e mantidos na água todo o tempo, e são tratados gentilmente e assim não há ressentimento algum da parte deles. Compreendem que estamos tentando fazer o bem a toda a sua espécie. De modo similar aos animais, nenhum deles receia os seres humanos deste mundo. São, em vez disso, amigos. Mas vamos fazer apenas uma rápida incursão a vários recantos porque cedo deveremos estar partindo e retornando ao Potala.

Repentinamente me senti erguer no ar, e minha visão pareceu desaparecer. Uma súbita dor de cabeça terrível me acometeu e, para ser inteiramente sincero a respeito, julguei estar morrendo. O Lama Mingyar Dondup me segurou e apôs suas mãos sobre meus

olhos. E disse: — Sinto muito, Lobsang, mas esqueci que você não tinha sido preparado para uma visão em quarta dimensão. Temos que voltar à superfície de novo por cerca de meia hora.

E então eu senti que estava mergulhando, e depois me veio a sensação, muito bem acolhida, de haver algo sólido sob meus pés.

— Este é o mundo da quarta dimensão, e algumas vezes há traços da quinta dimensão. Se nós estamos mostrando Patra a uma pessoa, então, naturalmente, esta necessita ter uma visão quadridimensional, de outro modo sofrerá uma tensão enorme.

O lama me deixou deitado sobre um leito e então pingou algo em meus olhos. Após alguns minutos ele colocou óculos protetores em meus olhos, que ficaram completamente cobertos. E eu disse:

— Oh! Eu posso enxergar agora. Isto é maravilhoso. Antes as coisas tinham se mostrado belas, extraordinariamente belas, mas agora, que eu podia ver na quarta dimensão, as cenas eram tão soberbas que simplesmente não podem ser descritas numa terminologia tridimensional. Mas quase cansei minha vista apreciando aquele panorama, e então nos alçamos no ar de novo e concluí que nunca tinha presenciado tanta beleza antes. Os homens eram de uma beleza insuperável, mas as mulheres... bem, eram tão belas que senti algo como uma estranha excitação em meu íntimo e, claro, as mulheres e eu éramos como estranhos, porquanto minha mãe tinha sido uma mãe muito austera, distante na realidade, e minha irmã... bem, eu mal chegara a vê-la. Nós éramos mantidos rigidamente à parte porque fora determinado antes de meu nascimento que eu iria entrar para a lamaseria. Mas a beleza, a absoluta beleza, e a tranquilidade, elas realmente desafiam uma descrição numa linguagem tridimensional. Seria como tentar obter uma descrição da Terra de um homem nascido cego. Como irá ele descrever as cores? Nasceu cego, portanto o que conhece acerca das cores, o que há para descrever? Ele pode dizer algo sobre a conformação e o peso, mas a beleza real da coisa em questão está absolutamente além de sua compreensão. Dá-se algo assim comigo agora: eu tinha sido orientado a ter a capacidade de ver na terceira

dimensão, na quarta, e na quinta, a fim de que quando chegasse a hora de deixar a Terra, eu fosse direto para Patra. Assim, essas pessoas que dizem ter um curso de estudos, e que este é dirigido pelo Dr Rampa segundo o Conselho Ouija, bem, tais pessoas são simplesmente doidas. Eu lhes digo novamente, quando deixar este mundo estarei completamente além de seu alcance Eu deverei me achar tão distante de vocês que não podem nem mesmo fazer uma ideia!

É de todo impossível para mim descrever-lhes Patra. E como tentar dizer a uma pessoa cega de nascença como é tal ou qual mostra pictórica... nunca se conseguiria isso. Mas há outras coisas além de imagens. Algumas grandes personalidades da antiguidade estavam ali naquele mundo de Patra, e se achavam trabalhando para ajudar a outros mundos, dois mundos dimensionais, e três outros mundos também dimensionais. Muitas das pretensas invenções surgidas na Terra não são da autoria dos que as reivindicam; ele ou ela simplesmente recolheram a ideia de algo que viram no mundo astral. E de volta à Terra, com a lembrança de alguma coisa que tinha que ser inventada, tiveram uma ampla noção de como proceder, e bem, a pessoa no caso construiu o que quer que devesse ser construído e depois obteve a patente da invenção em seu próprio nome. O Lama Mingyar Dondup parecia ser extraordinariamente bem conhecido em Patra. Ele podia ir a qualquer parte e logo encontrar alguém conhecido, e então me apresentava como sendo um velho amigo, de quem todos se recordavam embora eu os tivesse esquecido por causa da saturação do corpo humano na Terra. Eles riram comigo, e diziam:

— Não se preocupe, logo você estará vindo para nosso convívio e então irá se lembrar para sempre.

O Lama Mingyar Dondup estava conversando com um cientista, e este estava dizendo:

— Claro que o maior problema que nós temos agora é que pessoas de raças diferentes possuem pontos de vista diferentes. Por exemplo, em alguns mundos as mulheres são tratadas

igualmente aos homens, mas em outros mundos elas são tratadas como utensílios ou escravas, e quando lhes acontece ir a um país onde se dá plena liberdade às mulheres, elas se sentem nervosas e completamente desorientadas. Nós estamos nos empenhando em descobrir um meio graças ao qual todos os homens e todas as mulheres de todos os países venham a ter um modo de ser comum. Eles obtêm um pequeno avanço nesse sentido no mundo astral, mas, naturalmente, ninguém pode vir para Patra a menos que entenda plenamente os direitos de cada um. — Ele me olhou, sorriu, e então disse: — Vejo que já reconhece os direitos do Amigo Gato.

— Sim, senhor — repliquei. — Eu gosto deles. Acho que são os animais mais maravilhosos em qualquer parte. — Sua reputação de amigo dos animais se tornou conhecida, saiba você, e quando voltar para nosso convívio em Patra um grande número de gatos aqui estará para dar-lhe as boas-vindas. Você terá um casaco de pele vivo — disse sorrindo com humor, porque um gato marrom e branco estava subindo em meu corpo para vir sentar-se em meu ombro direito. E pousando sua patinha esquerda sobre a minha cabeça para firmar-se... tal como um humano faria.

Aí o Lama Mingyar Dondup disse:

— Bem, Bob, agora temos que nos despedir de você porque já é hora, mas Lobsang breve estará retornando ao lar e aí então você terá muitas oportunidades para sentar-se em seu ombro.

Bob, o gato, assentiu solenemente e saltou para uma mesa, mas se esfregou em mim e ronronou repetidas vezes.

O Lama Mingyar Dondup me disse depois: Vamos deslocar-nos para o outro lado de Paira. Ali se encontra o reino de flores e plantas, e as árvores, em especial, estão aguardando ver você de novo. Mal ele acabou de falar já chegávamos ao maravilhoso recanto onde se encontravam flores e árvores incrivelmente belas. Eu me senti receoso e fiquei hesitando em me mover e pisar nas flores. O lama me olhou e entendeu perfeitamente minha situação. E disse: Oh, eu sinto muito, Lobsang, devia ter lhe dito. Aqui, no reino

das flores, você tem que se alçar cerca de trinta centímetros acima do solo real. Esta é uma das aptidões da quarta dimensão. Você pensa que o solo é trinta centímetros mais alto, e no entanto, quando você caminha pensando assim, na realidade é você que caminha trinta centímetros acima do solo em que essas plantas vivem. Não vamos pôr em risco coisa alguma agora. Em vez disso, iremos apenas dar uma espiada em algumas outras partes deste mundo. As máquinas humanas, por exemplo. Máquinas com alma, flores com alma, gatos com alma.' Suponho que será melhor voltarmos, Lobsang ele me disse então porque tenho, que lhe mostrar umas poucas coisas a fim de prepará-lo para a vida que você ainda irá ter que viver. Eu desejaria poder viajar com você e ajudá-lo mais, porém meu Kharma (fado) é de que irei ser morto por comunistas que me apunhalarão pelas costas. Mas não se preocupe com isso, vamos retornar ao nosso próprio mundo.

Capítulo 9

Deixamos o que era chamado o "Aposento da Quarta Dimensão" e cruzamos o imenso hall a fim de chegarmos ao recinto que era assinalado como sendo "Este Mundo". Foi uma caminhada de cerca de quatrocentos metros, nossos pés estavam muito doídos quando alcançamos o tal aposento intitulado "Este Mundo"

O Lama Mingyar Dondup entrou e sentou-se no banco próximo da mesa de controle. Eu o segui e me sentei em outro banco ao lado dele. O lama tocou num botão e a luz do aposento se extinguiu. E em seu lugar pudemos ver nosso mundo imerso numa luminosidade ténue. Eu olhei com atenção, perguntando-me o que tinha acontecido; onde estava a luz? E então olhei para o globo que figurava o mundo... e de imediato caí para trás, batendo com a cabeça no piso duro. Assim que eu contemplara o interior do mundo vira um hediondo dinossauro com as mandíbulas escancaradas, e ele olhava diretamente para mim a uma distância de cerca de dois metros.

Levantei-me muito envergonhado por me ter assustado por causa de uma criatura que já estava morta há milhares de anos. Aí o lama disse:

Temos que passar os olhos em alguns trechos da História porquanto há muita coisa absolutamente incorreta nos livros. Veja!

No mundo eu via agora uma cadeia de montanhas, e no sopé de uma dessas montanhas havia um grande número de soldados e seus cantineiros, que incluía muitas mulheres. Naqueles tempos, ao que parece, a soldadesca não podia passar sem o consolo ofertado por um corpo feminino, assim, as mulheres iam para a guerra com eles para poderem satisfazê-los após uma vitória. E se tal vitória não ocorria, as mulheres eram capturadas pelo inimigo e usadas precisamente para o mesmo propósito, tal como teriam sido usadas pelo outro lado, caso este saísse vitorioso. A cena que se desenrolava era de grande movimentação. Os homens estavam agrupados em torno de um bom número de elefantes, e um dos

elefantes discutindo com os outros que se achavam numa posição inferior. — Eu lhes disse, estes elefantes não vão atravessar as montanhas onde há neve. Eles estão acostumados ao calor, não podem sobreviver em clima frio. Além disso, como iremos arranjar as toneladas e mais toneladas de alimento de que esses elefantes necessitam? Sugiro que descarreguemos os elefantes e coloquemos toda a carga no lombo dos cavalos naturais desta região. Este é o único meio de seguirmos adiante.

Bem, a agitação prosseguiu; eles eram como um bando de mulheres desbocadas, discutindo e gesticulando, mas o homem trepado no elefante impôs sua determinação. Os elefantes foram livrados da carga e todos os cavalos daquele lugar foram arrebanhados, a despeito dos protestos dos agricultores aos quais pertenciam.

Naturalmente, eu não entendi uma palavra daquela arenga, mas o aparelho especial que o lama acabara de colocar sobre minha cabeça levou ao conhecimento de minha mente o conteúdo de tudo que estava sendo dito, em vez de tal captação ser operada pelos ouvidos, como seria natural. Assim, fui capaz de acompanhar tudo nos mínimos detalhes.

Finalmente a imensa caravana estava pronta para seguir, e as mulheres foram também colocadas sobre os cavalos. Não é compreendido geralmente que as mulheres são realmente muito mais fortes fisicamente do que os homens. Supus que ali elas simulavam ser mais fracas porque desse modo os homens carregavam a carga e as mulheres cavalgavam em pôneis.

A cavalgada se iniciou, rumo ao caminho da montanha, e, enquanto eu e meu guia avançávamos para o alto também, pudemos ver que de fato não havia esperança alguma de fazer os elefantes subirem pelo estreito caminho rochoso. E quando deparamos com a neve, os cavalos também não apreciaram aquilo, e tiveram que ser instigados. O Lama Mingyar Dondup operou um salto de uns poucos séculos calcando novo botão da máquina, e, quando a rotação veloz do globo cessou, vimos o que era uma

batalha se desenrolando. Não sabíamos onde ela se realizava, mas os combatentes pareciam estar cobertos de sangue. Não bastava para o vitorioso cravar uma espada num adversário, ele costumava decepar a cabeça de sua vítima, e já ia se formando uma grande pilha de cabeças cortadas. Olhamos mais um pouco aquelas cenas para ver todos aqueles homens se matarem uns aos outros, enquanto flâmulas adejavam e soavam gritos roucos, e às margens do campo de batalha as mulheres observavam tudo de suas toscas barracas. Não lhes importava qual o lado que venceria, porque elas iriam ser depois usadas para o mesmo propósito. Mas continuavam a observar aquelas cenas, suponho eu que motivadas mais ou menos pela mesma curiosidade ociosa que me movia e ao lama.

Com um novo toque num botão, o mundo girou mais depressa. O lama o fazia parar aqui e ali, e me parecia realmente incrível que a cada parada parecesse haver uma guerra em andamento. Seguimos adiante até remontarmos ao tempo das Cruzadas, de que o lama já me falara anteriormente. Era "costume" naqueles dias para os homens da nobreza empreender viagem ao exterior e fazer guerra contra os sarracenos. Estes eram uma raça afável, de cultura, mas ainda assim estavam aguerridamente preparados para defender sua terra natal, e muitos cavaleiros ingleses terminaram seus dias no campo de batalha.

Por fim, vimos a Guerra dos Bóeres em andamento. Ambas as facções em luta estavam de todo convictas da justiça de sua causa, e os Bóeres pareciam preferir, como alvo, não o coração, nem o estômago, mas um ponto mais baixo; assim, se um homem era ferido e não podia retornar ao lar, fosse como fosse, certamente não seria mais de nenhuma valia para sua mulher. Tudo isso me foi explicado pelo lama num sussurro.

Então, muito de repente, a batalha terminou. Parecia que ambos os lados eram os ganhadores ou os derrotados porque eles se mesclavam e então, por fim, os invasores — os cruzados — moveram-se para um dos lados do campo de batalha, enquanto os sarracenos o faziam pelo lado oposto, onde também contavam com

mulheres à sua espera. Os feridos e os mortos foram deixados onde tinham tombado, nada mais podia ser feito. Não havia nenhum serviço médico, portanto, se um homem era gravemente ferido, ele, com frequência, solicitava a seus amigos que o livrassem de vez de sua desgraça, e eles então lhe entregavam um punhal e se afastavam. Se aquele homem desejava realmente pôr fim à sua vida, teria simplesmente de cravar o punhal em seu coração.

O mundo voltou a girar, e então descortinou-se uma guerra feroz que parecia engolfar a maior parte do mundo. Havia pessoas de todas as cores lutando e usando armas, grandes peças montadas sobre rodas, e no ar, pendendo de cordas, estavam coisas que eu agora vinha a saber que eram chamadas balões. Alçavam-se tão alto que desse modo um homem dentro de uma cesta anexada ao balão podia avistar as linhas inimigas lá de cima e procurar entender como iriam atacar ou como deviam ser atacadas. Então, vimos algumas máquinas barulhentas cortando os ares, e elas atiraram contra os balões e os abateram.

O solo estava convertido num total charco de lama e sangue, onde estavam fragmentos de corpos humanos. Havia cadáveres caídos sobre cercas de arame farpado, e com frequência soavam detonações, e grandes blocos vinham pelo ar. Quando atingiam o solo, explodiam, com efeitos desastrosos tanto para os campos de cultivo como para o inimigo visado.

Um novo botão foi pressionado e o cenário mudou. Estávamos agora contemplando o mar, e pudemos ver pequenas manchas tão ao longe que na verdade pareciam ser exatamente simples manchas, mas o Lama Mingyar Dondup enfocou-as mais para perto e então nós vimos tratar-se de enormes embarcações metálicas dispendo de tubos de metal alongados que se moviam para cá e para lá, e vomitavam grandes foguetes. Estes percorriam vinte milhas marítimas ou mais antes de caírem sobre um navio inimigo.

Vimos um couraçado que devia ter sido atingido no paiol, porquanto observamos um projétil cair no convés e foi como se o mundo explodisse, e o couraçado ergueu-se bruscamente e

explodiu, partindo-se em mil pedaços. Fragmentos de metal voaram por cima do vaso de guerra, e também pedaços de corpos humanos foram projetados longe, e com todo o sangue que escorria tinha-se a impressão de que um nevoeiro rubro se estendera sobre o local.

Por fim alguma espécie de acordo pareceu ser efetuado porque os combatentes cessaram de atirar uns contra os outros. E nós, de nossa vantajosa posição, vimos um homem erguer furtivamente sua arma e atirar em seu oficial-comandante!

O Lama Mingyar Dondup apertou rapidamente alguns botões, e remontamos então ao local onde foi travada a Guerra de Tróia. E eu sussurrei:

— Mestre, nós não estaremos por acaso pulando de uma época para outra sem qualquer consideração pela sequência cronológica?

- Oh, mas eu estou lhe mostrando tudo isso por um motivo especial, Lobsang. Veja ele indicou. Um soldado troiano subitamente colocou sua lança na posição justa e ela foi atravessar precisamente o coração de seu comandante. E o lama disse: Procurava justamente mostrar a você que a natureza humana não muda. Ela se repete exatamente como mostra essa cena. Veja esse homem que mata seu comandante. Depois, em uma outra reencarnação, ele se representará e fará exatamente a mesma coisa novamente. Estou tentando ensinar-lhe certas coisas, Lobsang, não para dar-lhe aulas de História de acordo com um livro, porque as obras de História são frequentemente alteradas para convirem aos líderes políticos da época.

Continuamos sentados em nossas banquetas, e o lama estabeleceu a sintonia com muitas cenas e episódios diferentes. Algumas vezes decorria um intervalo de seiscentos anos entre tais cenas. Isto proporcionava certamente a uma pessoa a oportunidade de avaliar o que os políticos estavam fazendo. Vimos impérios serem erguidos à base de refinada traição, e também vimos impérios ruírem, de novo por obra da traição.

Subitamente, o lama disse:

— Agora, Lobsang, iremos ter um vislumbre do futuro. Ato contínuo, o globo escureceu, iluminou-se, e de novo escureceu, e vimos estranhas aparições. Contemplamos um navio de carreira tão grande quanto uma cidade. Ele estava navegando a pleno vapor, como uma rainha dos mares, e eis que de repente soou um guincho de cortar o coração enquanto o navio era cortado ao meio abaixo da linha de flutuação pelas arestas de um enorme iceberg. O navio começou a afundar. Houve um rumor de pânico, inúmeras pessoas entraram em barcos salva-vidas, outras caíram no mar assim que o navio adernou, e no convés um rádio tocava para minimizar o pânico, e continuou assim até o navio submergir em meio a um borbotão assustador.

Grandes bolhas de ar alçaram-se no ar, e também grandes gotas de óleo. Então, aos poucos, estranhos materiais subiram à tona. Vimos o corpinho sem vida de uma criança, uma bolsa de mulher que de algum modo flutuava na superfície.

Este, Lobsang, é outro tópico que está fora de sua ordem cronológica. Isto deve ter ocorrido antes da guerra que você viu recentemente. Mas não se preocupe com essa questão cronológica, você pode folhear um livro ilustrado e talvez obter tantos conhecimentos como se tivesse lido o que se acha contido em tal livro na ordem exata. Estou tentando imprimir certas coisas em sua mente. O alvorecer surgiu. A luz do sol do início do dia brilhou avermelhada sobre os cimos dos icebergs e espalhou-se assim que o sol se pôs mais alto. Assim que a luminosidade solar estendeu-se para adiante, perdeu sua cor avermelhada e tornou-se a luz normal do dia.

O mar estava juncado de uma coleção de objetos realmente incrível. Cadeiras quebradas e vários fardos, e, naturalmente, o que era inevitável: cadáveres, com a brancura da morte e flácidos e inchados. Ali estavam homens, ou o que tinham sido homens, em trajes de noite. Ali estavam mulheres, ou o que tinham sido mulheres, também em trajes de soirée, mas que podiam ser melhor descritos agora como trajes comuns de noite.

Olhamos a cena várias vezes, e não havia ali nenhum barco de salvamento à vista, e o lama disse: Bem, Lobsang, vamos deslocar-nos para algo mais, não há nenhum propósito em ficarmos perdendo tempo aqui quando não há nada que possamos fazer. O lama aproximou sua mão direita dos botões de controle e calcou o que se achava no final de uma pequena barra, e o globo passou a girar mais depressa. Luz do dia... escuridão. .. escuridão... luz do dia, e assim por diante, e então nós paramos. Estávamos agora num lugar chamado Inglaterra, e o meu mestre e guia traduziu alguns dos nomes para mim. Piccadilly Circus, Estátua de Eros, e toda sorte de coisas como essas; ele se deteve bem em frente de um vendedor de jornais — naturalmente, nós estávamos inteiramente invisíveis para o jornaleiro, porquanto nós achávamos num zoom diferente de tempo. O que estávamos vendo agora era o que estava ainda para acontecer, estávamos tendo um vislumbre do futuro. Achávamo-nos no início de um século, mas estávamos vendo algo assim como 1939 ou 1940 eu não podia distinguir os números, embora isso não importasse muito. Mas havia grandes cartazes ali e o lama os leu para mim. Eles versavam sobre alguém chamado Neville Chamberlain e o mostravam indo para Berlim com seu guarda-chuva. E então nós nos insinuamos no interior do que o lama chamou de sala de espetáculos. Sobre uma tela nós vimos projetadas as figuras de homens de rosto sombrio, usando capacetes de aço e equipados com todo o instrumental bélico. Eles estavam marchando de um modo singular — "o passo de ganso", disse-me o lama, praticado pelo Exército alemão. E então a cena mudou para mostrar gente faminta em uma outra parte do mundo, criaturas que se deixavam cair, mortas de fome e sede.

Nós nos movemos até à rua, e aí houve um salto no tempo, de alguns dias. E depois o lama deteve a rotação do globo para que tomássemos fôlego, etc., porque passar os olhos pelo mundo através de várias épocas era na realidade uma experiência inteiramente perturbadora e exaustiva, especialmente para mim, um rapaz que nunca estivera ausente de seu próprio país, e que nunca

tinha visto coisas providas de rodas e motores até então. Sim, era sem dúvida uma coisa absolutamente perturbadora.

Voltei-me para o Lama Mingyar Dondup e disse: — Mestre, falando a respeito de Paira: eu nunca soube da existência deste lugar, nunca tinha ouvido nenhum de meus professores mencionar Paira. Eles nos ensinavam que quando nós deixamos esta Terra através do período de transição vamos para o mundo astral, e ali passamos a viver até que se tornem prementes o nosso retorno à Terra num corpo diferente ou a nossa ida para algum outro mundo também num corpo diferente. Mas ninguém disse nada sobre Paira, e me acho realmente confuso.

— Meu caro Lobsang, há muitas coisas de que você nunca ouviu falar, mas irá ouvir. Paira é um mundo. Ele é de longe superior a este e ao mundo astral. Trata-se de um mundo ao qual as pessoas vão ter quando possuem algumas virtudes muito especiais, ou quando já tenham feito grande bem ao próximo. Isso não é mencionado porquanto seria muito desencorajador. Muitos são escolhidos como possível material para Paira e então no último momento a pessoa checada demonstra alguma fraqueza ou algum pensamento impróprio e assim perde sua oportunidade de ir para Patra. "Você e eu, meu caro Lobsang, estamos em definitivo seguros de ir para Patra tão logo deixemos este mundo, mas isso não é o ponto final, porque nós viveremos em Patra por algum tempo e depois deveremos ir para um lugar ainda mais elevado. Em Patra você vê pessoas que têm devotado seu tempo à pesquisa para o bem do Homem e dos animais; não só para o Homem, entenda bem, mas para o reino dos animais também. Animais têm alma, e eles progridem ou deixam de progredir e fracassam, tal como ocorre com os seres humanos. Estes muitas vezes pensam que são os senhores da Criação, e que um animal existe apenas para ser usado pelo homem. Não podiam estar mais equivocados! — Bem, mestre, o senhor esteve me mostrando o que é a guerra, uma guerra que durou anos. Agora, gostaria de ver o que aconteceu depois, como ela terminou, etc. — Muito bem — disse o lama — nós alcançaremos o tempo justo antes do término da guerra. E o lama

desviou o olhar de mim e olhou para um livro que continha datas, e a seguir ajustou os controles do painel de comando e o simulacro de nosso mundo ganhou vida novamente, ressurgindo em meio a uma luz profusa. Vimos então uma região rural devastada e um caminho sulcado por trilhos sobre os quais corriam certas máquinas que transportavam mercadorias ou passageiros. Ali estava o que pareciam ser algumas caixas muito ornamentadas montadas sobre rodas. As partes laterais eram de vidro, e guardas bem armados, em grande número, patrulhavam tudo à sua volta. Vimos criados apanharem panos brancos e cobrirem mesas, tendo retirado a camada de poeira que cobria várias peças de mobiliário.

Então houve um intervalo de calma. Aproveitei a oportunidade para circular um pouco a fim de ver se minha própria "natureza" estava reagindo bem, e quando voltei. Oh, apenas dois minutos depois, vi o que parecia ser um imenso agrupamento de pessoas. Julguei que estavam fantasiadas, mas logo percebi que eram soldados e marinheiros de certa graduação. Pareciam ser representantes de todos os países envolvidos na guerra. Um grupo de pessoas não se misturava com um outro grupo de pessoas. Por fim, eles entraram em certo entendimento e sentaram-se à mesa naquelas coisas parecidas com caixas, que eram alguma espécie de veículo.

Eu os observei e, naturalmente, nunca tinha visto algo como aquilo antes, porque todos os homens que exerciam um tipo de comando ostentavam medalhas, uma série delas. Alguns tinham fitas em volta do pescoço, das quais pendiam também medalhas, e imediatamente compreendi que aqueles que eram membros preeminentes de um governo tentavam impressionar a outra facção com o peso daqueles objetos metálicos em seu peito e o número de fitas em torno de seus pescoços. E realmente me causava espanto o fato de poderem ouvir o que um dizia ao outro, por causa do tilintar daquelas medalhas pesadas de metal usadas sobre o peito. Houve muita gesticulação, e mensageiros se mantiveram muito atarefados, tomando notas recolhidas do que um homem dizia a outro, ou mesmo dos que se achavam em uma outra parte daqueles

veículos. Naturalmente, eu nunca vira antes um trem, e grande parte daquela cena significava pouco para mim então. Finalmente, um documento foi redigido e depois passado de mão em mão, cada homem apondo sua assinatura no papel, e era surpreendente a diferenciação entre essas assinaturas. Eram tipos diferentes de escrita, e me pareceu perfeitamente óbvio que na verdade nenhuma daquelas facções era melhor que a outra!

Isto, Lobsang, tinha porém que acontecer. Esta terrível guerra esteve em andamento por vários anos, e eles agora propuseram e firmaram um armistício segundo o qual cada lado litigante retornará a seu país de origem e tentará refazer sua economia abalada.

Continuei a olhar a cena, e me surpreendi porque não havia sinal de regozijo ali. Todos estavam com uma expressão taciturna, e os olhares não eram de alegria pelo fato de ter a batalha terminado; aqueles olhares eram de ódio, um rancor mortal que eu pude constatar ao captar os pensamentos de uma das facções: "Muito bem, vocês ganharam este round, mas nós iremos derrotá-los na próxima vez!" O Lama Mingyar Dondup conservou a máquina sintonizada naquela faixa de tempo. Vimos soldados, marinheiros e aviadores ainda combatendo até uma certa hora de um certo dia. Eles estavam ainda em guerra até que naquele dia às onze horas, um número incontável de mortos tivesse, é claro, juncado o campo de batalha. Vimos um avião comum, com círculos vermelhos, branco e azul pintados, voar de retorno à sua base. Eram agora onze e cinco, e então dentre as nuvens surgiu o que parecia ser um avião de combate, uma coisa terrível de se ver, sem dúvida. Ele rugiu voando mais baixo e se pôs diretamente em perseguição ao avião com as cores vermelha, branca e azul. E então o piloto do caça calcou um botão à sua frente e um jato de algo saído das armas de fogo atingiu o aparelho vermelho, branco e azul, incendiando-o. Este embicou, descendo envolto em chamas, e então ouviu-se o ruído de um baque final, e pronto, aquele assassinato estava consumado. Fora um crime, porquanto a guerra tinha terminado.

Vimos depois grandes vasos de guerra singrando os mares, carregados com tropas de retorno a seus países. Os navios estavam lotados, assim muitos daqueles homens tinham de dormir no convés, alguns em barcos salva-vidas, mas as embarcações estavam todas se dirigindo para um país muito grande, cuja linha política eu não podia entender: eles tinham começado por vender armamentos a ambos os lados, e depois, quando eventualmente se associaram naquela guerra... bem, passaram a combater contra suas próprias armas. Achei que isso seguramente raiava a uma grande insanidade.

Assim que os grandes navios cheios de tropas alcançaram o porto, este pareceu fremir de entusiasmo e excitamento. Bandeirolas agitavam-se no ar, carros buzonavam, as sirenas dos navios também eram ouvidas, e bandas de música se puseram a tocar aqui e ali, não importando que algumas estivessem executando uma determinada peça musical e várias outras uma outra melodia. A algazarra era indescritível.

Mais tarde vimos o que parecia ser um dos líderes das forças vitoriosas dentro de um carro que seguia por uma imensa rua, bordejada de gigantescos edifícios. E de todas as janelas desses edifícios descia uma chuva de papel picado, confetes, fitas de papel de rolo, e todo tipo de coisa. Várias pessoas estavam soprando com força algum tipo de instrumento que certamente não poderia ser chamado de instrumento musical. Parecia haver ali uma grande comemoração porque agora muitos lucros deveriam advir da venda dos armamentos do antigo Governo para outros países menores, que desejavam entrar em guerra com algum país vizinho. Era realmente uma cena desalentadora a que se desenrolava neste mundo. Os soldados, os marinheiros e os aviadores tinha retornado à sua terra natal, vitoriosos, assim pensavam, mas agora... bem, o que eles iriam fazer para viver? Ali estavam milhões de pessoas desempregadas. Não havia dinheiro, e muitos deles teriam que formar fila diariamente para contarem com o que chamavam de "sopa dos pobres". Ali eles obteriam uma lata contendo uma comida

intragável, que levariam depois para casa a fim de compartilhá-la com seus familiares.

O panorama era realmente sombrio. Num país devastado economicamente aqueles maltrapilhos não poderiam resistir muito mais tempo, eles estavam agora caminhando ao longo das calçadas, espiando bem para ver se encontravam algo no espaço entre a calçada e a rua. Na rodovia, eles procuravam por um pedaço de pão ou algo mais para comer, ou um toco de cigarro, qualquer coisa enfim. E então paravam e se encostavam em postes que sustentavam os veículos de notícias ou luminárias, e depois iam desabar no chão e rolar na sarjeta... mortos, mortos de inanição, mortos pela ausência de esperança. No olhar dos espectadores em vez de pesar lia-se alegria. Afinal, pensavam, mais algumas pessoas tinham morrido; certamente haveria mais empregos agora para eles. Mas, não, aquelas "sopas dos pobres" se ampliavam. E várias pessoas uniformizadas se punham a recolher os mortos e colocá-los num caminhão para serem, ao que eu supunha, sepultados ou incinerados. Observamos passagens variadas desenrolarem-se por vários anos. E então num certo país vimos que seus habitantes estavam de novo se preparando para a guerra. Era o país que fora derrotado da última vez. Havia ali grandes preparativos, jovens em movimentação, e tudo mais. Esses jovens recebiam um treinamento de voo a bordo de numerosos pequenos aviões e anunciavam que se tratava apenas de atividades "recreativas".

Vimos um homenzinho muito pitoresco, com bigode pequeno, de rosto pálido e olhos protuberantes. Onde quer que ele aparecia e começava a discursar logo uma multidão se aglomerava para ouvi-lo. Coisas como essa estavam se processando em todo o mundo, e em muitos casos os países iam à guerra. Eventualmente havia uma grande guerra eclodindo e em que a maior parte deste mundo estava envolvida.

Mestre eu disse então eu não posso entender como o senhor consegue evocar cenas de coisas que ainda não ocorreram.

O lama me fitou e então olhou para a máquina ali parada e pronta para exhibir-nos mais cenas. — Bem Lobsang, na realidade não há nada de muito difícil nisso, porque se você encontrar um banco de pessoas pode apostar tudo que possui como tais pessoas quando se puserem a fazer coisas irão todas fazê-las do mesmo modo. Se uma mulher está sendo perseguida por um homem, ela irá correr numa direção e esconder-se. Ora, se isso ocorre uma segunda e uma terceira vez, o caminho dessa mulher está estabelecido, e você terá toda certeza então ao prever que haverá uma quarta ocasião e aí a mulher correrá para seu esconderijo, e que seu algoz cedo será capturado. — Mas, senhor, como é possível compor cenas de uma coisa que ainda não aconteceu?

Infelizmente, Lobsang, você não tem idade suficiente ainda para poder apreciar bem uma explanação; mas, num resumo, coisas correspondentes acontecem na quarta dimensão e nós obtemos o que é mais ou menos um eco que se produz aqui, em terceira dimensão. Algumas pessoas têm a capacidade de enxergar muito além, e de conhecer com exatidão o que está acontecendo. Eu sou um desses aos quais chamam de clarividentes muito sensíveis e telepatas, mas você irá me suplantar muitas e muitas vezes, porque foi treinado para tal quase antes de ter nascido. Você pensa que sua família foi muito severa com você. Sim, eles o foram, mas isto obedecia a uma ordem dos deuses. Você tem uma missão especial a cumprir, e teve que lhe ser ensinado tudo que lhe poderia ser útil. Quando você for mais velho, irá entender tudo acerca do curso do tempo e das dimensões diferentes toda essa espécie de coisa. Eu lhe falei ontem acerca de cruzar uma linha imaginária sobre a Terra, e verificar que você estava num dia diferente. Isto, naturalmente, é um detalhe inteiramente artificial, para que assim os países deste mundo possam marcar encontros e negociar, e assim eles contam com esse sistema artificial onde o tempo é variado artificialmente.

"Lobsang, há um item que você aparentemente ainda não observou. As coisas que estamos vendo agora, e debatendo, são fatos que não irão acontecer senão quando cinquenta anos ou mais já tenham decorrido. — Eu fiquei quase atônito quando o senhor me

contou isso, mestre, porque na ocasião parecia tudo natural, mas sim, eu posso ver agora que algumas dessas coisas... bem, nós não temos a arte e o saber para forjá-las. Por conseguinte deve ser alguma coisa futura.

O lama concordou com um gesto solene de cabeça e disse:

Sim, em 1930 ou 1940, ou em alguma faixa de tempo entre essas duas datas, a II Guerra Mundial irá começar. E o conflito irá mesclar quase todo o globo. Irá trazer completa ruína a alguns países, e os que vencerem a guerra perderão a paz. Não posso dizer-lhe quando a guerra irá começar realmente, e não adiantaria nada sabermos a data exata, pois não podemos fazer nada para evitá-la. Mas pode eclodir por volta de 1939, e isto representa bem poucos anos à frente, no entanto.

"Após essa guerra a II Guerra Mundial haverá uma campanha contínua de provocações, de constantes greves, e durante todo o tempo as confederações e sindicatos tentarão ampliar seu poder e obter o controle de seus respectivos países.

"Lamento dizer-lhe, Lobsang, que por volta de 1985 um estranho evento ocorrerá e irá armar o palco da III Guerra Mundial. Essa guerra acontecerá entre povos de todas as nacionalidades e raças, e trará a Raça de Bronze à cena. Estupro é uma coisa terrível, não há dúvida, mas se um homem de cor negra violenta uma mulher branca, então nós temos uma outra cor moreno bronzeado, a Raça de Bronze. Nós temos que ter uma cor uniforme nesta terra. Esta é uma das coisas verdadeiramente necessárias antes que possa haver uma paz duradoura.

"Nós não podemos fornecer datas exatas, uma exatidão referente ao dia, à hora, ao minuto e ao segundo, como alguns idiotas pensam que podemos, mas temos condições de dizer que por volta do ano 2000 haverá intensa atividade no universo, e também neste mundo. Após uma contenda realmente implacável, a guerra será decidida com a ajuda de pessoas de outro espaço, pessoas que não apreciam o comunismo aqui.

"Mas agora é hora de verificar se as minhas pernas estão em boas condições para caminhar e descer a montanha, porque devemos retornar ao Potala. Olhamos para todas as máquinas que tínhamos utilizado e nos asseguramos de que estavam limpas e nas melhores condições possíveis. Nós nos certificamos de que todos os comutadores estavam funcionando adequadamente, e a seguir o Lama Mingyar Dondup e eu vestimos novas roupas, "novas", sim, embora tivessem já um milhão ou mais de anos e fossem um material maravilhoso. Devíamos estar parecendo como duas velhas lavadeiras, caso alguém nos tivesse visto observando com atenção aquelas roupas, para encontrar algo que correspondesse de modo especial àquela dose de vaidade que ainda alimentávamos em nós mesmos. Por fim nos declaramos satisfeitos. Eu estava vestido como um monge, e Mingyar Dondup estava envolto numa túnica que denotava um status elevado, e eu sabia que ele era digno de uma posição ainda mais alta.

Encontramos grandes mantos e os vestimos sobre as novas roupas, para protegê-las quando estivéssemos descendo a montanha.

Fizemos uma breve refeição acompanhada de goles d'água, e cada um de nós disse adeus àquele pequeno compartimento onde havia uma abertura no canto. . . Então nos aprontamos para partir.

- Mestre! exclamei então. Como faremos para ocultar a entrada da caverna?
- Lobsang, nunca duvide das potestades que existem. Já está determinado que quando deixarmos este lugar uma cortina de sólida pedra, de muitos metros de espessura, irá deslizar e cobrir essa entrada, destruindo pois qualquer indício dela do lado exterior. Assim, quando saímos temos que nos dar as mãos e correr. Temos que correr depressa juntos, o quanto pudermos, para nos distanciarmos daqui antes que a grande pedra saia do seu lugar e vede de vez esses segredos, impedindo que os chineses os encontrem, porque, como lhe contei, os chineses irão se apossar deste país e o Tibete não existirá mais. Em vez disso

haverá um Tibete secreto, com os mais sábios dos homens doutos vivendo em cavernas e túneis como esses, e tais homens irão ensinar aos homens e mulheres de uma nova geração que se seguirá muito mais tarde, e que trará a paz a esta Terra. Atravessamos o caminho, e então vimos uma réstia da luz do dia. Nós nos apressamos ao máximo, e ganhamos o espaço aberto entre as rochas. Eu olhei com carinho para o Potala, e para Chakpori, e a seguir contemplei o íngreme caminho à nossa frente e me perguntei realmente como conseguiríamos passar por ali.

Naquele exato momento ocorreu um tremendo abalo, como se o mundo inteiro estivesse chegando a seu fim. A porta feita de rocha caíra, e mal podíamos crer no que víamos. Não havia mais nenhum indício de uma abertura, nenhum sinal de uma passagem para o interior da montanha. Era como se pensássemos que aquela aventura não acontecera.

Assim levamos de vencida nossa descida da montanha, e eu olhei para o meu guia, e pensei no fato de que ele iria morrer nas mãos traiçoeiras de comunistas. E pensei em minha própria morte, que iria acontecer num país estrangeiro. Mas então o Lama Mingyar Dondup e eu estaríamos unidos no Sagrado Paira.

Epílogo

E assim uma outra história verídica chega ao seu término. Agora não resta senão aguardar em meu leito de hospital até que meu Cordão de Prata seja cortado e a Taça Dourada seja partida, para que eu possa ir para o meu Lar Espiritual: Patra.

Há tantas coisas que eu podia ter feito. Teria gostado, por exemplo, de ter falado na Liga das Nações, ou como quer que chamem esse organismo atualmente, em nome do Tibete. Mas houve muita inveja, excessivo despeito, e o Dalai Lama se encontrou numa posição difícil ao aceitar ajuda exterior, e assim sendo, é claro, ele não poderia ir contra seus desejos.

Eu podia ter escrito mais sobre o Tibete, mas aí de novo despontaram a inveja e artigos tendenciosos, e a imprensa tem sempre visado algo terrivelmente chocante ou o que se chama "maledicente" e que praticam diariamente.

A transmigração é uma verdade. Ela é um fato real da vida, e costumava ser na realidade uma grande ciência. Ela é como um homem viajando pelo ar para seu ponto de destino e que encontra depois um carro à sua espera assim que desce do avião. Somente ocorre na transmigração que um Grande Espírito assume o comando de um corpo que irá cumprir uma missão a ele outorgada.

Estes livros, os meus livros, são verdadeiros, absolutamente verídicos, e se vocês pensarem que este livro em particular tem sabor de ficção científica, estão enganados. A ciência nele contida poderia ter sido muitas vezes ampliada houvessem os cientistas se mostrado realmente interessados nela, mas a ficção. . . bem, simplesmente não há nenhuma dose dela nesta obra, nem mesmo "licença poética". Portanto, volto a me deitar em meu leito de hospital aguardando a minha libertação da longa noite de horror que é a "vida" sobre a Terra. Meus gatos têm sido um alívio e uma alegria para mim, e eu os amo mais do que a um ser humano.

Agora, apenas uma palavra final. Alguma pessoa já tem tentado "me matar". Algumas pessoas em Plymouth Inglaterra, espalharam a notícia de que eu falecera, mas do "Outro Lado" mandara que iniciassem um curso de correspondência, e que eu (do "Outro Lado") estaria à testa disso e nós nos corresponderíamos de acordo com o Conselho Ouija. Ora, o Conselho Ouija é uma completa farsa, e pior ainda, porque em alguns casos ele pode permitir a perigosos ou travessas entidades, usando-o, tomarem posse da pessoa em questão.

Possam os Bons Espíritos proteger vocês.

Notas

Notas

[←1]

Povo que habita em ambos os lados da fronteira entre o Paquistão e o Afeganistão Oriental.